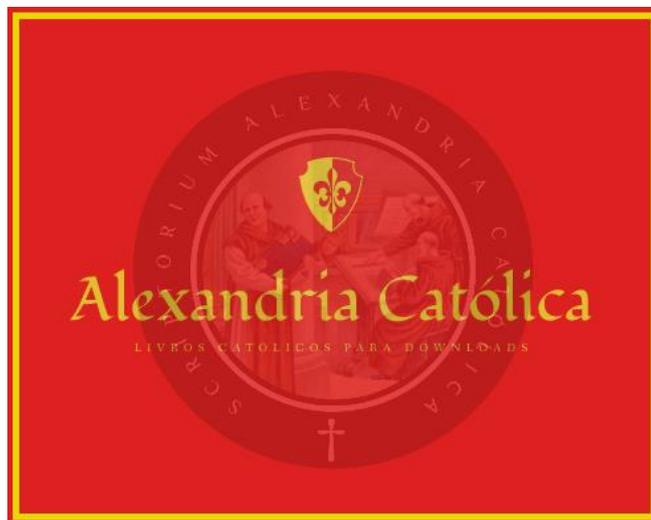


Rumo à Felicidade

Arcebispo Fulton J. Sheen

Tradução de Dr. A. J. Alves das Neves
pároco de São Pedro da Cova

Disponibilizado em:



Livraria Figueirinhas Porto, 1956

“Vós tendes escrito e falado bem de Jesus Cristo.

Vós sois um filho fiel da Igreja”

O que é a Verdadeira Felicidade?

Com toda certeza podemos afirmar que a verdadeira felicidade não se encontra na finitude das coisas terrenas, sejam elas a riqueza, o poder, o orgulho, a mentira, nem mesmo em coisas temporais, como os prazeres, em viagens e experiências das mais diversas... Não! Fomos criados para o infinito e em nossos corações há um desejo pelo Infinito! Logo, devemos nos questionar: porque depositar nossos esforços em buscar a felicidade no que é perecível?

Devemos, portanto, almejar os Céus, a Pátria Celeste, a vivermos de fato como Cristo e na esperança de Cristo Ressuscitado, como nos exortara no Sermão da Montanha para que sejamos “perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste” (Mt 5, 48). Eis o que é a Verdadeira Felicidade: buscarmos a Deus e em tudo fazer a Sua santíssima Vontade!

“Nunca serás feliz se a tua felicidade depender somente daquilo que tu desejas. Muda o teu foco. Encontra um novo centro, será o que Deus quiser, e ninguém poderá tirar a tua alegria”

Fulton J. Sheen

INTRODUÇÃO

Plano e Propósito

FELICIDADE

Capítulo I — Contentamento

Capítulo II — Humildade

Capítulo III — Egoísmo

Capítulo IV — Alegria

Capítulo V — Estará o homem moderno longe da Paz?

Capítulo VI — O Eu e a Lei Moral

Capítulo VII — Desprendimento

Capítulo VIII — Regresso ao Nada

Capítulo IX — O Subterrâneo

Capítulo X — A necessidade de Revolução

Capítulo XI — Alegria Interior

Capítulo XII — O Amor é Infinito

Capítulo XIII — A Filosofia do Prazer

TRABALHO

Capítulo XIV — Trabalho

Capítulo XV — Repouso

Capítulo XVI — Os Ociosos da Praça

AMOR

Capítulo XVII — As Três causas do Amor

Capítulo XVIII — O Amor na Decepção

Capítulo XIX — Amor Verdadeiro

Capítulo XX — Os Efeitos da falta de Amor

Capítulo XXI — O Infinito e o Sexo

Capítulo XXII — Reflexões sobre o Amor

Capítulo XXIII — O Mistério do Amor

Capítulo XXIV — Amor e Êxtase

AS CRIANÇAS

Capítulo XXV — Maternidade

Capítulo XXVI — Pais e Filhos

JUVENTUDE

Capítulo XXVII — Sangue, Suor e Lágrimas

Capítulo XXVIII — Os Adolescentes

Capítulo XXIX — Ainda os Adolescentes

Capítulo XXX — Amores da Juventude

DESTINO DO HOMEM

Capítulo XXXI — Supremo Valor

Capítulo XXXII — Riqueza e Poder

Capítulo XXXIII — Em Deus está a nossa Conservação

PAZ INTERIOR

Capítulo XXXIV — O Pecado Impune

Capítulo XXXV — Concentração

Capítulo XXXVI — O Espírito de Perdão

Capítulo XXXVII — Vida Interior

Capítulo XXXVIII — Uma rápida Psicanálise

Capítulo XXXIX — Autodisciplina

Capítulo XL — Amabilidade

Capítulo XLI — O Medo e a Ética

Capítulo XLII — Repouso e Meditação

DAR

Capítulo XLIII — É melhor Dar que Receber

Capítulo XLIV — O Problema de Dar

Capítulo XLV — O Espírito de Servir

Capítulo XLVI — Como se há de Dar

CONVIVÊNCIA

Capítulo XLVII — A Divina Psicologia da Murmuração

Capítulo XLVIII — Homens Atômicos

O HOMEM

Capítulo XLIX — O Progresso

Capítulo L — O Homem Massa

Capítulo LI — Incitamento à Vida Interior

Capítulo LII — Moralidade de Espirro

Capítulo LIII — O que nos torna normais

Capítulo LIV — Como Vencer os Maus Hábitos

Capítulo LV — Presteza para o Sacrifício

Capítulo LVI — Poderá a Compaixão subsistir por si só?

Capítulo LVII — Por que não somos melhores

Capítulo LVIII — A revolução começa pelo Homem

Capítulo LIX — Ainda há Esperança

INTRODUÇÃO

Plano e Propósito

Estes artigos foram escritos com um particular propósito, um método especial e um espírito intencional. Será seu propósito levar aos corações conforto, remédio e esperança; às inteligências, verdade e luz; às vontades, bondade, força e coragem. O método será a aplicação da moral eterna e dos princípios espirituais aos problemas básicos da vida individual e social de hoje. O seu espírito será o da caridade: o amor de Deus e o amor do próximo.

E este prefácio deseja explicar os pressupostos basilares deste livro.

PRIMEIRO — O demasiado ascendente adquirido nos nossos dias pela política é um indício de que o povo não governa, mas é governado. A complexidade da nossa civilização obriga a organizar-nos em grupos cada vez mais amplos; tornamo-nos assim tão atentos ao governo do que existe fora de nós que negligenciamos o governo de nós mesmos. Entretanto, o segredo do aperfeiçoamento social estará sempre no aperfeiçoamento pessoal. Refazei o homem e refareis o mundo. Urge restituir ao homem o respeito por si mesmo e dar-lhe a honra adequada: — livrá-lo-á isto de se curvar, covardemente, perante aqueles que ameaçam escravizá-lo, e dar-lhe-á coragem para defender sozinho, se preciso for, o que é justo, quando o mundo for injusto.

SEGUNDO — Como a sociedade é constituída de homens, também, por sua vez, o homem é constituído pelos seus pensamentos, pelas suas decisões e pelas suas preferências. Nada jamais aconteceu no mundo que não tenha acontecido, primeiro, no espírito de algum homem: — a realidade material do arranha-céus concretiza apenas o sonho do arquiteto. A própria realidade do nosso ser físico é uma consequência dos nossos pensamentos: — os psicólogos reconhecem o fato de que o nosso corpo só se cansa por causa do cansaço do espírito. Inquietação, ansiedade, temor e tédio sentem-se fisicamente: a fadiga mental manifesta-se em nós em fadiga física. A razão fundamental do cansaço da alma é o conflito que existe em todos, entre o ideal e a realização, entre o que devemos ser e o que somos, entre o que desejamos e o que possuímos, entre a nossa capacidade de entender e os mistérios incompreensíveis do universo. Não pode subsistir uma casa dividida contra si mesma; no homem, esta perene tensão só pode ser aceita e tornar-se suportável por uma doação de si mesmo a Deus. Aconteça, depois, o que acontecer, será bem-vindo como uma dádiva de amor; não nos pode sobrevir a decepção, porque não temos qualquer desejo obstinado, egoísta. Só pode salvar-se a sociedade, se for salvo o homem destes conflitos

insuportáveis, e o homem só deles poderá libertar-se se for salva a sua alma. Ainda não há muito tempo, depositavam os homens no progresso material a sua esperança de felicidade; agora, passou este aspecto de superficial otimismo; o fardo pesado de inquietação e ansiedade acerca do futuro da raça e do indivíduo, tornou os homens conscientes da sua alma.

TERCEIRO – A nossa felicidade consiste em realizar a finalidade do nosso ser. Todo o homem sabe, pelo seu próprio desejo ardente, mas insatisfeito por elas, que foi dotado de capacidade para três coisas, de que nunca se sente com o bastante. Quer vida — não por poucos minutos, mas para sempre, e sem velhice ou doença que a ameacem. Quer também apoderar-se da verdade — não por eleição forçada entre verdades matemáticas ou geográficas, mas quer toda a verdade. Quer em terceiro lugar amor — não com limite de tempo, nem misturado com a saciedade ou desilusão, mas amor que seja um êxtase permanente.

Estas três coisas não se podem encontrar, em plenitude, nesta vida: sobre a terra, a vida é ensombrada pela morte, a verdade misturada com o erro, o amor associado ao ódio. Compreendem, porém, os homens que não anelariam por estas coisas na sua pureza, se não fosse possível encontrá-las, algum dia. Portanto, sendo dotados de razão, procuram a fonte donde derivam estas misturadas e imperfeitas gotas de vida, de amor e de verdade.

Esta procura assemelha-se a investigar a origem da luz num quarto: ela não pode vir de debaixo duma cadeira, onde a luz está misturada com trevas e sombras. Mas pode vir do sol, onde a luz é pura, sem quaisquer sombras ou trevas que a ofusquem. Indo à procura da origem do amor, da luz, da verdade, como aqui os conhecemos, temos de ultrapassar os limites deste mundo envolto em sombras — para uma Verdade não misturada com a sua sombra, o erro para uma Vida não misturada com a sua sombra, a morte — para um Amor não misturado com a sua sombra, o ódio. Temos de procurar a Pura Vida, a Pura Verdade e o Puro Amor — eis a definição de Deus. A Sua Vida é bastante pessoal para ser Pai; a Sua Verdade, bastante pessoal e compreensível para ser Filho; o Seu Amor é tão profundo e espiritual que é Espírito.

Quando bastantes homens tiverem encontrado este caminho da felicidade, encontrar-se-ão também uns aos outros na fraternidade. Aparecerá depois a Paz social.

FULTON J. SHEEN

FELICIDADE

Capítulo I Contentamento

O contentamento não é uma virtude inata. É adquirido com grande decisão e diligência no domínio dos desejos desordenados; por isso, é uma arte que tem poucos discípulos. Porque há milhões de almas descontentes no mundo atual, poderá ser-lhes proveitoso analisar as quatro principais causas de descontentamento, e sugerir os meios de contentamento.

A principal causa de descontentamento é o egoísmo, ou amor-próprio, que coloca o eu acima de tudo, como o centro do mundo, ao redor do qual toda a gente deve girar. A segunda causa de descontentamento é a inveja, que nos faz considerar as riquezas e os talentos alheios, como se nos tivessem sido roubados. A terceira causa é a cobiça, ou o desejo desordenado de ter mais, para compensar o vazio do nosso coração. A quarta causa de descontentamento é o ciúme, que, umas vezes, é ocasionado pela melancolia e tristeza e, outras, pelo ódio àqueles que possuem o que para nós cobizamos.

Pensar que o contentamento procede de alguma coisa de fora de nós e não de uma qualidade da alma, é um dos maiores enganar. Havia um rapaz, outrora, que só queria uma pequena bola de mármore; quando teve essa bola, queria uma bola de borracha; depois só queria um pião; a seguir, só queria um papagaio; e quando teve a bolinha, a bola, o pião e o papagaio ainda não era feliz. Tentar fazer feliz um descontente é o mesmo que tentar encher uma peneira de água. Por mais água que dentro dela derrameis, ela esvai-se e nunca conseguireis encher a peneira. O contentamento não está também na mudança de lugar. Alguns julgam que, se estivessem numa parte diferente da Terra, gozariam de maior paz de alma. Uma dourada num aquário e um canário numa gaiola principiaram, num dia quente, a conversar. O peixe dizia: — «Quem me dera poder balançar-me como o canário; como ele morar lá em cima, naquela gaiola!» Por sua vez, o canário dizia: «Oh! Como deve ser agradável estar metido na água

fresca, onde o peixe está.» Subitamente, ouviu-se uma voz que dizia: «Canário, mergulha na água! Peixe, trepa para a gaiola!»

Imediatamente, trocaram de lugar, mas nem um, nem outro foi feliz, porque, originariamente, Deus tinha destinado a cada um o lugar que, segundo a sua natureza, mais lhe convinha.

A condição do nosso contentamento é conter-se, é reconhecer limites. É provável que esteja em paz tudo o que está dentro de limites. Um dos lugares mais tranquilos do mundo é um jardim murado. Ficou-se isolado do mundo e, através dos portões daquele, pode olhar-se sobre este, com a poesia que dá a distância, e sonhar-se com os seus encantos. Assim, se a alma do homem se confinar aos seus limites (quer dizer, se não for avarenta, nem ambiciosa, nem trapaceira, nem egoísta), também estará cercada por um tranquilo e alegre contentamento. O homem contente, limitado e manietado embora pelas circunstâncias, faz dos próprios limites o remédio da sua inquietação. Se um jardim tem um ou três acres, ou se tem ou não tem um muro não é a questão; a questão está em que vivamos dentro dos seus limites, grandes ou pequenos, para que possamos ter um espírito tranquilo e um coração feliz.

O contentamento procede, por conseguinte, em parte, da fé — isto é, da finalidade consciente da vida e da convicção de que os sofrimentos, sejam quais forem, nos advêm da mão de um Pai Amoroso. Em segundo lugar, para haver contentamento, necessário se torna ter uma boa consciência. Sendo infeliz o nosso interior, por fracassos morais e por culpas não expiadas, nada do exterior pode, então, dar tranquilidade ao espírito. O terceiro e último requisito é a mortificação dos desejos e a limitação dos prazeres. Os maiores lutos vêm ordinariamente dos maiores amores. Pelo contentamento é realçado o prazer e suavizado o sofrimento. Mais leves se tornam os males, se forem, pacientemente, suportados; contudo, os maiores benefícios podem ser envenenados pela insatisfação. Sem o nosso contributo voluntário, já as misérias da vida são bem profundas e extensas.

O contentamento com a nossa condição terrena não é incompatível com a ânsia de perfeição. Ao pobre mais pobre o Cristianismo não recomenda que esteja apenas contente, mas «que seja diligente nos negócios.»

O contentamento que se deve gozar refere-se ao momento presente.

Se for pobre, hoje, um homem, a fé ordena-lhe que, nesse mesmo dia, esteja satisfeito; mas a libertação da sua pobreza pode ser-lhe vantajosa amanhã, e, por isso, o pobre trabalha por aumentar a sua prosperidade. Pode não ser bem sucedido; se a pobreza perdurar um dia mais, resigna-se e recomeça, então, até atingir o triunfo. Deste modo, o contentamento é relativo ao nosso estado presente e, em relação às exigências plenas da nossa natureza, de maneira nenhuma absoluto. Ainda que não tenha mesmo

nada, o homem contente nunca é pobre. Ao passo que, por muito que tenha, o homem descontente nunca é rico.

Capítulo II Humildade

A principal causa da infelicidade íntima é o egoísmo ou amor-próprio. Aquele que, jactando-se, se dá a si mesmo importância, está a apresentar credenciais da sua falta de valor. É o orgulho uma tentativa para criar a impressão de que somos o que, realmente, não somos.

Quão mais feliz seria a gente, se, em lugar de exaltar o seu eu até o infinito, o reduzisse a zero. Encontraria, então, o verdadeiro infinito, mediante a mais rara das virtudes modernas, a humildade. A humildade é a verdade de nós mesmos. Não é humilde o homem que, tendo de altura 1,80 cm, disser: «tenho 1,60 cm». Aquele que, sendo bom escritor, disser: «sou um escrevinhador», também não é humilde. Fazem-se tais afirmações com o fim de poder obter um desmentido e assim granjear louvores. Seria, pelo contrário, mais humilde o que dissesse: «Bem, todo o talento que tenho é um dom de Deus e eu Lho agradeço»

Quanto mais alto é o edifício, mais profundos devem ser os alicerces; quanto maiores forem as alturas de perfeição a que se aspire, tanto mais profunda há-de ser a humildade. Como disse João Batista, quando viu Nosso Senhor: «Eu devo diminuir; Ele, porém, crescer». As flores, humildemente, morrem no inverno, e fazem da raiz materna a sepultura. Mortas para o mundo, debaixo da terra se escondem, em modesta humildade, ocultas aos olhos dos homens. Mas, porque se humilharam, serão exaltadas e glorificadas, na primavera que voltar.

Só pode encher-se um recipiente vazio; também Deus só pode derramar as Suas graças, quando o eu estiver desentumecido. Há quem esteja já tão cheio de si mesmo que é impossível ao amor do próximo ou ao amor de Deus entrar. Visto que, constantemente, buscam os seus interesses, são enfeitados por todos. A humildade, porém, faz-nos receptíveis aos dons alheios. Não podias dar, se eu não recebesse. É o receptor que faz o dador. Assim Deus, antes de ser dador, precisa de encontrar um receptor. Mas, se não se for bastante humilde para receber de Deus, nada se recebe, então.

Um homem, possesso do demônio, foi levado a um Padre do Deserto. Quando o Santo ordenou ao diabo que se retirasse, o diabo perguntou-lhe: «Qual é a diferença entre as ovelhas e os bodes que Deus porá à sua direita e à sua esquerda, no dia do Juízo?» O Santo respondeu: «Eu sou um dos bodes» O demônio disse: «Por causa da tua humildade, eu saio».

Dizem muitos: «Tenho trabalhado, durante tantos anos, para os outros e para Deus, e que proveito tirei eu disso? Não sou nada ainda» A resposta é a seguinte: ganharam alguma coisa; ganharam a verdade da sua própria pequenez e, certamente, grandes méritos para a vida futura. Estavam, um dia, dois homens numa carruagem. Um deles disse: «Este assento não chega bem para si». O outro respondeu: «Se nos amarmos um ao outro, um pouco mais, então já haverá lugar bastante»,

Perguntai a alguém: «És santo?» Se responder afirmativamente, podeis estar bem certos de que o não é.

Quem é humilde concentra-se nos seus próprios defeitos e não nos dos outros; nada vê no próximo, senão o que é bom e virtuoso. Leva as suas faltas não às costas, mas à sua frente. Os defeitos do próximo, porém, leva-os num saco, às costas, e assim nunca os verá. O homem orgulhoso, ao contrário, de toda a gente se queixa e crê que foi afrontado ou que não foi tratado como merecia. Quando o homem humilde é maltratado, não se queixa, porque sabe que é tratado melhor do que merecia. Do ponto de vista espiritual, o orgulhoso da sua inteligência, talento ou voz, e nunca o agradece a Deus, é um ladrão; recebeu dádivas de Deus e nunca reconheceu o Dador. As espigas de cevada, que têm os grãos mais ricos, são as que sempre pendem para mais baixo. O humilde nunca perde a coragem, ao passo que o orgulhoso cai no desespero. O humilde tem sempre a Deus a quem recorrer; o orgulhoso, apenas o seu próprio eu que ruiu.

Uma das mais belas orações a implorar humildade é a de São Francisco: «Senhor, fazei de mim o instrumento da Vossa Paz. Onde houver ódio, deixai-me semear o amor; onde houver ofensa — o perdão; onde houver dúvida — a fé; onde houver desespero — a esperança; onde houver escuridão — a luz; onde houver tristeza — a alegria. Ó Divino Mestre, permiti que eu procure nos outros não ser consolado, mas sim consolar; não ser compreendido, mas sim compreender; não ser amado, mas sim amar. Porque é dando que recebemos, perdoando que somos perdoados, morrendo que nascemos para a Eterna Vida»

Capítulo III

Egoísmo

O egoísmo é uma mentira em ação: supõe que os caprichos, paixões e desejos instintivos têm precedência sobre a lei moral, a fraternidade dos outros seres humanos e a vontade do próprio Deus. O egoísta é como um pêndulo que pugna pelos seus direitos contra os do relógio ou como uma nuvem em rebelião contra o céu, ou como um braço, que teima ignorar o corpo de que faz parte. Fazendo apenas o que os seus desejos interesseiros reclamam, o egoísta acaba por odiar tudo o que faz. É como uma criança da escola progressiva, que se lamenta: «Mas tenho de fazer sempre aquilo que quero?»

Com o tempo o amor-próprio leva-o ao ódio de si mesmo. A criança, que comeu o gelado que era para a família inteira, chega a aborrecer até a vista dessa iguaria; e a este asco meramente animal e, digamos, inerente à sua condição, junta-se a repugnância por si mesma, de ter cometido o pecado de gula. Este ódio a si próprio é o castigo moral que se sofre pela gula, assim como a aversão pelo gelado é o efeito físico, corpóreo, da mesma falta.

Os homens, cujo tédio de si mesmos lhes causa náuseas, esmagam, instintivamente, o coração, tentando expulsar o mal da cidadela íntima da sua alma. Os ateus são mais propensos a este rancor que os crentes: visto que não reconhecem a Misericórdia e o Amor de Deus, que nos curará da aversão a nós mesmos, podem levar o seu desespero até a loucura do suicídio. A autodestruição é uma projeção, uma repercussão externa da tragédia íntima, na qual o mesquinho eu desafiou o que era mais nobre do que ele e, enojado pelos efeitos desta rebelião, chegou ao ódio antinatural da vida. Tanto Pedro como Judas, quando negaram a Nosso Senhor, se revoltaram contra a Vida. Ambos eles foram prevenidos de tal revolta; ambos, por causa da sua falta, foram chamados «demônios»; e ambos se arrependeram. Mas Judas arrependeu-se fechado em si mesmo, agarrado ao seu eu, na inútil agonia do desespero. Pedro, arrependendo-se em Deus, esvaziou-se do pecado pela humildade e recuperou a alegria.

Somente pode curar o desespero a submissão de si mesmo a alguma coisa de mais elevado do que nós; de fato, esta humildade não só tira da alma o orgulho, mas até o julgamento de si próprio, dando lugar ao afluxo da Verdade e do Amor Divino. «O que se humilhar, será exaltado; o que se exaltar será humilhado»... mas a aversão de si mesmo é a exaltação do eu, como juiz severo e definitivo. Enquanto a tabuleta com «escritos» não estiver suspensa da alma vazia de preocupações consigo mesmo, não poderá entrar o Divino Locatário.

A nossa atitude para com o louvor é uma prova de verdadeira humildade. É orgulhoso o que gosta da publicidade porque está procurando justificar-se, perante os homens; o humilde, na verdade, refere todo o louvor a Deus. Se tiver talento, sabe que Deus lho deu e que deve ser usado no serviço do seu real Senhor. É como uma janela, contente por deixar brilhar, através dela, a luz do Sol de Deus, sem pensar que a luz é uma criação sua.

O humilde aceita não só o louvor, mas também a censura, como dons de Deus: tanto o desagradável como o agradável vem d'Aquele que o ama. Dirá como Job: «O Senhor o deu, o Senhor o tirou; bendito seja o Senhor»

O egoísta, porém, não pode esquecer-se de si mesmo, ainda que suspeite ou se ofenda da sua pequenez: pensa que pode ocultar a sua inferioridade pela constante jactância de si mesmo. Cativo de Deus e não do desespero é o humilde, porque sabe que é amado pelo Próprio Amor. O egoísta está, constantemente, a lamentar-se de que

não é bastante apreciado pelos outros, e não consegue descortinar que isso é o resultado de se centrar em si mesmo. Deriva o seu sofrimento — como quase todas as formas de infelicidade — da obstinada recusa em render a sua vontade.

O tempo mais feliz é aquele em que nos esquecemos de nós, para, amavelmente, nos lembrarmos dos outros. Esse breve momento de auto-abdicação é um ato de verdadeira humildade: o homem que se perder, encontrar-se-á e encontrará a sua felicidade.

O tédio e o desespero são doenças a que só os egoístas são propensos. O remédio para eles é sempre o mesmo: a humildade. E isto significa estarmos mais enamorados de Deus do que de nós mesmos.

Capítulo IV

Alegria

A alegria é o delicioso experimentar de sentimentos de prazer pelo bem adquirido e, atualmente, desfrutado, ou a perspectiva do bem que se espera alcançar. Pode haver alegrias naturais e alegrias espirituais. Alegria natural será a alegria da juventude, antes de ter a alma cansada pela desilusão, ou a alegria da saúde, quando é agradável e saboroso o alimento, ou a alegria do triunfo, quando a batalha foi ganha, ou as alegrias da afeição, quando se é amado. Todas estas alegrias se tornam mais intensas e sólidas, quando têm por base a alegria espiritual. Nenhuma felicidade terrena será permanente e perfeita, se não estiver associada a uma boa consciência.

A alegria espiritual é uma tranquilidade de espírito no meio das vicissitudes da vida, semelhante à da montanha, quando o temporal desaba sobre ela. Com aquele que não está arraigado ao Divino, todo o revés se amplifica. Não pode aplicar, plenamente, as suas faculdades a uma só coisa, porque está perturbado por muitas.

Alegria não é o mesmo que jovialidade. A jovialidade é um ato, a alegria um hábito. A jovialidade é como um meteoro, a alegria como uma estrela; a jovialidade é como um espinheiro crepitante, a alegria como uma chama. A alegria, sendo mais permanente, torna mais fáceis as ações difíceis. Os soldados, depois de longa caminhada, dificilmente marchariam tão ligeiros, se não marchassem ao som da música. Um coração alegre acha sempre suave o jugo e a carga leve.

Nenhuma enfermeira, com certeza, é útil no quarto de um doente, se não for dotada de espírito alegre. Duas coisas devem ter uma enfermeira, antes de entrar no quarto de um doente: uma ferida e o sentido do bom humor. Uma ferida, para poder avaliar o que custa a dor; o sentido do bom humor, para saber difundir a felicidade. Não é preciso que esta ferida seja física, mas simbólica, quer dizer, importa que se seja, profundamente, compreensivo das penas e dos sofrimentos dos outros. Nada há que faça prolongar tanto a doença como um rosto carregado.

A alegria depende muito mais do coração do que da razão. Os carinhos da esposa e dos filhos despertam e aumentam muito mais a satisfação do chefe de família do que os raciocínios da sua inteligência, por mais penetrantes que sejam. Diante do berço, o pai parece ter os atributos de Ser Eterno, que infundiu a sua ternura e o seu amor naquela criança. O potencial de alegria é sempre uma prova clara do estado moral do homem. Ninguém pode ser feliz no exterior, se não for feliz já no interior. Se o sentido da culpa oprimir a alma, nenhuma soma de prazeres do exterior poderá compensar a falta de alegria do interior. Como a tristeza é a companheira do pecado, a alegria é a companheira da santidade.

Tanto se pode sentir alegria na prosperidade, como na adversidade. Na prosperidade, consiste ela não nos bens que gozamos, mas nos que esperamos; não nos prazeres que sentimos, mas nos que acreditamos ver, um dia. Podem abundar as riquezas, mas as que esperamos são daquelas que a traça não corrói, nem a ferrugem consome, nem os ladrões assaltam e roubam. Mesmo, na adversidade, pode haver alegria, na certeza de que até o Divino Mestre morreu na Cruz, como condição para ressuscitar.

Se, hoje, a alegria não é vulgar, é porque há almas tímidas que não têm coragem para se esquecer de si mesmas e fazer sacrifícios pelo próximo, ou, ainda, porque um humanitarismo acanhado torna as coisas mais sedutoras da vida futura de aparência vã. Quanto mais uma fé ardente em Deus e um cuidado sério pela salvação da alma se desvanecerem da vida, tanto mais desaparecerá a alegria e voltar-se-á ao desespero dos pagãos. Os antigos Gregos e Romanos sempre viram, ao longo do seu caminho, uma sombra e um cadáver a seus pés. Não era surpresa alguma que um Romano, que não sabia por que viver e nada tinha a esperar da vida, entrasse no banho e, rompendo uma veia, tranquila e insensivelmente, morresse exangue. Certo dia, disse da vida um famoso poeta grego que era melhor não ter nascido e que a melhor coisa depois desta seria deixar a vida, o mais depressa possível. Tudo isto está no extremo oposto do que disse Paulo: «Alegrai-vos, sempre, no Senhor e, mais uma vez, vos digo, alegrai-vos»

Capítulo V

Estará o homem moderno longe da Paz?

Só quem desconhece o significado da palavra «felicidade» é perigosamente infeliz. É insuportável a vida apenas para aqueles que ignoram o motivo por que vivem; os homens, em tal estado de alma, equacionam, confundem felicidade com prazer (o que não é a mesma coisa) e identificam alegria com prurido das extremidades nervosas (o que não é verdade). Coisas que sejam do exterior, nunca nos trazem paz interior. Quanto mais persistentemente se procurar a satisfação e a finalidade da existência em alguma

coisa fora do nosso domínio, tanto mais precária ela será e mais sujeito se estará a desilusões.

Há dois movimentos para a felicidade. O primeiro é o nosso afastamento do exterior... de uma excessiva absorção pelas coisas do mundo. O segundo movimento é muito mais profundo: é uma ascensão do que é inferior em nós para o que é superior, do nosso egoísmo para o nosso Deus. O homem moderno tem experimentado o primeiro movimento; as coisas exteriores têm-se transformado para ele em outras tantas fontes de sofrimento. Guerras, crises, inseguranças e vacuidade da vida têm aterrado tanto os homens, que procuram eliminar os seus contatos com o mundo exterior e começam a procurar satisfação no seu interior, embora limitado. É esta a razão por que a psiquiatria está a ter tamanha relevância: alarmada com o que encontra fora de si, a alma moderna recolheu às sombras e começou a procurar contentamento na análise do subconsciente, das ansiedades e receios, dos desalentos e fracassos.

Mas tal auto-recalcamento pode representar uma prisão, se se estiver fechado a sós com o próprio eu, porque não há colete de forças mais apertado que o homem encerrado na sua própria pessoa.

A cura nunca se fará, usando um escalpelo psicanalítico, para libertar o íntimo pus moral e vê-lo depois escorrer; seria isto um ato mórbido para o doente e para o clínico. O remédio consiste, antes, em descobrir por que se está só e temeroso da solidão — de fato a maior parte das pessoas tem medo de estar só, sem saber por que essa sensação as amedronta.

O problema dos nossos dias é saber como encontrar a paz interior, e é nisto que o século XX se diferencia do século XIX. Há cem anos, olhavam os homens para o mundo exterior, em busca de respostas para os seus problemas: adoravam a ciência ou a natureza, e esperavam que a felicidade viesse do progresso, da política ou da riqueza. O homem do século XX está agastado consigo mesmo. Está ainda mais preocupado com o problema sexual do que com o próprio prazer sexual; está mais interessado na atitude mental a tomar perante ele, do que na sua satisfação física e na procriação dos filhos.

Absorvem-no os seus próprios valores, disposições e atitudes.

Embora, nos nossos dias, se tenham escrito muitos disparates da vida interior do homem, o que é certo é que o século XX está mais perto de Deus, do que o século XIX. Vivemos nas vésperas de um dos maiores renascimentos espirituais da história humana. As almas, quando se sentem mais afastadas de Deus, a ponto de desesperarem, é então que, por vezes, mais próximas estão d'Ele. A uma alma vazia, pode o Divino enchê-la; uma alma perturbada pode o Infinito pacificá-la. Mas uma alma apenas preocupada consigo mesma e, além disso, orgulhosa, é inacessível à graça.

O homem moderno foi humilhado: nem as suas vaidosas esperanças de progresso, nem a ciência resultaram, como esperava. Não chegou ainda ao ponto de se humilhar a si mesmo. Está ainda preso a si mesmo e o seu horizonte não vai além de si mesmo.

Podem os psicanalistas esquadrihar-lhe os pensamentos, por mais alguns anos; mas não vem longe o tempo, em que os homens hão de pronunciar um aflitivo apelo a Deus, para os elevar da cisterna vazia do seu próprio eu. Santo Agostinho sabia-o muito bem, quando disse: «Os nossos corações estão inquietos, enquanto não descansarem em Ti»

É por esta razão que, embora nos ameace uma guerra catastrófica, os tempos não são tão maus como parecem. O homem moderno não se voltou ainda para Deus, mas, ao menos, voltou-se para si mesmo. Com a graça de Deus, mais tarde, ultrapassar-se-á e transcender-se-á a si mesmo, e já agora o está tentando. Nunca se procurou algo que não se soubesse que existia; atualmente, a alma desiludida anda à procura de Deus como da lembrança de um nome que conhecia.

À diferença que existe entre os que encontraram a Deus na fé e os que ainda O estão buscando, é a mesma que existe entre a esposa, que é feliz no gozo da companhia do seu marido, e a rapariga que não sabe se jamais o encontrará e, por isso, talvez tente atrair os homens por meios ilícitos. Os que procuram prazeres, fama e riquezas andam todos em busca do Infinito, mas estes caminheiros estão ainda nos arrabaldes da Cidade Eterna. Os que têm fé penetraram já no seu real lar do Infinito e encontraram «a paz, que o mundo não pode dar». Assim como alguém pode descortinar, a grande distância, um vulto, e, contudo, não reconhecer nele o amigo, há muito tempo perdido, assim também se pode sentir a necessidade do Infinito e desejar o perene êxtase de amor, e nisso não reconhecer Deus.

Por mais perverso que se seja, ninguém há que esteja sujeito aos prazeres ilícitos e não tenha consciência da sua sujeição e da sua escravidão. Talvez seja esta a razão por que os alcoólicos muitas vezes são mentirosos; os seus lábios negam uma escravidão que o seu viver tão visivelmente testemunha. Pouco desejosos de confessar o seu erro, esses homens recusam ainda admitir a Divina Verdade; a sua tristeza, porém, e a sua vacuidade, finalmente, conduzi-los-ão ao Deus de misericórdia.

Está, hoje, o nosso mundo exterior em dificuldades desesperadas, mas o mundo interior do homem de modo algum o damos por perdido. O mundo da política e da economia é incapaz de acompanhar o desenvolvimento psicológico do homem. O mundo está longe de Deus, mas os corações humanos não. Eis porque a paz virá menos das mudanças políticas que do próprio homem. Impelido pelo tumulto exterior a refugiar-se na própria alma, o homem elevar-se-á acima de si mesmo para a felicidade para que foi criado.

Capítulo VI

O Eu e a Lei Moral

Concordam, universalmente, os grandes psicólogos de todos os tempos, que a origem de toda a infelicidade está no amor-próprio ou no egoísmo. O egoísmo é a rejeição do duplo mandamento do amor de Deus e do próximo, e a adoção da própria pessoa como padrão de toda a verdade e moralidade. Os que vivem enclausurados dentro do próprio eu, passam por três fases, a primeira das quais é a complacência desordenada com os seus próprios apetites. Quando o eu se torna absoluto, todas as outras pessoas, acontecimentos e coisas passam a ser meios de lhe dar prazer. Sem olhar a conveniências, o eu, na juventude, deseja satisfazer a sensualidade; na idade adulta, ambiciona o poder; e, na velhice, muitas vezes cambia-se em avareza e em amor de «segurança». Os que negam a imortalidade da alma, substituem-na, quase sempre, pela imortalidade dos meios de subsistência. A renúncia às delícias provindas de Deus termina sempre na rendição aos sentidos.

Sendo impossível, em todas as ocasiões, a complacência com os apetites, não só porque entra em conflito com outros indivíduos gozadores, mas também porque o prazer vai diminuindo com o uso, o eu desce, finalmente, à segunda fase mental do medo. O medo é o amor próprio fossilizado. Aquele que passou a vida em busca de prazeres fora de si mesmo, é dominado pelo receio de perder, porque depositou a sua confiança em coisas que menos sujeitas estão ao domínio da sua vontade. Um homem, quanto mais se apoia a uma bengala que pertence a outro egoísta, tanto mais exposto está a que lha retirem e caia. A desilusão é a sorte daqueles que vivem, totalmente, ao nível dos sentidos! Todo o pessimista é um hedonista malgrado.

Desilusões, saciedade e enfartamento produzem temor. Quanto mais egoísmo, mais temor; quanto mais interesseiro for o indivíduo, tanto mais negros os seus receios. Tudo à volta se torna sombrio, com inimigos em cilada: «Toda a gente é contra mim»

Uns temem a velhice, outros a morte, outros o suicídio, até que, finalmente, vem o desespero, que é o eu abandonado a si mesmo, aos seus recursos, que nada são, como por fim reconhece!

A terceira fase é a ignorância. O egoísmo, porque interrompe a comunhão com Deus e com o próximo, interrompe também o conhecimento dimanado destas duas fontes e apenas se reserva o conhecimento da própria angústia. Torna-se, assim, o egoísta, progressivamente inconsciente da finalidade da sua vida. Pode juntar fatos, mas é incapaz de os concatenar. O seu conhecimento é semelhante aos cursos de um colégio moderno, que se acumulam para adquirir um diploma, mas que não dão uma filosofia da vida. A ignorância multiplica-se à medida que se conhecem mais coisas que não se sabe relacionar. O sábio sabe uma coisa, que se chama o Bom Deus, e tudo o mais é unificado com ela. A ignorância do egoísta torna-o mordaz e cínico; em primeiro lugar,

porque nunca poderá libertar-se da ânsia de Bondade que Deus plantou no seu coração; e, em segundo lugar, porque sabe que já não tem o poder para a querer.

Estes efeitos trágicos do amor-próprio não são sem remédio. O Cristianismo — o que é bastante curioso — parte do suposto de que muitos homens são egoístas. O Divino Mandamento de amar a Deus e ao próximo como a si mesmo, contém virtualmente a ideia de que todos os homens se amam. Estas pequeninas palavras como a si mesmo põem a claro todo o amor-próprio. Levantam a questão: Como é que o homem se ama a si mesmo? Há sempre alguma coisa de que o homem gosta em relação a si mesmo e alguma coisa de que não gosta. Gosta da vida e, portanto, senta-se numa poltrona, veste a roupa mais conveniente e alimenta o corpo, etc. Há, porém, alguma coisa em si de que ele não gosta. Não gosta de si quando se deixa enganar, quando o consideram tolo, ou quando ofende um amigo. Por outras palavras, gosta de si mesmo, como criatura feita à imagem e semelhança de Deus. Não gosta, quando desfigura essa imagem. Assim deve ser amado o próximo. Deve ser amado como pessoa, mesmo que seja um pecador, porque um pecador é uma pessoa. Não deve, porém, amar seu pecado, porque o pecado é uma sombra na semelhança divina. Mais concretamente, devem amar-se os comunistas e odiar-se o comunismo.

Há apenas uma evasiva para esta lei: é questionar sobre quem é o próximo, como fez o doutor da lei. Nosso Senhor respondeu que o próximo não era, necessariamente, aquele que vivia na casa contígua à nossa, mas também os nossos inimigos. Não excluiu, porém, o Senhor a possibilidade de os nossos inimigos viverem na casa mais vizinha!

Capítulo VII

Desprendimento

Parece banal e insípida a vida para muita gente. Admiram-se porque não progredem ou se desenvolvem, porque não se aperfeiçoam ou aprendem. Julgam ter caído em marasmo e gostariam de saber como sair dele.

É simples a resposta a este problema, embora a sua aplicação não seja fácil. É de desprendimento que tais homens e tais mulheres precisam.

O desprendimento é uma questão de quebrar todos os laços que nos prendem à terra, permitindo assim que a nossa alma voe livre para Deus. Somos como balões. E podemos estar presos à terra tanto por cabos de aço, como por débeis fios de teias de aranha; mas, se não são cortados, nunca estaremos livres da prisão das bagatelas, que, cá embaixo, nos prendem e escravizam.

Podem as almas estar inibidas por um sem número de trivialidades do mundo exterior. Põem-se talvez na dependência de uma série de prazeres, de surpresas, dos

noticiários de cada hora, de festins mundanos, de tal maneira que dificilmente há lugar para a vida interior. Sempre que nos tornamos dependentes do mundo exterior, de modo tal que não possamos encontrar felicidade sem ele, a nossa vida interior fica diminuída: todos os «extras», que o corpo exige, são lançados à conta da alma. A frase «eu posso servir-me disto ou deixá-lo intacto» mereceria ser aplicada a muitas coisas, além da bebida: devia ser a nossa atitude para com todo o sustentáculo exterior da felicidade.

Se «necessitamos» do que está fora de nós, somos por isso literalmente absorvidos, e a nossa existência dispersa-se. Somos como uma fonte constantemente exaurida, cujas águas foram absorvidas por outra terra. Algumas pessoas entregam-se tanto ao que é externo que, se forem privadas de alguns prazeres ou bens, quase lhes parece que nem sequer vivem. Aprenderam a apreciar o seu valor mais em relação ao ter do que a ser. Se forem privadas das suas economias e da sua riqueza, estas almas poderão chegar à loucura do suicídio. É tão profunda a sua vassalagem às coisas, que perderam todo o conhecimento da sua verdadeira submissão a Deus.

O remédio para este estado perigoso e infeliz de afeição desordenada é um gradual afrouxamento dos laços que nos encadeiam às coisas externas. Devemos pôr cobro a sermos possuídos por outrem... pelo álcool ou pela barafunda, pelo triunfo ou pelo prazer. Neste assunto tão simples, como lançar mão dum cigarro, o melhor é deixar a vontade humana decidir pró ou contra, em vez de seguir o primeiro impulso. Até aos prazeres legítimos e inocentes se deve às vezes renunciar, para não sermos dominados por eles, nem pelos nossos caprichos egoístas. Porque aquele que vive só para os seus impulsos está em muito má companhia.

Certos indígenas da Austrália só sabem contar até três. Dizem: «Um. Dois. Três. Pronto». A sua filosofia em economia impõe um limite ao que é externo e, provavelmente, tornados mais isentos de cuidados do que a nós que contamos por bilhões.

Os homens vivem pelos seus desejos, mas há em nós a faculdade de escolher se havemos de desejar o que é do espírito ou o que é do mundo. O homem ou a mulher que faz um exame ao dia que acaba, e pode contar cinco vezes em que não cedeu ao capricho do momento, está no caminho do aperfeiçoamento interior: dominou-se e rejeitou a escravidão das coisas.

O apego é limitação; o desprendimento, expansão. O materialista tem uma personalidade limitada, porque vive num universo fechado, que tem por limite as coisas que, pelos sentidos, pode atingir. O egoísta vive num mundo mais estreito ainda: na cela almofadada do seu amor-próprio. O crente rompeu as cadeias do cativo e pode, livremente, elevar-se ao Céu na terra, em que a sua natureza pode expandir-se numa alegria abnegada e sem limites.

Capítulo VIII

Regresso ao Nada

Fez-nos Deus do nada... do nada absoluto... e é bom que lembremos, de vez em quando, este fato. Porque Deus nos fez, somos preciosos; mas, porque viemos do puro nada, jamais podemos vangloriar-nos de autossuficiência. E, porque viemos de Deus, temos um desejo insaciável de voltar a unir-nos com a Sua Vida, Verdade e Amor. Mas, como também somos filhos do nada, estamos tão dependentes d'Ele, como, os raios solares, do sol.

Quando São João Batista viu, pela primeira vez, Nosso Senhor, o seu sentimento do nada obrigou-o a dizer: «Convém que Ele cresça, mas que eu diminua»

Esta atitude não implica qualquer humildade falsa, nem fingimento, desmentido pelos fatos, de que ele ou o seu trabalho fossem sem valor algum. Foi antes o simples reconhecimento de que até a estrela mais brilhante tem de se ofuscar ao raiar do sol nascente. João humilhou-se, diante de Deus; o mesmo podíamos fazer nós, lembrando-nos, uma vez ou outra, de que a nossa origem é o nada. Pode fazer-se isto pela prática da humildade, e, por ela, reviver a nossa criação. Psicologicamente, podemos voltar ao seio do nada, nossa mãe, despojando-nos de tudo o que não é Deus, e, desse modo, regressando ao simples zero, donde Ele nos tirou.

Quando olhamos de frente o que de verdadeiro se passa com a nossa existência, hemos de ver que Ele é o tudo e que nós nada possuímos que não tivesse vindo d'Ele.

Compreenderemos, então, que Ele nos conserva no ser, de momento a momento. Tornamo-nos conscientes de que, sem Ele, nada podemos. O Divino Salvador advertiu os discípulos do seu nada relativo, quando descreveu como se hão de comportar os cristãos num banquete: não devem sentar-se à cabeceira da mesa, como os fariseus viperinos, mas sim portar-se como sendo ninguém, e nunca procurar apresentar-se como sendo alguém. Mais tarde, no Seu Ministério, voltou ao assunto e louvou o publicano que, reconhecendo o seu nada, demandou o fundo do templo, ao contrário do Fariseu que se dirigiu para a frente. Nosso Senhor pronunciou, então, o veredicto divino: «Todo o que se exaltar será humilhado, e todo o que se humilhar será exaltado»

O preceito da humildade não quer dizer que, pela vida, andemos, sob um «complexo de inferioridade». Não havemos de procurar o vale da humilhação, para nos esconder na obscuridade, mas, pelo contrário, para, deste vale, podermos descortinar as montanhas de Deus e encontrar aí a nossa exaltação. Foi belamente expresso nas palavras de Maria, Mãe de Jesus, o surto do sentimento da própria pequenez para a alegria na grandeza do Senhor: «Ele olhou, benignamente, para a humildade da Sua Serva»

O reconhecimento de Maria do seu «nada», em relação a Deus, levou-a a baixar na sua própria estima, mais do que ninguém em tempo algum. Por isso a sua exaltação foi também a mais sublime.

Quanto mais pensarmos em nós, menos pensamos em Deus; todos os egoístas são antirreligiosos. O requisito espiritual para ver a Deus, é não se deixar cegar pelo próprio eu, com o seu orgulho, vaidade e deificação. Só pode encher-se o que está vazio; só o que se despir do eu será vestido do Divino. A água da fonte nada poderá acrescentar a um copo que já extravasar de lama; somente pode ser cheia das Águas da Vida Eterna a alma humilde, a alma vazia. Muitas vezes, durante a vida, enchemos os nossos copos de lama e de pedras de amor-próprio. Esta lama, este falso orgulho, este exagero do valor próprio, com exclusão de Deus, é o que complica a vida e impede a alma de se unir Àquele para quem foi criada. Como o nevoeiro impede os raios de sol de brilhar sobre a terra, assim o eu, negando o nada que é a sua realidade, nos isola de Deus. Mas, como o sol pelo calor desfaz, a seu tempo, o nevoeiro, também Deus pode consumir, inteiramente, o nosso orgulho e atingir a alma.

O próprio Deus nos mostrou o caminho da humildade; desceu ao nada, quando Se humilhou até à morte abjeta da Cruz, mas desceu para ressuscitar, gloriosamente, erguendo-Se pela força irresistível do Poder Divino. Para nós também o único caminho para Deus está na crucifixão de nós mesmos. O homem feito por si mesmo constrói no próprio eu... e, geralmente, revela-se um pobre arquiteto. O homem, porém, feito por Deus — demasiado desdenhoso do seu eu para o usar como viga mestra ou pedra angular — deixa Deus erigir o edifício da sua vida. É como São Paulo: «Eu sou o que sou pela graça de Deus», e é feliz nesta humildade sincera.

Capítulo IX

O Subterrâneo

Tem o mundo moderno um estranho amor ao subterrâneo... às caves profundas e escuras da existência humana, à introspecção, à análise das regiões subconscientes da nossa vida. Esta atração é, em parte, uma reação contra o extremo oposto. Há cem anos, julgavam os homens que a sua vida alcançara um novo e mais alto escalão. Falavam dum progresso fatal, da vitória sobre a morte, da transformação dos homens em deuses, da conversão da terra num Paraíso.

Agora, a presunção dos nossos antepassados deu lugar ao desespero atual. O homem, que sofreu a vertigem duma altura artificial, caiu no abismo do mais terrível desespero. O seu entusiasmo desmedido degenerou em tédio, a sua esperança em prazeres mais intensos deu lugar à saciedade, a sua demasiada complacência em inebriantes expectativas abriu caminho à náusea.

Dois grupos de peritos do subterrâneo apareceram, nos tempos modernos: um deles analisa os trabalhadores, sob o aspecto de «massa», o outro estuda o subconsciente da alma do indivíduo. Só quando perdem o sentido de responsabilidade e autodomínio, as pessoas se tornam «massa», que pode ser manipulada por um ditador. Em tal estado, podem tornar-se presa de forças estranhas; esse é o primeiro requisito exigido pelo estado totalitário. E estudam-no os comunistas e os fascistas.

O segundo grupo de peritos do subterrâneo são aqueles que consideram como seu campo de ação a parte sub-razional, involuntária, sub-humana da inteligência do homem: o seu subconsciente, para o qual o espírito atira os enfeitados sobejos do pensamento. O subconsciente tem, de fato, certa influência no procedimento do homem; mas não é o único fator, nem o que tem a última palavra. Uma falha na bolota, de que germinou um carvalho, pode explicar algo da forma que este tomou; a luz, porém, e o calor e as forças invisíveis da vida são, igualmente, responsáveis pelo seu estado presente.

Estes grupos gêmeos de estudiosos do subterrâneo indicam-nos os sinais do nosso tempo; na verdade, os homens sempre propenderam a imaginar que o inferno se situa nas regiões inferiores, como, por exemplo, Vergílio, e, embora a Igreja nunca tenha posto a questão da geografia do inferno, a imaginação popular situa-o debaixo da terra. Por consequência, sempre que o interesse do público converge para as profundezas nebulosas da psique, há uma possibilidade psicológica de que a questão do inferno esteja a atuar no espírito duma geração inteira de pensadores e leitores.

Os que fixam a sua atenção no subconsciente, os que esperam que, pelo estudo da «libido» e dos instintos sexuais, possam resolver os problemas da vida, andam a procurar a felicidade nas «sub-regiões», onde ela se não encontra. É que somente no uso da razão e da vontade (que são semelhantes a Deus) podem os seres humanos encontrar a paz. A tragédia dos nossos dias é o desespero dos que triunfaram: a sua infelicidade não tem origem no malogro dos seus planos, mas no fato de que, tendo-os realizado, não se viram felizes. O Tudo que aspiravam ter (benefícios materiais e triunfos temporais), uma vez possuído, converteu-se no Nada. E o Nada é o polo oposto de Deus e da Sua criação. O inferno é o eu engorgitado com os seus próprios desejos satisfeitos, tendo de se devorar a si mesmo para sempre, sem esperança de libertação.

O mundo de hoje espera uma ressurreição. As massas, que estão subjugadas por poderes ditatoriais, esperam que a cabeça da serpente seja decepada, para assim se tornarem livres, para atuarem por seu próprio arbítrio, como foi o caso, quando a nossa Constituição foi escrita. E assim estabeleceu que «Nós, o povo dos Estados Unidos», nomeamos e estabelecemos um governo. De modo semelhante, os indivíduos, que estão fechados na miséria do seu subconsciente, que agem sob a influência de forças animais e instintivas, carecem duma ressurreição para os fazer subir da cova, onde a saciedade os sepultou. Também eles anseiam pela luz.

Há vida no ovo, mas, para essa vida aparecer, é preciso quebrar a casca. Igualmente, há vida nas massas espoliadas e na alma sepulta e desiludida de cada homem. Mas, para ambos, também a casca que os envolve tem de ser quebrada e quebrada de fora. Exigirá isto um Poder, que não é humano, mas Divino.

O que cada alma deve perguntar a si mesma é se deseja continuar a viver dentro da casca, ou se quer chegar até à incubação espiritual. Os que vivem dentro dessas cascas, podem sair delas, se permitirem que Deus os liberte, esmagando a casca egoísta, em que se escondem da Sua Luz.

É esta uma séria pergunta a que se há-de responder. Porque aqueles que recusarem tomar a sério qualquer pergunta moral ou espiritual, acabarão por tomar a sério o Nada, que é a região do eterno subterrâneo. Mas, se tomarmos a sério a alma, a tudo o mais poderemos dar muito pouca importância. É este o princípio da felicidade, aqui e na vida futura.

Capítulo X

A necessidade de Revolução

Nietzsche, filósofo do século XIX, tentou exprimir a índole da sua época, afirmando: «Deus morreu». E, com isto, quis dizer que, neste período, os homens iam perdendo a fé. Lançou também olhar profético para o futuro e predisse que o século XX seria de guerras e revoluções. Estas duas afirmações estão ligadas por lógica mais profunda do que o inventor da filosofia do «super-homem» imaginava. Na verdade, os homens que deixaram de amar a Deus, não amarão, por muito tempo, o próximo, e encontrarão particular dificuldade em procurar amar este próximo especial, que é o seu inimigo.

É este, de fato, um século de revoluções. É preciso, no entanto, que não passe à história como um período, em que as revoluções foram exclusivamente económicas e políticas. Temos sempre a possibilidade de tornar o nosso tempo uma época de revoluções gloriosas, de revoluções contra nós mesmos. Sempre que uma alma destrona o eu que a dominava e, para ocupar esse lugar, se submete ao princípio do amor, dá início a uma revolução. O mesmo acontece, quando em nós a humildade substitui o orgulho e abandonamos o louco empenho do êxito e da notoriedade.

Este tipo de revolução, no foro íntimo da alma de cada um, tem o seu modelo no que fez o próprio Senhor: na noite antes de morrer pela redenção do mundo, ajoelhou-Se aos pés dos Seus discípulos, como se fosse o último deles. Já antes, durante a Sua Vida de Mestre, lhes tinha dito, muitas vezes, que não buscassem os primeiros lugares à mesa, nem desejassem ser conhecidos pelos homens. Quando os Apóstolos disputavam entre si qual deles seria o maior, Ele exigiu uma revolução na sua escala de valores. Disse-lhes: «Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que gozam de autoridade sobre eles

chamam-se benfeitores. Não assim entre vós; não deve haver diferença alguma, no meio de vós, entre o maior e o mais pequeno, entre o que governa e o que serve. Dizei-me qual é maior: o que está sentado à mesa, ou o que serve? — Certamente, o que está sentado à mesa. Pois, eu estou aqui no meio de vós, como vosso servo»

Nosso Senhor tinha pregado antes, por palavras, a revolução da humildade; agora põe-na em prática, na Última Ceia, quando «depôs o manto, tomou uma toalha com que se cingiu; e, depois de lançar água numa bacia, começou a lavar os pés dos discípulos, limpando-os com a toalha de que estava cingido». Naquele tempo, os trabalhos humildes como este eram reservados aos escravos. Ter-se ajoelhado o Senhor dos senhores, o Rei dos reis, diante de vinte e quatro pés calosos e suados, e limpá-los — como com a Sua Absolvição ainda limpa os nossos corações endurecidos e as nossas almas manchadas foi um «sucesso», às avessas, e de proporções gigantescas. Todos os valores humanos foram, para sempre, invertidos na espantosa revolução que Cristo declarou por estas palavras: «O que se exaltar será humilhado, e o que se humilhar será exaltado» No momento em que foram pronunciadas estas palavras, César perdeu o seu trono. Foi pulverizado o princípio de exploração dos fracos, e à arrogância e orgulho apontou-se a porta de saída. De agora em diante, todos os cristãos ficavam prevenidos contra o julgar à maneira do mundo, contra o procurar recompensas que o mundo pode dar. À medida que a água caía das Suas mãos nessa noite, os velhos sistemas de moralidade tornavam-se obsoletos, e os mais nobres conceitos dos antigos tornavam-se inadequados ao homem. De agora em diante, ficavam a ser conhecidas as piores de todas as possíveis desordens da alma, a saber: a incapacidade de servir os outros e o reputar-se com direito a especiais privilégios. Uma nova lei nasceu, que revelou a igualdade de todos os homens perante Deus, e veio demonstrar a beleza da humildade. Aquele que se tinha humilhado fazendo-se homem, multiplicou o dom e acentuou a lição, quando reduziu a sua Infinitude ao serviço dos seus servos.

A revolução na alma é a aventura a que é chamado o cristão. Nenhum ódio exige, nenhuns direitos pessoais reclama, nenhuns títulos esplendorosos reivindica, nenhuma mentiras profere. Nesta revolução, o amor que, dentro de nós mesmos, emaranhados e desordenados, vai penetrando e minando como Quinta duna, fiel a Deus. Tal revolução destrói o orgulho e o amor-próprio, a inveja, o ciúme e a «ânsia de ser o primeiro», que nos faz intolerantes dos direitos dos outros. A espada que empunha não está voltada contra o nosso próximo, mas contra o exagerado apreço de nós mesmos. Nas outras revoluções, fácil é lutar, porque é contra o inimigo perverso que estamos em guerra. A revolução cristã, porém, é difícil, porque o inimigo que hemos de atacar, faz parte de nós mesmos. No entanto, é esta a única revolução da qual flui a verdadeira paz. As outras revoltas nunca têm fim, porque param longe do seu objetivo; deixam o ódio ainda a reverter na alma humana.

O pensamento contemporâneo está dirigido no sentido de uma revolução no mundo exterior das nações e das classes, das raças, dos partidos e das facções. Nosso Senhor, porém, não considerava a revolução social como a sua principal tarefa; primeiramente, refez o homem pela Ressurreição e, só mais tarde, derramando o Seu Espírito no homem, regenerou a sociedade do velho mundo.

Santo Agostinho disse: «Os que perturbam a paz em que vivem, fazem-no não porque a odeiem, mas para mostrar o seu poder alterando-a.» Vêm as guerras, quando os homens projetam, no mundo exterior, os seus conflitos interiores; advirá a paz, quando muitos homens empreenderem a revolução interior, pela qual o seu orgulho seja aniquilado e a sua ambição egoísta extinta. À paz, que se sucede a esta luta espiritual, pode estabelecer um contágio feliz de alma para alma, levando a paz à terra a todos os homens de boa vontade.

Capítulo XI

Alegria Interior

Cada um de nós é que dá cambiantes sombrios ou luminosos ao que nos rodeia. Podemos, por um esforço criador, inundar a nossa alma de tal luz que torne esplendentes os acontecimentos que se cruzarem com o nosso caminho. Por outro lado, podemos cair num estado de depressão íntima tão profunda e tão cheia de melancolia que só os mais intensos impulsos externos dos sentidos serão capazes de nos despertar da apatia.

Dizem-nos os filósofos que o prazer é uma necessidade para o homem. Aquele que integrou a sua personalidade conforme a natureza desta e orientou a sua ida para Deus, conhece o intenso e indestrutível prazer, a que os Santos chamam alegria. Nenhum acontecimento exterior pode ameaçá-lo ou perturbar a sua felicidade. Muitos, porém, procuram o prazer exteriormente, e esperam que as ocorrências da vida lhes deem a felicidade. Como ninguém pode fazer do universo escravo seu, procurar o prazer no exterior é ficar sujeito à decepção. O excesso de divertimentos fatiga-nos; uma ambição realizada torna-se em tédio; um amor, que prometeu um pleno contentamento, perde o encanto e a emoção. Jamais poderá vir do mundo a felicidade permanente. A alegria não deriva das coisas que possuímos ou das pessoas com quem privamos; ela destila da própria alma à medida que esta se entrega ao trabalho abnegado.

O segredo duma vida feliz está na moderação dos prazeres, em troca de um aumento de alegria. Mas vários usos do nosso tempo tornam isto difícil. Um deles é o sistema de comerciar que tenta aumentar os nossos desejos, a fim de comprarmos mais coisas. Acresce a isto que a psicologia de criança amimada, de que enferma o homem de hoje, lhe diz que tem o direito de conseguir tudo o que lhe apetece, e que o mundo deve a cada

um o satisfazer-lhe os caprichos. Uma vez que o eu se torna o centro, ao redor do qual tudo o mais gira, somos vulneráveis. A nossa paz pode ser destruída por uma corrente de ar que vem dum janela aberta, pela nossa incapacidade para comprar um casaco de certa pele exótica — tão rara que apenas vinte mulheres, em todo o mundo, o podem usar, — pelo nosso fracasso em conseguirmos ser convidados para um almoço, ou pela nossa incapacidade de pagar mais altos impostos sobre rendimentos que qualquer outro de toda a nação. Se estiver no comando, o eu é sempre insaciável; não há favores nem honras que mitiguem a sua ânsia quer de «música mais tola, quer de vinho mais capitoso», ou dos prazeres espirituosos de jantares de homenagem e de ditirambos jornalescos em tipo 72.

Os homens egocentristas consideram como desgraça a não satisfação de qualquer dos seus desejos: o mundo desses desejos querem dominá-lo, querem puxar os seus cordelinhos e forçá-los a obedecer à sua vontade. Se tais desejos forem contrariados e reprimidos por outro eu, o seu senhor fica desesperado. Multiplicam-se, assim, as ocasiões de desânimo e de tristeza, porque todos nós estamos condenados a não conseguir algumas das coisas que desejamos; a nós cabe escolher se este malogro há de ser aceite de bom grado ou considerado como ultraje e afronta.

Hoje em dia, milhões de homens e mulheres pensam que a sua felicidade é destruída, se tiverem de viver sem umas tantas coisas, com as quais seus avós nem sequer sonharam. O luxo tornou-se uma necessidade para eles; e de quantas mais coisas precisar o homem para ser feliz, maiores serão as probabilidades de desilusão e desespero. O capricho tornou-se o seu senhor, a trivialidade o seu tirano; ele já não é senhor de si mesmo, mas tornou-se escravo de ouropéis.

Platão, na «República», refere-se ao homem, cuja vida é regida por caprichos e veleidades; as suas palavras foram escritas há 2.300 anos, mas ainda hoje são exatas: «Muitas vezes imaginará gostar de política, põe-se à obra, e diz ou faz o que lhe vem à cabeça; outras vezes, concebe admiração por um general e concentra o seu interesse na guerra; ou por um homem de negócios e, imediatamente, é esta agora a sua vocação.

Não conhece qualquer ordem ou exigência na vida; não atenderá a ninguém que lhe diga que certos prazeres vêm da satisfação de desejos bons e nobres, e outros de desejos maus, e que aqueles devem ser acarinhados e estimados e estes disciplinados e encadeados. A tal discurso abana a cabeça e diz que todos os desejos são semelhantes e dignos de igual atenção.»

Se quisermos fruir a vida no máximo grau, devemos ordenar hierarquicamente os prazeres. As alegrias mais intensas e duradouras são desfrutadas apenas por aqueles que refreiam os seus apetites e se sujeitam a uma penosa disciplina preliminar. É do cimo dum monte que se contemplam os panoramas mais belos, mas pode ser árduo chegar lá. Nunca ninguém sentiu prazer lendo Horácio, sem primeiro se exercitar nas

declinações da gramática. Apenas compreendem a felicidade plena aqueles que a si mesmos negaram alguns prazeres legítimos, a fim de mais tarde terem outras alegrias. Os homens que vivem ao sabor dos impulsos, ou se esgotam de cansaço ou tornam-se ineptos. O Salvador do mundo disse-nos que as melhores alegrias só se conquistam pela oração e pelo jejum; devemos dar, primeiro, as nossas moedas de cobre por Seu Amor, e Ele, depois, nos retribuirá em moedas de ouro, em alegria e êxtase.

Capítulo XII

O Amor é Infinito

Há uma profunda diferença de qualidade entre os bens possuídos, de que precisamos, usamos e realmente desfrutamos, e a acumulação de coisas inúteis, que amontoamos por vaidade, avidez ou desejo de ultrapassar os outros. A primeira espécie de posse é uma extensão legítima da personalidade: com o nosso amor enriquecemos um objeto que usamos muito, e ganhamos-lhe afeição. Podemos notar estas duas espécies de propriedade quando observamos as crianças: a que só possui um brinquedo, enriquece-o com o seu amor. A amimada com muitos brinquedos à sua disposição, rapidamente se enfastia e deixa de sentir prazer em qualquer deles. A qualidade do amor diminui com a quantidade de objetos a este oferecidos, como um rio que, quanto mais se espalha pela planície, menos profundo é.

Quando visitamos um grande palácio, habitado apenas por duas pessoas, sentimos lá dentro a frialdade da solidão. É que é vasto demais para o amor humano fazer dele seu lar. Pela presença, cada um de nós pode dar fidalguia a uns poucos de metros cúbicos, mas sempre em número restrito. Quanto mais se possuir além do limite que podemos amar e fazer aderir a nós, tanto mais se sofrerá de tédio, aborrecimento e saciedade.

Apesar disso, os homens e as mulheres nunca deixam de procurar aumentar as suas posses muito para além do que podem gozar. A causa disto é a errada convicção de que a sua fome de Infinito pode ser saciada por uma infinidade de coisas materiais: o que realmente desejam é a Infinitude do Amor Divino.

Quando uma vez começamos a ter ânsias de riqueza, facilmente a nossa imaginação se desencaminha à procura duma falsa infinidade; porque riqueza e dinheiro são coisas que falam à imaginação, que é insaciável nos seus desejos. Bens reais, tais como aqueles de que precisa o nosso corpo, não gostam dessa qualidade; é bem reduzido o limite da quantidade de alimento que o nosso estômago pode ingerir e, quando for atingido, nada mais queremos. Nosso Senhor alimentou no deserto, com peixe e pão, cinco mil pessoas, e todas ficaram saciadas. Mas se, em vez disso, lhes tivesse dado 20.000 dólares em títulos de dívida de guerra, nenhuma teria dito: «para mim, basta-me um.»

Dinheiro posto a crédito — ações, títulos, balanços bancários — não têm limite fixo em que se diga: «mas não». Neles há uma caricatura do infinito, que permite aos homens usá-los como falsas religiões, como substitutos da verdadeira Infinitude de Deus. Como o dinheiro, também o amor e o poder se podem tornar religiões «ersatz»: os que buscam estas coisas como fins, jamais encontrarão satisfação. Tais homens andam todos à procura de Deus, mas desconhecem o Seu Nome e onde encontrá-Lo.

Dado que todo o incremento de quantidade nas Coisas que amamos, conduz a uma diminuição na qualidade do amor, dois meios há de manter puro o amor. Um é dar na medida em que recebemos; lembra-nos esta disposição de espírito que somos apenas administradores das riquezas de Deus e não seus donos legítimos. Poucos, porém, se arriscam a isto; têm receio de tocar no seu «capital», e cada centavo que lhes acrescentam, torna-se parte integrante do sacratíssimo monte, ao qual nada se pode subtrair. Identificam-se com o que amam; se se trata de riqueza, não podem tolerar que lhes tirem a mais minúscula parte do seu opressivo fardo.

O segundo modo que nos preserva de uma torpe cobiça indecorosa é a virtude heroica, o completo desprendimento da riqueza, como foi praticado por São Francisco de Assis e por todos aqueles que fazem voto de pobreza. Há um paradoxo em tal renúncia porque o homem, que até à segurança do seu futuro renunciou, é o homem mais rico do mundo; ele é o mais seguro de todos, porque nada deseja e isso é uma glória de que nenhum milionário se pode gabar. O poder de renúncia em nós sobrepuja o poder de posse; nenhum homem pode ser dono da Terra, mas qualquer um pode renunciar à sua posse.

Os avaros podem encher os alforjes, mas nunca os corações, porque não podem acumular toda a riqueza que são capazes de imaginar e desejar. Os pobres de coração, porém, são ricos de felicidade. Deu-nos Deus amor suficiente para dispensar na viagem de regresso para Ele até que n'Ele pudéssemos encontrar o infinito: não nos deu, porém, amor bastante para amontoar.

Capítulo XIII

A Filosofia do Prazer

Todos nós queremos a felicidade. Mas, se somos sensatos, todos deveríamos nos convencer de que no prazer há três leis, que, uma vez seguidas, tornarão a consecução da felicidade incomensuravelmente mais fácil.

Primeira lei — Podemos contar com horas felizes; mas a vida não se há de planear como se constasse somente de horas felizes. O prazer é como a beleza; é condicionado pelo contraste. A mulher que quer fazer sobressair um vestido de veludo preto, não irá colocar-se, se tem o sentido da realidade, em frente duma cortina preta, mas duma

cortina branca. Ela carece do contraste. O fogo de artifício não deliciaria, se, ao ser lançado, tivesse por fundo clarões de um incêndio ou esplendor de um sol do meio-dia; é preciso que surja da escuridão.

Os lírios dão-nos um prazer especial, porque as suas pétalas se erguem, contra toda a expectativa, das águas de lagos imundos. O contraste é necessário para nos ajudar a ver as coisas na sua vívida realidade.

Pelo mesmo princípio, o prazer é mais apreciado quando vem até nós como um «regalo», em contraste com as nossas experiências pouco agradáveis. Cometemos um grande erro se, em todas as noites, tentarmos organizar um sarau. Ninguém apreciaria o Dia de Ação de Graças ⁽¹⁾, se, em todos os jantares, se comesse peru. A véspera do Ano Novo não nos divertiria, se as sirenes vibrassem todas as noites à meia-noite.

Do contraste depende não só a graça mas ainda o prazer colhido de uma situação engraçada. Se um mestre de cerimônias pouco atento coloca na cabeça do Bispo a mitra a pender para um lado, isso far-nos-á rir; tal não sucederia, se todos os Bispos usassem sempre as mitras obliquamente.

O prazer de viver é largamente aumentado, se seguirmos o preceito espiritual de aplicar à nossa vida a mortificação e abnegação. Esta prática preserva-nos de nos cansarmos do prazer; não deixa embotar-se o gosto sadio e a alegria de viver. As cordas da harpa da nossa vida, se se afrouxam, desafinam; se, porém, as retesarmos, contribuímos para a sua harmonia. A autodisciplina devolve-nos a emoção da infância, quando eram racionados os nossos prazeres, quando nos servíamos da sobremesa sempre ao fim da refeição e não ao princípio.

Segunda lei — O prazer, que sobreviveu a um momento de tédio ou dor, adquire profundidade e realce. Esta lei ajuda os nossos mais apreciados prazeres a perdurar. Para isso, devemos prosseguir naquilo que estamos a fazer até os ventos correrem outra vez favoráveis. Depois de passado o primeiro momento de fadiga deprimente, mais se aprecia a ascensão duma montanha. Depois de vencido o primeiro impulso para desistir de um trabalho encetado, mais interesse se porá nele.

Do mesmo modo os casamentos só se tornam estáveis, quando a desilusão acabou com a lua de mel. O grande valor do voto conjugal está em manter unido o casal na primeira desavença; entretanto, ajuda-os a vencer dificuldades do primeiro período de ressentimento, até de novo soprarem ventos propícios que lhes façam sentir a felicidade de estarem juntos. As alegrias conjugais, como as grandes alegrias, nascem de qualquer dor. Assim como é preciso quebrar a noz para saborear a polpa, também, na vida espiritual, a cruz é o prelúdio da coroa.

Terceira lei — O prazer é um produto acessório, nunca um fim. A felicidade deve ser a nossa dama de companhia, e não noiva. Cometem muitos o grande erro de pôr a sua

absoluta finalidade no prazer; esquecem-se de que o prazer provém somente do cumprimento do dever ou da obediência à lei, porque o homem foi feito para obedecer, tão necessariamente, às leis da sua natureza, como à lei da gravidade. Um rapaz sente prazer ao sorver um gelado, porque satisfaz um dos deveres da natureza humana: comer. Se, porém, comer mais do que as leis do corpo permitem, já não alcançará o prazer que procura, mas antes a aflição duma dor de estômago. Buscar o prazer, com desprezo da lei, é perdê-lo.

Há de o prazer estar no princípio ou no fim das nossas ações? Para esta questão, há duas respostas: a cristã e a pagã. A cristã diz: «Começai por jejuar e terminai por um banquete, e, então, saboreá-lo-eis realmente» A pagã diz: «Começai por um banquete e terminai, na manhã seguinte, com uma dor de cabeça»

Referências:

(1) A última quinta-feira de Novembro, em que a América do Norte agradece a Deus as Suas mercês, e desfruta um festivo feriado com um alimento próprio do dia. – Nota do Tradutor.

TRABALHO

Capítulo XIV Trabalho

Muito poucos, nos tempos que vão correndo, fazem aquela espécie de trabalho que gostariam de fazer. Em vez de escolherem, livremente, as suas ocupações, são forçados, por necessidade econômica, a dedicar-se a tarefas que não conseguem satisfazê-los.

Dizem muitos: «eu deveria ocupar-me em alguma coisa de superior ao que estou agora a fazer», ou «este meu trabalho só é importante, porque mo pagam». Tal atitude está na base de tanto trabalho imperfeito e mal executado. O homem que escolhe o trabalho, porque este satisfaz a uma finalidade que se harmoniza com o seu modo de ser, é o único que se engrandece pelo trabalho. Verdadeiramente, só ele poderá dizer, quando chegar ao fim: «Está acabado» Este sentido de vocação está, infelizmente, a desaparecer em nossos dias. Não se deve atribuir a culpa à complexidade do nosso sistema econômico, mas antes ao colapso dos valores espirituais. Qualquer trabalho, visto em perspectiva adequada, pode servir para nos enobrecer; mas para descobrir

essa nobreza, exige-se, como prelúdio necessário, a compreensão da filosofia do trabalho.

Cada tarefa que empreendemos, contém dois aspectos: — a nossa finalidade que nos diz que ela merece ser feita, e o próprio trabalho, considerado independentemente do seu fim em vista. Jogamos o tênis para fazer exercício; mas jogamo-lo o melhor possível apenas pela satisfação de fazer isto bem. O homem que argumentasse que podia fazer igualmente exercício, por meio de uma técnica deficiente no campo de tênis, teria falhado na compreensão do segundo aspecto de toda a atividade: a realização da tarefa de harmonia com o padrão de perfeição próprio dela. De igual modo, o homem que trabalha numa fábrica de automóveis, pode ter como intenção primária ganhar o salário; mas a finalidade do trabalho em si é o acabamento perfeito do mester. Um trabalhador devia ter sempre presente esta segunda intenção, como o artista nunca se esquece da beleza a que há de tender, quando pinta, nem a dona de casa a necessidade da limpeza, quando espana o pó.

Hoje, tornou-se dominante o primeiro aspecto do trabalho e tende-se para desprezar o segundo... de tal modo que muitos operários, nas horas de trabalho, sentem-se enfadados. São como hortelãos encarregados de cultivar couves para que se lhes desse esparregado, os quais se desinteressassem de que as suas hortas fossem convenientemente sachadas ou as couves vicejassem. Isto é uma atitude errada: o próprio Deus trabalhou quando fez o mundo e, vendo-o, achou-o «bom».

O orgulho legítimo de fazer bem um trabalho, modera-lhe, em grande parte, o enfado. Algumas pessoas, que se têm mantido fiéis a um ideal de perfeição, sentem viva emoção em qualquer trabalho. Conhecem a satisfação de «um trabalho bem-feito», quer estejam a fazer uma cadeira, limpar uma cavalariça, ou esculpir a estátua para uma catedral. A honra e o respeito por si próprio recebem especial brilho da disciplina que se põem num trabalho cuidado. Conservam a velha atitude da Idade Média, em que o trabalho era um ato sagrado, uma cerimônia, uma fonte de mérito espiritual. Não era empreendido, então, o trabalho meramente por causa do ganho, mas era escolhido por um impulso interior, pelo desejo de projetar, com o próprio esforço humano, o poder criador de Deus.

Nenhuma tarefa devia ser empreendida por um espírito que ignorasse estes aspectos primários do trabalho. Para unir as duas coisas... a alegria de fazer bem uma mesa, e a finalidade pessoal que se tem ao fazê-lo, a qual é ganhar com que viver, devem-se ter em mente os seguintes princípios: O trabalho é um dever moral e não, como muitos pensam, necessidade meramente física. São Paulo dizia: «O homem que não quer trabalhar, deve deixar-se morrer à míngua»

Quando o trabalho é considerado dever moral, é evidente que contribui não só para o bem social, como também presta outros serviços ao próprio trabalhador: previne a ociosidade, da qual podem advir muitos perigos e mantém o corpo sujeito à razão.

«Trabalhar é orar». Uma vida bem ordenada não adia a oração para o fim do trabalho: faz do trabalho uma oração. Realiza-se isto, quando nos voltamos para Deus, no início e no fim de cada tarefa, e, mentalmente, a oferecemos por Seu amor. Deste modo, quer estejamos a olhar por uma criança ou a fazer carburadores, a rodar um torno mecânico ou a superintender num elevador, o trabalho é santificado. Por mais orações que se rezem nas horas de descanso, não podem estas compensar trabalho desmazelado. Mas quaisquer tarefas honestas, bem-feitas, podem tornar-se oração.

Um economista medieval, Antônio de Florença, resumiu a relação entre o trabalho e a vida nesta fórmula feliz: «Ganhar dinheiro tem como objetivo poder prover a nós próprios e aos que de nós dependem. Prover a nós e aos outros tem como objetivo poder viver virtuosamente. Viver virtuosamente, tem como objetivo salvar a nossa alma e atingir a felicidade eterna»

O trabalho, porque é uma atividade não só individual, mas também social, devia, em justiça, receber duas espécies de recompensa. João Gomes, que trabalha numa mina, está cansado ao fim do dia: é este o seu sacrifício individual. Por ele recebe o seu salário. Mas João Gomes trouxe também, durante o dia, uma contribuição social para o bem-estar econômico do país e do mundo. Por esta contribuição social, João Gomes, hoje, nada recebe, embora tenha direito moral a uma parte da riqueza social que o seu trabalho criou. Precisamos duma modificação no sistema do salário, de modo que o operário coparticipe nos proventos, posse ou administração da indústria. Quando os chefes sindicais e os capitalistas acordarem em dar aos operários algum capital a defender, não mais haverá dois grupos rivais; trabalho e administração tornar-se-ão dois membros colaboradores trabalhando em harmonia, como as duas pernas de um homem cooperam ajudando-o a caminhar.

Capítulo XV

Repouso

Nunca, como hoje, tiveram os homens tantos meios de poupar tempo. E nunca, como agora, tiveram tão pouco tempo de lazer ou de repouso. Contudo, poucos se dão conta disto: os reclamos criaram, na mentalidade moderna, a falsa noção de que lazer e não trabalhar são a mesma coisa, de que, quanto mais rodeados estivermos de ferrolhos e rodas, de interruptores e aparelhos, mais tempo temos ao dispor.

Esta divisão, porém, em dias de trabalho e de folga é demasiado simplista; para a maior parte dos homens isso suprime-lhes, praticamente, a própria possibilidade de

verdadeiro lazer. Desperdiçam-se horas preciosas fora do trabalho, numa inatividade inútil, esperando passivamente que qualquer coisa de interessante se apresente.

O verdadeiro repouso não é mera pausa entre os atos das horas de trabalho. É uma atividade intensa, embora de gênero diferente. Justamente, como o sono não é cessação de vida, mas sim vida diferente da vida acordada, assim também o repouso é uma atividade não menos criadora que a das nossas horas de trabalho.

O repouso — verdadeiro lazer — não pode desfrutar-se sem um certo reconhecimento do mundo espiritual; porque a primeira finalidade do repouso é a contemplação do bem, a sua meta é ver, numa perspectiva verdadeira, os pequeninos incidentes da vida de cada dia em relação com uma Bondade mais ampla que nos envolve. Diz-nos o Gênesis que Deus, depois da criação do mundo, «viu tudo o que tinha feito, e o achou muito bom». Sempre que o homem está ocupado também numa tarefa criadora, igual contemplação do seu trabalho lhe é conatural. O pintor afasta-se um pouco da sua tela, para ver se estão convenientemente situados os pormenores da paisagem. O verdadeiro repouso é um afastamento semelhante, para observar as atividades que enchem os nossos dias. Não podemos tirar verdadeira satisfação do nosso trabalho, a não ser que, frequentemente, paremos para nos interrogar por que estamos a fazê-lo, e se a sua finalidade encontra a absoluta aprovação do nosso espírito. Uma das razões por que tantos projetos econômicos e políticos se malogram, talvez seja por estarem em mãos de homens com os olhos tão fortemente pregados no que estão a fazer, que jamais param para perguntar se era isso que deveriam fazer. Apenas o estar ocupado, ou o receber um salário, se é só isso, jamais poderá satisfazer a necessidade que o homem tem de um trabalho criador.

Qualquer trabalho pode ser sublimado e assumir uma intenção divina, se for perspectivado em função da Eternidade. Varrer um soalho, conduzir um carro de lixo, verificar uma lista de números de carros — todos estes atos podem tornar-se «bons», por um simples ato de vontade que os ordene para o serviço de Deus. A ocupação mais simples pode ter um significado espiritual e tornar-se divina.

Se dirigirmos o nosso trabalho para Deus, trabalharemos melhor do que imaginamos. A aceitação deste fato é outra tarefa para a qual precisamos de repouso. Uma vez por semana, o homem, repousando do trabalho, faz bem em ir, perante Deus, como para considerar se quanto do que fez, durante a semana, foi trabalho do seu Criador; pode reconhecer, então, que o material, com que trabalhou, proveio de outras mãos, que as ideias, que usou, entraram na sua mente oriundas de uma Fonte mais Alta, que até as energias, que consumiu, eram um dom de Deus.

Se o repouso se toma nesta atitude de espírito, o cientista verá que não é ele o autor do seu livro sobre leis da natureza, mas apenas o revisor de provas. Foi Deus quem escreveu o livro. Igualmente, confessará o professor que toda a verdade, que transmitiu

aos alunos, era um raio vindo da Sabedoria Divina. O cozinheiro que descasca batatas, após ter descansado assim, manuseá-las-á como humildes dádivas do próprio Deus.

Permite-nos o repouso contemplar as pequenas coisas que fazemos com relação às grandes; e só estas podem dar àquelas valor e significado. Faz-nos lembrar que todas as ações recebem o valor de Deus: «adorar» significa reconhecer o «valor». Adorar é restituir aos nossos enfadonhos dias de trabalho o seu verdadeiro valor, colocando-os na sua real relação com Deus, que é o fim daqueles e o nosso.

Esta adoração é uma forma de repouso, uma contemplação intensamente ativa e criadora das coisas divinas, da qual nos levantamos renovados. Com efeito, a promessa do Evangelho de São Mateus está ainda à espera dos que a queiram ouvir: «Vinde a mim todos os que trabalhais e estais oprimidos, e Eu vos aliviarei»

Capítulo XVI

Os Ociosos da Praça

A tragédia do homem de hoje, disse-nos um dia um grande e distinto psicólogo, é que ele já não acredita que tem uma alma para salvar. A este grupo dirigiu Nosso Senhor a bela parábola dos trabalhadores da vinha. Ao fim do dia, foi o dono da vinha à praça e disse: «Por que estais aqui todo o dia ociosos?»

Em certos lugares do Oriente, prevalece ainda este costume de os homens se juntarem, diante das mesquitas e nas praças públicas, com pás nas mãos, à espera de serem contratados.

Esta história tem uma explicação espiritual e refere-se a diferentes espécies de ociosos. Além dos ociosos propriamente ditos, há os que são meros preguiçosos, sem nada que fazer. Muitos são ociosos no sentido de que laboriosamente se ocupam de bagatelas, afadigados com trabalhos que não têm real valor. Muitos são ociosos por uma constante indecisão, e outros perdem o mimo por desconhecerem a finalidade da vida. Aos olhos humanos não há muitos ociosos, mas, quando os olhos do Céu contemplam a terra, esta deve parecer-se a uma vasta praça, onde poucos trabalham. Para Deus, toda essa atividade em adquirir riquezas, casar e dar em casamento, comprar e vender, estudar e pintar, são tudo meios para alcançar o supremo e final objetivo, que é a salvação da nossa alma. Todo o dispêndio de energias humanas que estabelece como fim o que é um meio, que isola a vida da finalidade da vida, é uma ociosidade ativa, uma triste e deplorável vacuidade.

Não obstante esta nova e austera definição de ociosidade, dada por Nosso Senhor, muita esperança, contudo, nos sugere esta parábola, pois alguns foram contratados à hora undécima, e receberam tanto como os que trabalham o dia inteiro. Nunca é demasiado tarde para a graça de Deus. É um típico fato psicológico que todos aqueles

que se voltam, tarde, para Deus, geralmente consideram perdidos todos os seus anos passados. Refletindo Santo Agostinho na sua mocidade malbaratada, dizia: «Quão tarde Te amei, ó Beleza Antiga»

Não há casos desesperados; não há vida que esteja tão gasta que não possa ser ressarcida; nem há nenhuma ociosidade tão inveterada que impeça se trabalhe utilmente alguns minutos na vinha do Senhor, mesmo às últimas horas da vida, como aconteceu com o ladrão arrependido.

Quando o Senhor, ao fim do dia, deu a cada um o mesmo salário, os que tinham suportado o peso do dia e do calor queixaram-se de que aqueles que tinham vindo, à undécima hora, recebessem a mesma coisa. Ao que o Nosso Divino Senhor retorquiu: «Acaso o teu olho há de ser mau por que eu faço bem?»

A ideia da recompensa não se deve imiscuir no serviço de Deus. Aqueles que levam uma vida virtuosa durante quarenta anos, e depois protestam contra a salvação dos recém-chegados, têm espírito mercenário. Em todos os atos do homem verdadeiramente espiritual, a inspiração vem do amor e não do desejo da recompensa. Não se pode falar de recompensa de um verdadeiro amor matrimonial, sem insultar marido e esposa. Ao afeto com que uma criança cinge com os braços o pescoço materno ou que conserva a mãe desperta em vigílias mais longas que as das pacientes estrelas, não pode associar-se a recompensa. Também não pode associar-se ao heroísmo de um homem que arrisca a vida para salvar a outrem. Da mesma maneira, os que se dedicam quotidianamente a uma piedade sincera ficam tão encantados, fascinados, glorificados pela sua entrega abnegada como qualquer destes.

A ociosidade física corrompe o espírito; a ociosidade espiritual, o coração. A ação conjunta do ar e da água pode converter uma barra em ferrugem. Portanto, a todas as horas, o homem que se encontra na praça deve perguntar-se a si mesmo: «Por que estou eu aqui ocioso?»

AMOR

Capítulo XVII

As Três causas do Amor

Todo o amor se apoia numa tripeça. Todo o amor tem três bases ou sustentáculos: bondade, conhecimento e semelhança.

Consideremos, em primeiro lugar, a bondade. Pode alguém enganar-se na escolha do que lhe parece ser bom, mas jamais poderá desejar alguma coisa, sem que acredite na sua bondade intrínseca. Buscava o filho pródigo algo de bom para si, algo que fosse capaz de lhe saciar a fome, quando tentou alimentar-se de bolotas; iludiu-se, apenas, no seu juízo, julgando que as bolotas eram alimento próprio de um homem. Todos nós estamos na mesma precária situação. Não deixamos de procurar encher a vida, o espírito, o corpo e as nossas casas de «bens», e nada aceitamos que, na ocasião, não nos pareça ter algo de bom em si. Os nossos juízos, porém, nem sempre são verdadeiros; podemos tomar falsamente um bem aparente por um bem real, e deste modo prejudicar-nos.

Sem esta tendência para a bondade, não haveria amor algum: nem amor da pátria, nem do prazer, nem dos amigos, nem dos esposos. Pelo amor, o coração procura adquirir uma perfeição de que carece, ou revelar a que já possui. Todo o amor brota da bondade, porque esta, por natureza, é amável ao homem.

A bondade que amamos noutrem, nem sempre é a bondade moral; pode ser bondade física ou utilitária. Neste caso, um indivíduo é amado por causa do prazer que nos dá, ou porque nos é útil, ou por causa do que nos pode granjear, ou ainda por outra qualquer razão em que está envolvido o amor próprio. Mas, mesmo assim, há um bem que procuramos no amor, e se, de qualquer modo, não nos parece bom, simplesmente não nos interessamos por ele.

Também o conhecimento está compreendido em todo o amor: não se pode amar o que se não conhece. «Apresente-me» é a frase do homem que procura conhecer uma mulher, pois sabe que o conhecimento deve preceder a possibilidade de realmente a amar. Até mesmo «a rapariga ideal» do rapaz solteiro tem de ser formada de parcelas de conhecimentos existentes na sua mente.

Assim como o amor vem do conhecimento, o ódio vem da falta de conhecimento; por isso a intolerância está, com razão, associada à ignorância.

A princípio, o conhecimento é condição do amor; mas, conforme for aumentando a intimidade, o amor vai aumentando o conhecimento. Esposa e marido, que, durante muitos anos, coabitaram, possuem uma espécie nova de mútuo conhecimento mais profundo do que a que nos fosse dada por quaisquer palavras ou análise dos motivos

íntimos de ação. Este conhecimento (impossível durante a lua de mel) nasce, gradualmente, do amorativo, como uma espécie de percepção intuitiva do que se passa no espírito e no coração do cônjuge. É possível, assim, amar para além do conhecimento, e, pela fé, suprir a deficiência da nossa compreensão intelectual.

Uma pessoa simples e de boa fé pode, portanto, amar mais a Deus do que um teólogo, e o seu amor pode dar-lhe uma compreensão mais viva dos meios, com que Deus atrai o coração humano, do que aquela que pode possuir qualquer psicólogo.

Uma das razões por que a gente decente se abstém de discussões grosseiras sobre temas sexuais, é que o conhecimento, que duas pessoas adquirem uma da outra em tão íntima relação, é, por sua própria natureza, incomunicável. É tão íntima esta comunicação que os interessados evitam compartilhá-la com estranhos: o conhecimento obtido, deste modo, é sagrado demais para que possa ser profanado. É um fato psicológico que aqueles, cujo conhecimento em matéria sexual foi comprovado no amor unificador do casamento, preferem deixar o assunto nas sombras de um mistério compartilhado por dois, a trazê-lo à baila da discussão pública. Não é que estejam desiludidos da vida sexual, mas porque esta foi, agora, transformada pela transcendente alquimia do amor, de tal modo que a sua natureza já não pode ser entendida por estranhos à mútua experiência. Pelo contrário, aqueles cujo conhecimento sexual não foi sublimado em mistério de amor que, portanto, fracassaram, são os que gostam de falar sobre assuntos sexuais. Maridos e esposas, cujos casamentos estão conspurcados pela infidelidade, procuram estas discussões; pais e mães, que são felizes nas suas relações, nunca falam deste assunto.

Quando o conhecimento se transmudou em amor, de tal maneira enche o coração que ninguém de fora lhe pode acrescentar o que quer que seja, e o assunto jamais precisa ser ventilado. As pessoas que falam das suas relações íntimas confessam, por isso mesmo, que não sublimaram suficientemente o seu amor até o converter num mistério, nem o transformaram no único tipo de amor entre sexos, que merece este nome.

A terceira perna da tripeça, em que o amor se apoia, é a semelhança. A semelhança, que conduz ao amor, entre duas pessoas, não quer dizer que não haja, de fato, certas diferenças entre ambas. Pode significar, apenas, que uma possui, atualmente, o que a outra possui, em potência. Sendo o coração humano imperfeito e desejando a perfeição, procuramos, pelo amor, suprir as nossas deficiências. O jovem pouco elegante desejará casar-se com uma rapariga bonita: a beleza potencial (que ele não possui, mas de que está ávido) atrai-o para o que é muito mais belo que ele.

A semelhança serve de base até mesmo aos mais banais ou aos mais pomposos dos nossos amores. A mulher que aspira a subir de categoria na sociedade, cultiva relações com pessoas «importantes», porque estas, atualmente, possuem o que ela gostaria de

ter, mas não tem. Num plano muito mais elevado, os Santos amam os pecadores, não porque tenham em comum grandes qualidades de alma, mas porque o Santo é capaz de apreender a possibilidade de virtude que tem o pecador. Foi por isso que o Filho de Deus se tornou o Filho do homem: amou o que o homem podia ser e, na palavra de Santo Agostinho, «fez-se homem para que o homem se pudesse fazer Deus».

Capítulo XVIII

O Amor na Decepção

Malogram-se os casamentos, quando o amor é considerado não como algo transparente, qual vidro de janela, por onde se contempla o céu, mas como algo opaco, qual cortina, por onde nada se vê, além do humano. Quando os casados não descobrem que o amor carnal é o prefácio do amor espiritual, uma das partes transforma-se em objeto de adoração, em lugar de Deus. É esta a essência da idolatria, a adoração da imagem em vez da realidade; a mistificação da cópia pelo original, da moldura pelo quadro.

O amor humano promete alguma coisa que só Deus pode dar. Quando Deus é ignorado no amor, aquele que foi adorado como divindade, mais tarde ou mais cedo, revela não ser deus, nem sequer anjo. Visto que ele ou ela não deu tudo quanto tinha prometido, porque, não sendo divinos, eram incapazes de o dar, o outro sente-se traído, decepcionado, defraudado. Censura-se a haste da rosa por não ter produzido aquilo que nunca podia produzir — o busto marmóreo de uma divindade. Quando se verificar que o outro tem pés de barro — que é mulher e não anjo, homem e não Apolo, — o resultado será que esse amor erótico se converte em ódio. Quando cessar o êxtase, e a orquestra acabe de tocar, e o champanhe da vida deixar de espumar, a outra parte passará a ser considerada embusteiro e ladrão. E, finalmente, será chamada ao tribunal dos divórcios, sob alegação de incompatibilidade.

Começa, então, a procura de um outro cônjuge, na falsa ilusão de que um novo ser humano pode suprir o que só Deus pode dar. Em lugar de ver que a razão basilar do insucesso matrimonial foi não ter usado do amor conjugal como preâmbulo do amor Divino, pensa que as bolotas podem saciá-lo, quando lhe foi destinado alimentar-se apenas do pão dos Anjos. Até o fato de um homem ou de uma mulher procurar um novo consorte, claramente demonstra que entre eles nunca existiu amor algum, porque, se o sexo é substituível, o amor não o é. O sexo busca o prazer, o amor a pessoa.

Podem as vacas alimentar-se de diversas pastagens; uma pessoa, porém, não admite qualquer substituição. Quando alguém se identificou com um embrulho e for julgada somente pelo invólucro, não tardará muito que o ouropel perca o seu brilho e, então, lança-se fora o embrulho. Esta situação escraviza a mulher que está muito mais dependente do tempo que o homem, e cuja segurança, com o rodar dos anos, se torna cada vez menor. Ela acha-se sempre muito mais preocupada com a idade do que o

homem, e pensa mais no casamento em relação com o tempo. É que o homem tem receio de morrer, antes de ter vivido, ao passo que na mulher, o temor de morrer vem fundamentalmente de ainda não ter gerado a vida. A mulher deseja a plena realização da vida mais do que o homem, e ambiciona menos a experiência da vida do que o seu prolongamento. Sempre que as leis e os costumes de um país permitem um estado de coisas no qual a mulher pode ser rejeitada por ter mãos grosseiras de cozinheira, ela passa a ser uma escrava não das panelas, mas do homem.

A vida não é armadilha, nem ilusão. Assim seria se não existisse o Infinito para satisfazer os nossos anseios. Todos desejam um Amor que não morra, nem tenha momento algum de ódio ou tédio. Esse Amor está para além do que é humano.

O amor humano é uma centelha da grande chama da Eternidade. A felicidade que mana da união de dois seres numa só carne é o prelúdio dessa comunhão maior de duas almas numa só alma. Torna-se, deste modo, o casamento um diapasão para o coro dos Anjos, ou um rio que corre para o mar. É evidente, portanto, que há uma resposta para o sutil mistério do amor, e que a alguma meta nos conduzem os humanos anelos. Esta meta é a união final com Deus, onde a procura e o encontro, o romance e o casamento se fundem numa só coisa. Sendo Deus Amor Eterno e Infinito, não se poderão sondar as Suas Profundezas sem um eterno e estático demandar.

Capítulo XIX

Amor Verdadeiro

Há duas espécies de amor: o amor por causa do prazer que dá, ou o amor por causa de outrem; o primeiro é amor carnal, o segundo espiritual. O amor carnal conhece a outra pessoa só no momento biológico. O amor espiritual conhece-a, em todos os momentos. No amor erótico, as angústias do outro são consideradas dano da felicidade própria; no amor espiritual, as angústias dos outros são oportunidades para servir.

Por motivos vários, o mundo moderno foi ludibriado e caiu no logro de dar o nome de amor a uma espécie de vaga obsessão, que se alardeia em cartazes, reina na indústria de filmes, embaraça os dramaturgos que, para amantes rivais, têm de encontrar um desfecho que mais ou menos implique o suicídio, gera romances de venda fácil, perfumes exóticos impróprios para adolescentes ou gostos são. Tanto se tem banalizado o amor e tornado tão carnal que aqueles que amam verdadeiramente quase receiam usar esta palavra. Emprega-se, hoje, quase exclusivamente, mais para designar alguém do sexo diferente do que para nomear uma pessoa; fazem-no girar à volta de glândulas e não da vontade, está concentrado na biologia, em vez de estar na personalidade. Mesmo quando se disfarça em paixão louca por outrem, nada mais é do que o desejo de intensificar o egocentrismo.

O amor puramente humano é o embrião do Amor Divino. Disto encontram-se algumas sugestões em Platão, quando diz que o fim do amor é dar o primeiro passo para a religião. Ele descreve a transformação do amor por pessoas belas em amor de almas belas, e depois em amor da justiça, da bondade e, finalmente, de Deus que é origem de tudo quanto é belo e bom. O amor erótico, portanto, é uma ponte que se atravessa, não uma escora para descansar e se apoiar; não é um aeroporto, mas um avião; vai sempre em demanda do além, para a frente e para o alto. Todo o amor carnal pressupõe imperfeição, deficiência, desejo de perfeição, e anseio de enriquecimento, porque todo o amor é uma fuga para a imortalidade. Como o lago reflete a lua, todo o amor erótico há um reflexo do Amor Divino. A única razão por que no coração humano existe amor pelas criaturas, é a possibilidade de nos conduzir ao amor do Criador. Como o alimento é por causa do corpo, o corpo por causa da alma, o material por causa do espiritual, assim a carne é por causa do eterno. Eis porque na linguagem do amor humano pode, muitas vezes, descobrir-se a linguagem da teologia, tal como «adoração», «anjo», «adoro».

O Salvador não esmagou, nem extinguiu, depois, as chamas que abrasavam o coração de Madalena, mas transfigurou-as num novo objeto de afeição. O louvor Divino, tributado à mulher que derramou bálsamo nos pés do Salvador, lembrou-lhe que o amor, que, outrora, buscava o prazer próprio, podia ser transfigurado em amor capaz de morrer pelo amado. Por isso Nosso Senhor falou da Sua morte, naquele momento em que os pensamentos dela mais perto estavam da vida.

Porque está no plano Divino usar do amor carnal, como degrau para subir até o amor Divino, acontece sempre que, num coração moralmente bem equilibrado, à medida que o tempo corre, o amor erótico diminui e o amor religioso aumenta. Eis porque nos casamentos verdadeiros, o amor de Deus aumenta pelos anos fora, não no sentido de marido e esposa se amarem menos, mas porque amam mais a Deus. O amor passa de um afeto a aparências externas para aquelas íntimas profundezas da personalidade, que encarnam o Espírito Divino.

Poucas coisas há mais belas na vida do que ver esta paixão profunda do homem pela mulher que gerou filhos como mútua encarnação do seu amor, transfigurar-se naquela mais profunda «paixão sem paixão e violenta tranquilidade» que é Deus.

Capítulo XX

Os Efeitos da falta de Amor

No mundo, há muito quem não seja amado. Alguns, por causa do seu egoísmo, não se tornam amáveis; outros não têm espírito cristão bastante para amar aqueles que os não amam. Como consequência, o mundo está cheio de corações solitários. Fala-se aqui não do amor no sentido romântico ou carnal, mas num sentido mais elevado de

generosidade, perdão, bondade e sacrifício. Talvez possa ser útil conhecer alguns dos efeitos psicológicos de não amar os outros de um modo realmente nobre e desinteressado.

O primeiro efeito de não se ser amado, porque não há bastante generosidade e caridade para com os outros, é o cinismo e a hostilidade até. Nem uma palavra agradável se diz, em favor de quem quer que seja. Porque não se é amado, tenta-se fazer que todos os outros não sejam amados também. São assim assassinados os caracteres, os mais nobres motivos denegridos e as calúnias acreditadas e propaladas. Quando os outros se mostram dedicados, eles procuram a cilada aí escondida; até as dádivas são olhadas com suspeita e a saudação mais sincera é acusada de hipocrisia. Porque estes egoístas são assim infelizes, pretendem fazer infelizes todos os outros. Nem uma vez sequer conseguem descobrir que são a causa da sua própria infelicidade. É sempre qualquer outra pessoa que tem a culpa. «Esbarrei-me contra outro carro, porque «tu» me enervaste de manhã, ao pequeno almoço, interrogando-me sobre o meu balanço bancário». «Constipei-me, porque não me oferecete um casaco de pele de marta, como usam as esposas dos outros funcionários»

A falta de amor produz um complexo de martírio que é um esforço mórbido para atrair compaixão e auxílio, quando o verdadeiro amor não existe. Fingir-se doente é um dos processos. Porque a boa saúde não provoca afeto dos outros, fingem-se feridos, na esperança firme de que alguém há de ligar as feridas. A «dor» que existe no espírito, é a perda do amor. Essa «dor» é transferida para o corpo e converte-se em doença. Se se pudesse exprimir por palavras o que se passa dentro daquela alma, poderia dizer-se: «Eu tenho real necessidade de passar bem, e, se me fizer doente, então os outros são obrigados a amar-me»

Assim como as dores de cabeça podem ser produzidas pelo desejo de fugir à responsabilidade, também a doença pode ser produzida pelo desejo de granjear afeição. Há pessoas em que isto atinge um ponto tal que, durante anos, ficam acamadas ou impossibilitadas de andar. Conta-se que, no terramoto de São Francisco, para cima de trinta pessoas que não andavam há cerca de vinte anos, se levantaram e caminharam.

Eram paráliticos mentais, não corporais.

Outra espécie de reação é a daqueles que admitem precisar de amor, mas dizem: «daqui em diante, farei que não preciso de amor». Como resultado, criam um falso espírito de independência, tornam-se quezilentos, contradizem todas as ideias e sugestões, sem olhar se são boas ou não, geram instintos antissociais, fumam diante de avisos em que se diz que é proibido fumar, estacionam em lugares onde é proibido

estacionar. A dureza, a aspereza, certa acrimónia e rudeza de carácter muitas vezes não são mais do que um sobrececho carregado por falta de amor.

É muito provável que a demasiada importância que na sociedade se dá hoje à segurança, seja devida à falta de amor. Noutros tempos, a gente desejava ser feliz, e muitos eram felizes, quer dentro do círculo familiar, quer pelos laços de um matrimónio estável, quer pela profissão da vida religiosa. Agora, a instabilidade do lar, por causa do divórcio, vai aumentando. Urge encontrar um substituto para o amor conjugal, e isto manifesta-se numa busca implacável de poder e de segurança, que são dos menores fatores da felicidade. homem de negócios que está completamente absorvido por eles e se demora no escritório até altas horas da noite, sem grande desejo de regressar a casa, pode, por vezes, fazê-lo para compensar a falta de amor no lar. Estão, agora, alguns médicos a relacionar certas doenças de pele com causas mentais. Diz-se que algumas pessoas que têm receio de «encarar o mundo», revelam manchas de pele. «As nódoas do espírito» convertem-se em nódoas do corpo. Sejam quais forem as provas apresentadas pela medicina para defender este ponto de vista, a verdade é que não há um grupo de mulheres que pareça ter uma tez de rosto como a das freiras. A maior parte nunca se olha ao espelho, mas possuem um meio sem igual de conseguir beleza, o qual falta a muita outra gente, isto é, uma boa consciência e a paz de alma. A pele dos que sofrem por uma sensação oculta de culpabilidade conta, por assim dizer, a história da doença que dentro da alma vai. Uma pessoa que escondera a sua culpa, e a si mesma não desistia de dizer: «eu sou uma leprosa moral», surgiu com uma infecção de pele que só desapareceu, quando se reconciliou com o marido.

Não há outro remédio para a falta de amor senão o amor. Sempre haverá amor para quem é amável, mas nunca haverá amor para quem não é amável, a não ser que o amemos por amor de Deus. Somos assim reconduzidos de novo à religião e a Deus, cuja essência se define no Novo Testamento: «Deus é amor»

Capítulo XXI

O Infinito e o Sexo

De todas as coisas que conhece o homem, aquela que ele menos conhece é a si próprio. Não cessa de tentar decifrar o enigma de si mesmo, de sondar qual o sentido da sua natureza. Esforçam-se alguns escritores modernos por encontrar uma solução simplista, reduzindo o homem apenas a um dos seus numerosos instintos — o instinto sexual.

Enleados na dificuldade de entender o homem total, apagam do seu conhecimento tudo quanto lhe diz respeito, exceto uma minúscula região, e, depois de a estudarem, simulam ter esgotado as incógnitas do homem. Esta «resposta» ganha popularidade

entre aqueles que perderam a compreensão do autêntico sentido da vida: desconhecendo o seu verdadeiro fim, agarram-se à intensidade das experiências sensuais e usam-nas como droga para escapar ao tormento que o significado supremo da vida lhes causa.

O sexo é uma pequena parte do homem, mas proporciona sempre uma ponte para o infinito, para o sobrenatural: se não for divinizado por um amor desinteressado, torna-se diabolicamente perverso. O homem não pode ser «um mero animal» como os animais. Para os jovens, cujos desejos sexuais são mais fortes, o infinito é o clima normal do espírito. Os jovens vivem de sonhos e esperanças do futuro, e todos os seus desejos são infinitos no seu alcance; e é por isso que um falso misticismo reveste qualquer veemente aspiração juvenil. É tão intensamente sentido tudo o que o jovem pensa que não é capaz de lhe pôr limites. O «namorico» não é exceção à regra.

O sexo, mesmo entre aqueles que negam a Deus, não é de molde algum um assunto que não encerre mistérios. O pudor ou a sua negação implicam que este instinto é daqueles que envolvem o espírito, o que não acontece com os outros.

Mesmo quando a fome é intensa, ninguém cora pelo desejo de comer. E todos os homens coram, se os acusam de estar secretamente apaixonados. Sentem intuitivamente que há algo de sagrado e reservado nesta paixão e que, portanto, não deve ser propalada tão descuidadamente: envolve segredos que só o céu deve conhecer. É por isso que o casamento, até entre os selvagens, tem sido sempre rodeado de ritos religiosos.

O espírito não pode ser banido do sexo. O desejo humano de fidelidade e amor perene, de lealdade e verdadeira dedicação, não brotam da carne, mas do espírito. O sexo, portanto, atua como um laço entre os mundos do espírito e da matéria. O pudor serve para proteger o aspecto espiritual, de modo a não ser descoberto pelas mãos grosseiras do mundo. E é pelo espírito que os homens se abraçam ao infinito.

O amor, que é propriamente a origem e a finalidade do sexo, é infinito sob outro aspecto: é destinado a dar-se, irradiando do pequeno centro do coração para distâncias sem limite. O amor é centrífugo; foge do «eu» e procura o seu objeto em Deus e em todos os Seus filhos, que lhe surgem no caminho. O amor é uma coisa que não se pode acumular, uma coisa que se tem de gastar para se possuir. Isto é esplendidamente exemplificado na família, porque o amor, que inicialmente só existe entre marido e mulher, vai aumentando, cada vez mais, ao ser despendido por ambos, com os filhos e um com o outro.

Uma vez dado o amor, segundo os desígnios de Deus, nunca mais há de ser retirado. Tem por fim romper caminho, incessantemente, de nós até ao Seu Amor Infinito, até que amemos todas as coisas porque as vemos como pertença Sua. Mas, se o sexo for separado do amor, e se converter apenas em meio de auto-satisfação, o seu curso

providencial ficará invertido. A outra pessoa é, então, considerada como um meio de prazer e não como pessoa que exige amor. O «entretenimento» passional converte-se assim em simples intercâmbio de deleites egoístas. E, como jamais foi da natureza do amor regressar ao amante, fazê-lo desse modo, voltar ao eu é envenená-lo, torná-lo um peso sobre o coração e transformar-lhe a energia em ódio. O movimento centrípeto do amor... vindo do próximo e de Deus para o eu... significa desilusão, ódio e amargura. Pode vir Deus até nós por quem quer a quem amemos, contanto que o nosso amor por ele seja dádiva, e se preocupe com os seus melhores interesses e não com os nossos.

Mas a atividade sexual, que é egoísta, destrói as nossas relações com Deus e com o próximo. Entra-se no infinito, por meio do amor, pela porta do esquecimento de si próprio; voltar-se, de novo, para si mesmo é retroceder para o finito, e abraçar o descontentamento que acompanha todos os esforços para alcançar a felicidade pela complacência com os apetites.

Das funções humanas a mais «psicossomática» é o sexo: nenhuma outra há em que corpo e alma, finito e infinito, carne e espírito estejam tão intimamente entrelaçados. Quando o sexo conseguir unir os dois, resultarão daí a paz e a alegria; quando a carne e o espírito estiverem divorciados, e somente se buscar o prazer sexual, resultarão o enfado e o tédio. Conservar na devida ordem as relações da alma com o corpo é a empresa de toda a vida. Uma filosofia sexual que, ignorando esta necessidade, estimule a gente a amar o corpo de outro, condena o amor à ruína; porque só perdurará o amor, quando o seu objeto é o corpo mais a alma. O que dá possibilidade ao homem e à mulher de permanecer no amor, é o Infinito que existe para além de ambos. Se tentam excluir o espírito... para limitarem as suas relações amorosas a um simples Tu, e Eu... não há amor. Porque ou o Tu acaba por ser absorvido pelo Eu (o que é domínio e sedução), ou o Eu se rende ao Tu (o que é idolatria). Duas pessoas completas e dedicadas só podem amar, se atraírem as bênçãos do Infinito, de Deus.

Capítulo XXII

Reflexões sobre o Amor

O eu tem uma maneira peculiar de disfarçar as verdadeiras razões do seu amor. Pode dar a aparência de interesse pela felicidade de outrem, quando, na realidade, está buscando o prazer próprio.

Há muita gente que gosta de vangloriar-se da sua tolerância, mas o que afinal a inspira é o egoísmo; porque desejam que não se toque nas suas próprias ideias, por mais errôneas que sejam, advogam a tolerância das ideias dos outros. Mas esta espécie de tolerância é muito perigosa, porque, quando o eu é incomodado ou ameaçado, converte-se em intolerância. É por isso que uma civilização que é tolerante das falsas

ideias, em lugar de ser benevolente com as pessoas, está em vésperas duma grande onda de intolerância e perseguição.

O egoísta considera sempre o seu eu como não tendo ou precisando de alguma coisa. O princípio fundamental da sua ação é puxar a si o que ainda não lhe pertence, como a boca que absorve alimento. Para ele não há qualquer entrega, qualquer serviço, nem qualquer sacrifício, porque considera o sacrifício como uma diminuição da personalidade.

O amor verdadeiro, pelo contrário, sente que a necessidade de dar é mais imperiosa que a necessidade de receber. Quando se principia a amar, há sempre a sensação de nunca poder dar bastante. Por mais preciosa que seja a dádiva, sempre lhe parece inferior ao que queria dar. As etiquetas do preço são arrancadas, porque desejamos não estabelecer proporção alguma entre a dádiva e a necessidade de dar. A tragédia do amor, quando começa a morrer, é que, então, nem sequer se dá o que se tem. Já não há a questão de não se poder dar bastante; o que há é a recusa absoluta de dar.

Há, no amor real, compaixão e necessidade. Compaixão, no sentido de que se sente um impulso de comunicação, um impulso de dar até ao esgotamento; necessidade, por causa dum vazio que se queria ver cheio. O verdadeiro amor recebe, sem mesmo procurar saber o que é dado. Não procura outro motivo que não seja o do próprio amor.

Aquele que pergunta «por que» é dada uma coisa, não confia.

Uma das tragédias do nosso tempo é interpretar a liberdade como sendo o livrar-se de alguma coisa, em lugar de a interpretar como amor. O homem que a todos ama, é livre; o homem que odeia, já se escravizou a si mesmo. O homem que odeia está dependente do que não pode amar, portanto, não é livre. Odiar o próximo que mora na casa vizinha é restrição à liberdade. Terá que circundar o quarteirão residencial para não ser visto, ou de esperar que o vizinho saia para também poder sair.

São os nossos amores e desejos que determinam as nossas penas. Se o nosso amor supremo for o prazer do corpo, então a nossa maior pena é a perda da saúde; se o nosso amor supremo for a riqueza, então o nosso desgosto mais profundo é a ignorância; se o nosso amor supremo for Deus, então o nosso maior receio é o pecado.

O grande mistério não é a razão por que amamos mas porque somos amados. É fácil entender a razão por que amamos, em virtude da nossa imperfeição e insatisfação por tudo que não seja a bondade completa. Mas a razão por que alguém nos ama, é um mistério, porque, quando olhamos para nós mesmos, sabemos quão pouco amáveis somos. A razão por que as outras criaturas nos amam, não é um mistério demasiado, porque também são imperfeitas. Mas a razão por que Deus nos ama — isso é que nunca entenderemos. À alma que, finalmente, chegou a amar a Deus, é atormentada pelo

pensamento de ter perdido tanto tempo. Como dizia Santo Agostinho: «Tão tarde Te ameí, ó Beleza antiga»

Mas, por outro lado, tal tristeza é compensada pelo conhecimento de que sempre estive no plano divino que, um dia, chegássemos a conhecer a Deus.

Gostamos de nos ver idealizados na mente dos outros. É esta uma das belas alegrias do amor. Tornamo-nos puros, inocentes, corajosos, fortes na mente do amado. O amor encobre a corrupção da alma. O inverno do pesar é esquecido, porque é revestido da florescência de uma nova primavera. Depois de certo tempo, o amante começa a substituir o que ele é, realmente, no eu espírito pelo que é no espírito do outro. É esta idealização o que agrada ao amor. Por isso o amor é um incentivo à perfeição. Quando o outro pensa bem de nós, esforçamo-nos por merecer essa opinião. O fato de os outros nos considerarem bons é um grande incentivo à bondade. É essa também a razão por que um dos princípios básicos da vida deve ser supor que nos outros há bondade; e, dessa maneira, os tornaremos bons.

Capítulo XXIII

O Mistério do Amor

Lá vem um momento, em que o mistério desaparece, mesmo no mais nobre amor humano. Uma pessoa tornou-se «habituada» ao melhor e chegou a considerar isto a coisa mais natural do mundo, como os joalheiros podem lidar desinteressadamente com as pedras mais preciosas, sem se incomodar a admirá-las. O que plenamente possuímos, não o desejamos mais. Nem podemos esperar o que já conseguimos. No entanto a esperança, o desejo e sobretudo o mistério são necessários para conservarem vivo o nosso interesse na vida.

Quando a maravilha se desvanecer dos nossos dias, estes tonar-se-ão, então, banais. O nosso espírito foi feito para a luta e para tentar sempre a solução de algum problema elevado, que sempre nos escapa. A atual popularidade dos romances de mistério talvez seja motivada pelo fato de muitos terem deixado de meditar nos mistérios da fé e, por isso, buscam, em qualquer substituto barato que lhes vem à mão, algo que substitua o que perderam. Os leitores das histórias de mistério dispensam toda a sua admiração à maneira como alguém foi morto; mas não se interrogam, como os contemporâneos de Dante e de Miguel Angelo, a respeito do destino eterno dos que morrem.

O homem saciado, não pode ser feliz; o nosso entusiasmo deriva do fato de haver portas ainda por abrir, véus ainda por rasgar, harmonias ainda por tocar. Se o

«amor» apenas for físico, o casamento acabará com a aventura amorosa: terminou a procura e desvendou-se o mistério. Sempre que uma pessoa nada tem que pareça estar fora do alcance do seu amante, há uma perda de sensibilidade e delicadeza que são a

condição essencial da amizade, da alegria e do amor nas relações humanas. O casamento não é exceção alguma; uma das suas mais trágicas consequências é a mera posse sem desejo.

Já não resta amor, quando se chegou ao fundo, ou se imagina que lá se chegou. Aquele, cuja personalidade deixou de estar envolvida na neblina do mistério, é um importuno. Tem que haver sempre algo de velado, algum mistério que não tenhamos sondado, alguma paixão que não possamos saciar... e isto é verdade até nas artes. Não queremos ouvir uma cantora a repetir constantemente a sua nota mais aguda, nem um orador a retorcar insistentemente a veementes patéticos.

No casamento verdadeiro há um mistério sempre crescente e, portanto, uma ventura amorosa sempre tecida de encanto. Pelo menos, quatro mistérios no casamento se podem enunciar. Primeiro, o do ser físico do outro cônjuge, o mistério do sexo.

Quando foi desvendado e nasceu o primeiro filho, novo mistério principia: o marido vê na esposa uma coisa que, antes, nunca vira — o belo mistério da maternidade. Por sua vez, ela vê nele o doce mistério da paternidade. E como outros filhos vêm renovar sua força e beleza, nunca aos olhos da esposa o marido parece mais velho que no dia em que se encontraram, e a esposa apresenta-se tão frescamente bela, como quando se prometeram casamento.

Quando os filhos atingem o uso da razão, um terceiro mistério se vai desenrolando: o da arte paternal e arte maternal, isto é, a sujeição dos espíritos e corações juvenis ao jugo do Senhor. À medida que os filhos se vão aproximando da maturidade, mais se aprofunda este mistério: a personalidade de cada criança é algo que os pais devem ir explorando, para depois a formar mais parecida com o Deus de amor.

O quarto mistério do casamento feliz compreende a vida social, o contributo que eles, conjuntamente, proporcionam ao bem comum do mundo. Aqui se encontra a raiz da democracia, porque na família o indivíduo não é avaliado pelo que vale, nem pelo que pode fazer, mas pelo que é. A sua categoria e situação no lar é-lhe reconhecida pela simples razão de existir. Se uma criança é muda ou cega, se um filho foi mutilado na guerra, é amado mesmo assim, por causa de si mesmo e do seu valor intrínseco, como filho de Deus. Nenhum pai diminui o amor, porque as possibilidades de ganhar ou a sagacidade terrena se alteram no filho, nem se importa posição social a que a sua descendência possa pertencer. Na família, este respeito pela personalidade, em atenção a si mesma, é o princípio social de que depende uma vida mais ampla de comunidade, e uma vigorosa admoestação a não esquecer o mais importante de todos os princípios políticos: o estado existe para a pessoa e não a pessoa para o estado.

Capítulo XXIV

Amor e Êxtase

Êxtase significa ser «arreatado para fora de si mesmo», e falando em sentido lato, o fato mesmo de amar arrebatava o amante para fora de si mesmo, levando-o a centrar os seus pensamentos, para além de si mesmo, no ser amado.

Os adolescentes ficam, por vezes, surpreendidos ao verificar que pessoas mais idosas descobrem que eles estão enamorados; denunciam-se pela distração sonhadora, pelo seu olhar imóvel para os espaços celestes e pela indiferença em coisas tais, como a hora das refeições. O amor «arreatou-os para longe». Ainda é o amor que está na base de todas as histórias de professores distraídos, que, em noites chuvosas, vão deitar o guarda-chuva na cama, e depois se põem debaixo da bica dos canos dos beirais; as coisas do espírito que eles amam, arrebataram-nos para fora do lugar ambiente. Qualquer grande amor tem efeito semelhante: faz o amante indiferente à fadiga física e à sordidez que o envolva. A cabana de um homem e de uma esposa que se amem, é um lugar muito mais aprazível do que os ricos aposentos do casal que cessou de amar. O amor de Deus gera uma indiferença maior ainda para com o nosso meio ambiente: um santo, como São Vicente de Paulo, foi levado tão longe no seu amor para com os pobres de Deus que se esquecia de se alimentar. Como da vida cristã escreveu Edna S. Vicente Millay: «Se, em cada entardecer, fixares a tua tenda mais próximo da cidade do teu desejo e vislumbrares as suas portas cada vez menos distantes, deitar-te-ás sobre urtigas, deitar-te-ás com víboras, e mal notarás onde te encontras»

Há uma grande diferença, porém, entre o amor humano e o amor divino, embora ambos nos arrebatem para longe. No amor humano vem o êxtase, no princípio. Mas, quando se trata de amar a Deus, só se atinge o êxtase depois de muitas dores e agonias de alma.

Nos prazeres corporais, encontramos, primeiro, a festa, mas depois o cansaço, e, possivelmente, dores de cabeça. Mas o espírito encontra, primeiro, o cansaço, e talvez dores de cabeça, mas como necessário prelúdio para a festa. Os prazeres estáticos, gozados por um jovem marido e esposa, no princípio do casamento, são, em certo sentido, «um engodo» para os induzir a realizar a sua missão de paternidade. A lua de mel é uma espécie de crédito divino, em que ficam empenhados aqueles que, mais tarde, pagarão as custas de criar família. Mas nenhum grande êxtase, quer do espírito, quer da carne, nos é dado em posse permanente, sem que tenhamos de o pagar. Todo o êxtase tem rotulado em si quanto custa.

«O primeiro fervor é falso fervor», tanto no casamento, como na religião. O êxtase inicial não é o amor verdadeiro e perdurável, que procuramos encontrar e possuir. Este pode vir, mas somente depois de muitas provações purificadoras, de fidelidade no meio da tentação, de perseverança, mau grado o desânimo, e de busca constante do nosso

destino divino, para além das seduções do mundo. É uma coisa bela o profundo, estático amor de alguns pais e mães cristãos, mas só o conseguiram depois de subir o seu Calvário. É este o verdadeiro êxtase que pertence menos à juventude que à velhice.

O primeiro êxtase de amor é uma viva emoção, mas emoção algum tanto egoísta: nele, o amante procura obter do amado tudo o que ele é capaz de dar. No segundo êxtase, tenta receber de Deus tudo o que ambos podem dar. Se o amor estiver identificado só com o êxtase inicial, buscar-se-á o seu prolongamento na presença de outra pessoa; se estiver identificado com um amor unificante, constante e eterno, procurar-se-á aprofundar-lhe o mistério em Deus, que é quem deposita todos os amores nos corações.

Muitíssimos maridos e esposas esperam que o seu consorte dê o que só Deus pode dar; o êxtase eterno. Todavia, se algum homem ou mulher pudesse dá-lo, seria Deus. Temos razão em desejar o êxtase de amor; mas se esperamos gozá-lo por meio da carne, que está meramente em peregrinação para Deus, estamos a preparar uma decepção. O primeiro êxtase de amor não é ilusão, mas uma espécie de folha com indicações de viagem, um antegosto, uma antevisão, estimulando corpo e alma a continuar a jornada para as alegrias eternas. Se o primeiro êxtase passa, esta mudança não é convite para amar outra pessoa, mas para amar de outra maneira, e a outra maneira é o amor em Cristo. O amor terá de seguir esse caminho, porque Ele disse: «Eu sou o Caminho»

AS CRIANÇAS

Capítulo XXV Maternidade

A Maternidade humana é dupla na essência, e é uma coisa mais complexa do que a maternidade dos animais. Há, primeiro, o ato físico da procriação, que é comum às mães e a toda a natureza. Assim como a árvore produz frutos e a galinha incuba os ovos, assim toda a mãe, pelo ato da procriação, está associada à vida de todos os seres viventes, e dela pode com razão dizer-se: «Bendito é o fruto do teu ventre»

Mas a maternidade humana tem um segundo e muito mais nobre aspecto — o do espírito. A alma de uma criança não provém da alma ou do corpo da mãe, mas é criada em toda a sua frescura pelo próprio Deus, que a infunde no corpo da criança, antes de nascer. A maternidade fisiológica é glorificada por esta cooperação com o próprio Deus, que perfilou a alma da criança, e, seguidamente, permitiu à mulher que a revestisse de sua carne. A mãe humana não gera um mero animal, mas um homem, feito à imagem e semelhança do mesmo Deus, que o criou.

Toda a criança nascida da mulher tem, pois, dois pais: o pai terrestre sem o qual não poderia ter vida, e o Pai Celeste, sem o qual não poderia ter uma personalidade, uma alma, um insubstituível «Eu». A mãe é a consorte essencial mediante a qual ambos os pais trabalham. O seu próprio parentesco com a criança tem dois aspectos que daí resultam: em primeiro lugar o aspecto que se pode chamar materno-infantil, no qual a criança é física e quase absolutamente dependente da mãe. Mas além disso há também o parentesco da pessoa do filho com a mãe (expresso no batismo, quando a criança se dá um nome próprio). Isto confirma a dignidade e a distinta personalidade, mesmo da criança mais pequenina, e prefigura o seu direito de um dia vir a ter vida independente se separar dos pais para ir unir-se à esposa da sua escolha.

Todo o nascimento reclama submissão e disciplina. A própria terra tem de ser rasgada pela charrua, antes de passivamente aceitar a semente. Na mulher, a submissão não é passiva, é sacrificial, conscientemente criadora, e é para esta abnegação que toda a sua natureza foi formada. É bem sabido que as mulheres são capazes de muito mais aturadamente se sacrificar que os homens. O homem pode ser um herói numa crise, mas depois volta à mediocridade. Falta-lhe a capacidade moral de sofrer, que habilita a mulher a ser heroica durante anos, meses, dias e até segundos da sua vida, quando a própria monotonia enfadonha das suas tarefas prostra de cansaço o espírito. Nem só os dias da mulher, mas também as noites, não só a alma, mas também o corpo hão de partilhar do Calvário da maternidade. É por isso que a mulher tem da doutrina da Redenção uma compreensão mais nítida que os homens: ela, ao dar à luz, pôde associar com a vida o risco da morte, e compreender o sacrifício de si mesma por outro ser, nos meses incômodos da gestação.

Na mãe, estão unidas numa, duas das grandes leis espirituais: o amor do próximo e a colaboração com a graça de Deus, e ambas são aplicadas de um modo sem igual, porque para todos, exceto para a mãe, amar o próximo é amar alguém que não é a minha pessoa; o próximo da mãe, durante a gravidez, é um consigo mesma, o qual, porém, há

de ser amado de modo diferente do próprio eu. O sacrifício que algumas vezes o amor do próximo implica, realiza-se agora dentro das suas entranhas: o agente e o objeto do seu sacrifício estão ambos contidos nela.

E, embora a cooperação com a graça possa na mãe ser inconsciente, faz dela, todavia, uma colaboradora da própria Divindade: toda a mãe humana é, em certo sentido, «envolvida pela sombra do Espírito Santo». Não sendo sacerdote é, no entanto, dotada de uma espécie de poder sacerdotal; e ela também leva Deus ao homem e o homem a Deus. Leva Deus ao homem, aceitando o papel de mãe, e permitindo assim a Deus infundir no seu corpo uma nova alma para gerar. Leva o homem a Deus quando dá à luz, porque aceita ser utilizada como instrumento pelo qual um novo filho de Deus é dado ao mundo.

Se na maternidade se vir apenas uma questão que não diz respeito senão a um homem e a uma mulher, vê-se demasiado astigmaticamente, e sem a honra que lhe é devida. Para compreendermos o real significado da maternidade, devemos incluir o elemento espiritual que vai informar a criança, devemos ver a esposa colaborando com o marido, o pai do ser humano, e com Deus, o Pai de uma alma eterna, imortal e diferente de qualquer outra, formada na história do mundo.

Assim, toda a maternidade humana implica um consórcio com a Divindade.

Capítulo XXVI

Pais e Filhos

Não há delinquentes juvenis; há apenas pais delinquentes. O quarto Mandamento, «Honra teu pai e tua mãe», quase nunca se apresenta hoje como meio de restaurar a paz doméstica. Se a disciplina no lar é descuidada, raramente poderá ser corrigida mais tarde. Como disse Coleridge: «Se se educarem os filhos de modo que estes reneguem os sentimentos religiosos da nação em que vivem, os resultados serão que por fim eles se tornam pessoas infames e fanáticas, sem que se possa muito contar com exceções»

Os efeitos que o comportamento dos filhos tem sobre os pais variam. Mais sofrem as mães com o seu mau procedimento do que os pais gozam com o bom.

O dever dos pais para com os filhos é disciplinar, evitando, por um lado, uma severidade irritante e, por outro, uma excessiva indulgência. No filho, dá Deus aos pais uma matéria tão maleável que pode ser moldada para o bem ou para o mal. Que aconteceria se Deus depositasse nas mãos dos pais um precioso diamante e nele lhes mandasse gravar uma frase que houvesse de ser lida no Dia de Juízo, e mostrado como índice dos seus pensamentos ideais? Como teriam cuidado na sua escolha! E, todavia, é pelo exemplo que dão aos filhos que os pais serão julgados no Último Dia. Esta tremenda responsabilidade não quer dizer, de modo algum, que os pais, quando os

filhos procedem mal, devam excitá-los à ira, porque esta conduz ao desânimo. No lar, os pais ocupam o lugar de Deus. Se procederem como tiranos, inconscientemente farão despertar sentimentos antirreligiosos nos filhos. As crianças gostam do aplauso, e podem facilmente ser lançadas no desespero quando demasiado censuradas por faltas triviais. Com grande dificuldade poderá ensinar-se às crianças o Amor e Misericórdia de Deus, se os seus representantes no lar procedem sem amor e sem misericórdia, e são tão difíceis de contentar. Quando as boas intenções são malsinadas, e as crianças são afrontosamente envergonhadas com vitupérios, provavelmente elas hão de mostrar que não são melhores do que os seus pais julgam.

Foi o Cristianismo que deu às crianças os direitos que lhes pertencem, quando o seu Divino Fundador disse: «Deixai vir a Mim as criancinhas e não as estorveis, porque delas é o Reino dos Céus»

Ele consagrou a infância, fazendo-Se criança, brincando nas verdes colinas de Nazaré e observando as águias a voar entre os seus filhos. Desde esse dia, ficou como eterna verdade a sentença sagrada: «Leva a criança ao caminho que deve seguir; e quando for velha não se arredará dele»

A vara que é torta, produz uma árvore torta. Quando se veem crianças, é interessante refletir como está conforme o modo delas se comportarem com a natureza dos lares donde procedem. Assim como se pode ajuizar da vitalidade da árvore pelo fruto, também se pode conhecer o caráter dos pais, pelos filhos, sabe-se que, em certos lares, nunca haverá um filho transviado, mas às vezes basta um relance de olhos ao pai ou à mãe, para nos revelar um futuro cheio de incertezas para a criança.

A tendência atual é alijar a responsabilidade para a escola. Mas deve lembrar-se que a educação terá tanta importância para a criança, como o solo, o ar e a luz do sol. Uma semente germinará melhor num solo e num clima que noutro, mas a árvore que desponta, depende da espécie de semente que foi semeada. Além disso, importa inquirir se a educação é apenas da inteligência ou também da vontade. O conhecimento está na inteligência; o caráter, na vontade. Incutir conhecimentos na mente da criança, sem disciplinar a sua vontade no bem, é como pôr uma espingarda nas suas mãos. Sem educação da inteligência, a criança poderá vir a ser um diabo estúpido. Com a educação da inteligência, mas sem amor do bem, a criança pode tornar-se um diabo hábil.

A nação de amanhã é a juventude de hoje. Ela é a garantia do progresso, a seta ainda não utilizada para um futuro melhor, as asas de nobres anseios. Mesmo na guerra, a força de uma nação não reside nas bombas, mas nos soldados que a defendem. Na paz, não são a economia ou a política que salvam, mas os bons economistas e os bons políticos; mas, para o serem, têm de ser bons filhos. Para isso importa haver, em primeiro lugar, a graça de Deus; em segundo lugar, lições de amor e verdade no lar; nas escolas, ciência e autodomínio. Se, porventura, os pais não são bem-sucedidos em seus

primeiros esforços, não devem desanimar, lembrando-se do que, há quinze séculos, quando o coração de uma mãe se despedaçava por causa do filho dissoluto, Santo Ambrósio lhe disse: «Não temas, Mônica; o filho de tantas lágrimas não pode perecer» Esse rapaz frívolo e dissoluto veio a ser o grande e douto Santo Agostinho, cujas «Confissões» todos devem ler, antes de morrer.

JUVENTUDE

Capítulo XXVII Sangue, Suor e Lágrimas

Recentemente, uma mulher, em assembleia de propaganda eleitoral, propôs a um político importante esta questão: «Por que é que os nossos dirigentes políticos nunca falam de sangue, suor, lágrimas e sacrifício, mas somente de quanto darão aos fazendeiros, aos industriais e aos sindicatos se forem eleitos?»

O político, respondendo, citou outro político, mas deu a impressão de não ter atingido o profundo significado da pergunta da mulher. Na verdade, esta mulher era a representante de uma grande seção do povo americano, que conhece bastante de história e psicologia para não ignorar que jamais ou nação ou indivíduo realizou algo de valor sem sacrifício e abnegação.

Toynbee fez notar que, de dezenove civilizações que pereceram, desde o principio da história até ao presente, dezesseis sucumbiram à corrupção interna; apenas três sobraram aos ataques de fora. Muito frequentemente, um ataque do exterior solidifica uma nação e revigora as suas fibras morais. Lincoln disse, uma vez, que nunca temera que a América fosse conquistada do exterior, mas que do interior lhe poderia vir a ruína. Lenine disse, um dia, que a América, esgotando-se mortalmente, sofreria um colapso, eventualidade que não está demasiado distante, com uma dívida nacional de pouco menos de trezentos bilhões de dólares.

Falara Walter Whitman não menos do nosso tempo do que do seu quando escreveu: «A sociedade dos nossos dias, está cancerosa, escalavrada, supersticiosa e apodrecida... A fé genuína parece ter desaparecido. As grandes cidades exalam vapores fétidos do roubo respeitável e não respeitável e da vilania. Na vida elegante, a irreverência, os esquivos e lânguidos amores, infidelidades fáceis, ideais rasteiros ou ausência total deles, somente para matar o tempo... É como se, porventura, fôssemos dotados de um corpo hercúleo com o seu objetivo bem marcado, mas recebêssemos uma alma pequenina ou até dela fôssemos privados»

O tormento de Whitman repercutia os pensamentos da mulher, porque ela estava preocupada com a nossa indiferença, tibieza e apatia moral. Se há coisa que se está a tornar clara na nossa vida nacional, é que a chamada educação progressiva é extremamente não-progressiva. A delinquência juvenil, o crime, o roubo, os escândalos políticos — todos esses filhos ilegítimos são lançados à soleira da porta da teoria educativa que negava a distinção entre o bem e o mal, e presumia que a continência era

idêntica à destruição da personalidade. Não há instinto ou impulso que, abandonado a si mesmo, produza necessariamente bons resultados. O homem tem o instinto de caçar, que é bom, quando dirigido para os veados na época da caça, mas mau, quando dirigido contra a polícia, na época ou fora dela.

O desrespeito pela autoridade, que é excrescência dessa doutrina estúpida de que o indivíduo é a sua própria regra de bem ou de mal, tornou-se agora a epidemia de ilegalidades.

Virá o dia em que os nossos educadores acordarão para alguns fatos básicos acerca da juventude: A juventude tem uma inteligência e uma vontade. A inteligência é a fonte do conhecimento: a vontade é a fonte das decisões. Se as suas preferências são perversas, a juventude será perversa, por maiores que sejam os seus conhecimentos.

A educação pela comunicação de conhecimentos não faz, necessariamente, um homem bom; poderá, talvez, fazer demônios instruídos, em vez de demônios estúpidos.

Tem a educação bom êxito, quando prepara o espírito para ver os objetivos que há que ter em vista, e disciplina a vontade para os preferir a objetivos reprováveis. Presentemente, duas torrentes se manifestam no nosso estilo americano de vida: uma segue no sentido de um grande desenvolvimento do caráter moral, tanto do indivíduo como da nação; outra, no sentido de renúncia da moralidade e responsabilidade a um estado socialista, no qual não haverá moralidade, senão moralidade estatal, nem consciência, senão consciência do estado. Das duas, a primeira é sumamente mais forte, embora nem a política nem a economia o tenham visto ainda. Alguns dos nossos educadores estão arrepiando caminho da psicologia de criança estragada, em que a criança se chamava progressiva, se fazia tudo o que queria; volta-se agora a excogitar um pouco e a trabalhar, para nos libertar da nossa delinquência juvenil e flacidez moral.

É a juventude, sobretudo, que está anelando por algo difícil; já não acredita nos mestres que afirmam não importa aquilo em que se acredite. Agora, os jovens querem acreditar que há coisas tão más que temos obrigação de combater contra elas, e que há coisas tão boas que nos devemos, se necessário for, acerrar e disciplinar até morrer para as defender. Esta potência latente de sangue, suor e lágrimas na nossa juventude americana cairá em poder, na próxima geração, de uma destas forças: ou de algum cacique político que usará esse desejo de sacrifício em qualquer coisa parecida com nazismo, fascismo ou comunismo, ou dos dirigentes políticos, morais e educativos, os quais mostrarão, primeiro, autodisciplina e coragem moral na sua própria vida, e, depois, darão exemplo aos outros.

A maior responsabilidade cabe aos dirigentes religiosos, cuja mensagem deve ser aquela que a mulher exigia dos políticos — um toque de clarim a proclamar o domínio sobre as tendências desordenadas e uma manifestação bem patente de altruísmo e de amor de Deus.

Capítulo XXVIII

Os Adolescentes

A adolescência, ou idade dos treze aos vinte anos, é o breve lapso de tempo entre a primavera e o verão da vida. Antes de chegar à adolescência, há muita pouca individualidade ou personalidade, mas, desde que chega a adolescência, a vida emocional toma o caráter do ambiente, como a água toma a forma do vaso, em que for lançada. O adolescente torna-se consciente de si mesmo e dos outros, e, por esse motivo, começa a viver na solidão. A juventude é mais solitária do que muitos pais e professores julgam; talvez o adolescente seja torturado por uma solidão de espírito maior que em qualquer outra época da vida até à maturidade, em que o sentido da culpa não expiada começa a pesar na alma humana.

Quando o adolescente projeta a sua personalidade no mundo que o circunda, julga afastar-se mais dele. Entre a sua alma e o mundo parece haver uma parede. Mas ele não tentará nunca refletir profundamente sobre estas ilusões. Assim como leva muito tempo a uma criança coordenar os olhos e as mãos, também a um adolescente demora o adaptar-se completamente a este grande mundo, ao qual parece tão estranhamente ligado. E então não o pode fazer sem especial esforço. A vida com surpresas ainda não sentidas, estranhas experiências emocionais, grandes sonhos e esperanças inundam a sua alma, pedindo cada qual atenção e satisfação. Os seus estados emocionais não os confia a ninguém; limita-se a viver. É difícil ao adulto penetrar na concha, em que o adolescente se meteu. Como Adão depois da queda, também ele se esconde para não ser descoberto.

Com esta solidão mistura-se um grande desejo de ser notado, porque o egoísmo é um vício que, cedo, tem de ser dominado na juventude. Esta avidez de ser conhecido explica as maneiras aparatosas de alguns adolescentes. Não só atrai o olhar estupefato dos outros, como também experimenta uma sensação latente de rebeldia contra eles e afirma que vive para si, à sua maneira e como lhe apraz.

Simultaneamente com esta qualidade de impenetrabilidade, o adolescente torna-se imitador, quase como os japoneses. Se, por um lado, está em rebelião contra normas fixas e se deixa dirigir, em grande parte, por impressões fugidias, por outro, assemelha-se ao camaleão, que se reveste das cores dos objetos que o rodeiam. Será herói ou bandido, um santo ou ladrão, conforme o ambiente, as leituras ou os companheiros. Este espírito de imitação manifesta-se no vestir. Batas, camisas caindo por fora das calças e flutuando como bandeira de um exército derrotado, cabelo cortado à moda dos selvagens da Oceania – todas estas coisas se universalizam entre os jovens que temem «remar contra a maré».

Há poucos chefes entre os adolescentes, contentando-se a maior parte em seguir os outros. Há nesta inconsciente mímica um perigo moral, porque o caráter está dependente da capacidade de dizer «não». Se a educação não puder exercitar a vontade dos jovens, muitos deles passarão para a idade adulta como escravos da propaganda e opinião pública e assim ficarão todo o resto da vida. Em vez de criar, imitam. Criar é reconhecer o espírito das coisas; imitar é afundar a personalidade até ao mais baixo nível das massas.

As pessoas idosas não devem ser censores acerbos dos adolescentes, particularmente quando estes se rebelam contra elas. Por um aspecto, eles não estão em rebeldia contra a coerção, mas contra os mais velhos, por não lhes darem um objetivo ou uma finalidade na vida. O protesto do adolescente não é consciente. Não sabe porque odeia os pais, porque se revolta contra a autoridade, porque é que os seus companheiros adolescentes se tornam cada vez mais delinquentes. A verdadeira razão, porém, não se mostra à superfície; é um protesto inconsciente contra a sociedade que não lhe deu um teor de vida digna. As escolas, que frequenta, nunca deram importância à moderação, disciplina ou autodomínio. Muitos professores definiram liberdade e até democracia como o direito de fazer o que nos apraz. Quando passar esta fase temporária de rebelião, os adolescentes procurarão uma grande causa, a que possam totalmente dedicar-se. Há que ter um ideal. Hoje, em muitos casos, eles não têm maior ideal do que fazer girar a sua vida emocional à volta de um herói ou de uma estrela de cinema, de um chefe de qualquer bando ou de um cançonetista. Este sinal de civilizações decadentes só passará quando vier a catástrofe. Procurará, então, a juventude, um tipo diferente para imitar, e serão os heróis ou os santos. Um sintoma triste da nossa civilização é que os adolescentes nunca sentiram entusiasmo pelos nossos heróis de guerra. Isto é devido a que eles não estão ainda preparados para ideal mais sólido. Mas a hora chegará. E, quando chegar, terá de se pôr de sobreaviso, para que, ao reagir contra a educação «progressiva», falha de disciplina, não venha a seguir falsos deuses sacrificais, como aconteceu com os jovens da Europa, que se prostraram diante do nazismo, do fascismo e do comunismo.

A capacidade latente para ser magnânimo e herói que há em todos os jovens, breve virá à superfície, e, quando isso acontecer, será, se a Deus aprovar, nos heróis e santos que concentrarão os seus anelos. O ideal ascético extinguiu-se de entre os mais idosos, mas Deus envia novas gerações ao mundo, para lhes renovar as energias. Os nossos adolescentes encontrarão, um dia, os seus verdadeiros ideais no amor da pátria e no amor de Deus, particularmente, neste último, porque a função da religião é possibilitar aos homens sacrifícios que, à face da razão ou do egoísmo, nunca poderiam ter condições de existência.

Capítulo XXIX

Ainda os Adolescentes

O que os Americanos chamam «teenagers» ou adolescentes, compreende o período intermédio entre a primavera e o verão da vida. Assim como o que acontece às árvores e às flores, em Março, determina a qualidade dos frutos, assim as experiências dos adolescentes lhes ajudam a mudar a maturidade. Alguns jovens, como alguns frutos, amadurecem cedo demais, e outros parece nunca amadurecerem; outros há, porém, que realizam as melhores aspirações de uma geração que já passou.

A psicologia dos adolescentes é tão importante quão curiosa. As três características dominantes são: interioridade, imitação e inquietação.

Interioridade

Uma característica muitas vezes despercebida, por causa da vitalidade da juventude, é o seu sentimento íntimo de solidão e a sua impressão de isolamento gerada pela verificação de que uma espécie de barreira se interpõe entre si e o mundo. Os rapazes tentam, por vezes, vencer essa barreira, barbeando-se antes do tempo, transpondo assim a parede entre a adolescência e a virilidade; as raparigas simulam isso, na maneira de vestir ou em outras singularidades, para transpor a trincheira. Os gestos são canhestros, nervosos, deselegantes; os braços parecem que são demasiado longos e que sempre causam embaraços; as palavras têm pouco valor para serem trocadas com os adultos e assim lançarem a ponte entre os adolescentes e a gente grande. Há mais fantasia que ideias no seu mundo interior, o que pode explicar, em parte, a dificuldade em estabelecer contato com os outros. Por vezes, esta grande inaptidão aumenta a interioridade e faz recuar o jovem ou a donzela para dentro de si mesmos. Como nem sempre a atividade externa dá vazão ao mundo interior, o adolescente recorre, muitas vezes, ao mundo interior da imaginação, onde o rapaz ou a rapariga se dão a aventuras nos espaços fáceis do sonho, imaginando-se ele herói num campo de futebol, ela casada com um príncipe. Gosta-se muito do cinema, porque é um bom estimulante dessas esperanças e sonhos dourados. Todavia os traços gerais apresentam-nos alguém que atingiu uma maior profundidade interior, mas, desconhecendo o valor desta, exprime-se de modo que desfigura o seu progresso íntimo.

Imitação

A imitação tem uma profunda razão filosófica. O eu está sob o imperativo e a necessidade de emergir de si mesmo como uma crisálida; o interior está em ânsias de afirmar a sua personalidade. A imitação torna-se um substituto da originalidade; a originalidade custa ao jovem esforço, labor, canseiras e, às vezes, o desdém alheio; a imitação, contudo, dá-lhe, por meio de uma espécie de conformismo social, a exteriorização de que necessita. Aferrolhado em si mesmo, o jovem tem de sair da sua prisão. Já que é mais difícil ser ele mesmo, e nessa idade ainda ele não sabe bem o que é então torna-se um adorador de heróis; daí os clubes de admiradores de qualquer grupo

desportivo, o fanatismo pelos tocadores de jazz-band, a idolatria de certas estrelas de cinema.

Eis porque, na idade da escola secundária, se encontram muito poucos que vistam fora do tipo estabelecido por alguns. É reduzida, na idade adulta, a minoria criadora; por isso não se deve levar a mal que o jovem imite. Esta mímica pode ser perigosa, se o que é idolatrado não for digno dele; mas pode exercer na juventude uma influência nobilitante, se os que são imitados forem nobres, bons e patriotas. A juventude imita, porque quer criar, e a criação assinala, de um modo construtivo, o fim da interioridade.

Inquietação

A melhor descrição da inquietação talvez seja a afeição instantânea e inconstante. Há uma extrema mobilidade na juventude, devido à multidão de impressões, que inundam a alma. A vida é multiforme; há pouca harmonia, por causa da variedade de atrativos do mundo exterior. Daí a preferência de certos jovens por um determinado tipo de música «*jitterbug*»; é que fornece uma saída muscular à energia mental, que não foi ainda equacionada. Por causa desta agitação é difícil ao jovem ou à donzela fixar a atenção em qualquer objeto determinado; é penosa a perseverança no estudo; os impulsos do momento solicitam-no imperiosamente. Isto podia degenerar em delinquência, se a sua atividade não encontrasse um objetivo. Mas, do mesmo modo que as outras características, também esta pode salvar o jovem, porque ele, na verdade, está a correr em redor do círculo da experiência humana, para decidir em que segmento particular se irá fixar na vida; percorre o mundo das profissões, ocupações e situações e decide depois em qual deles ficará. Desde que essa energia foi canalizada, concentrada, equacionada, torna-se o início do trabalho até à morte, e o adolescente começará a ser o que Deus quis que ele fosse — um homem que, no amor da virtude, sabe amar uma mulher, um amigo e a sua pátria.

Capítulo XXX

Amores da Juventude

Todos os jovens estão cheios de incertezas e de ansiedade latente, porque a vida não foi ainda reduzida à unidade. O imediato e o presente solicitam-nos com tal ímpeto que não se dão conta de uma meta e finalidade predominante. Para encobrir este penoso estado, o jovem, muitas vezes, imagina-se o que um psicólogo poderia chamar um «super-ego». Não é uma imagem diferente de si mesmo, mas antes a imagem de alguma coisa que o aperfeiçoará e reconduzirá à unidade. Este «super-ego» é o que desejamos ser, para completar a nossa personalidade e o que, por vezes, receamos nunca vir a ser. É quase como a bolota imaginando o roble, o botão, imaginando a flor e o alicerce, o teto. É a satisfação de todas as aspirações, a realização dos nossos sonhos.

«Os jovens sonham sonhos e os velhos contemplam visões»

Os jovens olham para a frente, os velhos para trás. Os jovens, como o arroio, olham para o mar, que os inundará de alegria; os velhos, como o mar, olham para trás, para os arroios.

Por isso, no amor juvenil, há uma inclinação para admirar aqueles que lhes completam a imperfeição. Isto nada mais é que o amor de Deus, que é quem pode satisfazer as aspirações do coração. É, portanto, incapaz de amar, aquele que se considera plenamente satisfeito, que não tenta atingir a perfeição de que está privado. Todo o jovem se enamora da imagem do possível, isto é, do seu sonho em marcha, da sua vacuidade repleta, dos seus anelos satisfeitos. Gustavo Thibon disse, uma vez, que «toda a mulher promete o que só Deus pode dar». Com isto quis afirmar que o amor, a que todo o coração aspira, é infinito; a mulher parece dá-lo ao homem, mas, na realidade, o que quer o homem, não é o amável, mas o Amor, que é divino. Na literatura, não é raro encontrarmos mulheres delineadas com os traços do possível, por exemplo, a Beatriz de Dante. De fato, não se sabe se Beatriz algum dia existiu. Mas certamente a sua influência foi maior assim, porque perdurou como o ideal possível.

Trazemos dentro de nós as linhas mestras da imagem do nosso ideal. Um dia, vemos este ideal; e, embora se chame «amor à primeira vista»: logo que se viram, logo se amaram, talvez ele fosse aquilo que sempre se amou, mas ainda não se vira; pelo menos, assim se pensa. O nosso ideal ou «super-ego» pode induzir-nos a procurar situações favoráveis para o ver realizado, como o homem, que gosta de bater-se em duelo, procura a companhia dos duelistas. A juventude busca, por toda a parte, a pessoa que há de completar o circuito interior, que há de preencher um desejo que, no fundo, é de Deus, mas que, por algum tempo, coloca outrem no Seu lugar. Todos amam mais o todo que a parte. Portanto, todos amam mais a Deus que o Seu amor refletido nas criaturas.

Mas quase sempre não se chega a tomar consciência desse amor.

O grande mistério da vida não é realmente desejar ser amado, mas ser amado. Temos necessidade de amor, porque somos imperfeitos, mas não é fácil compreender por que se há de amar o imperfeito. É por isso que todos os amantes se consideram indignos. O amado está sobre um pedestal, o amante está prostrado, confessando a sua indignidade. O amor apresenta-se sempre como um dom imerecido. Abandonar ou ser infiel a esse amor é ferir toda a personalidade, porque isso destrói a imagem do ideal que lá estava primeiro. Destruir a imagem do possível é condenar-se à angústia, que palpita na verdade das cruéis palavras de Ovídio: «Não posso viver contigo, nem sem ti»

Este «super-ego», ou ideal, ou imagem do possível, manifesta-se de diversos modos no jovem e na donzela. No primeiro, há prazer em demonstrar que ela é o ideal. Assim ele racionaliza o seu ideal, provando a si mesmo e aos outros que o ideal se concretizou.

No entretanto, ela esforça-se por intensificar a ideia de que é ideal, movendo-se nos céus cristalinos da imaginação. Para atrair, ela dá a aparência de se distanciar, tornando-se o ideal supremo para o apaixonado. Mas, em ambos os casos, o verdadeiro e absoluto ideal não se encontra. Esse ideal é Deus. E só mais tarde é que a juventude verifica que aquilo a que ela aspirava era «o amor que nos escapa em todos os amores», o amor do Infinito, amado com «paixão sem paixão e ardente tranquilidade».

DESTINO DO HOMEM

Capítulo XXXI Supremo Valor

A primeira decisão que toma qualquer viajante é escolher o seu destino. Depois de saber para onde vai, pode, então, decidir que meios de transporte usará na viagem – automóvel ou a pé, avião ou comboio. O homem prudente procederá pelo mesmo insubstituível método ao planear como há de viver, porque a vida também é uma viagem. Também ela deve ter um destino, escolhido com critério, antes de podermos decidir a melhor maneira de despender as nossas energias e passar os nossos dias.

O homem que orienta conscientemente as suas ações de tal jeito que possa salvar a sua alma, tem como meta a Eternidade e Deus. É este o modo de proceder normal ao homem. Como Macbeth, há pessoas que consideram a vida como uma «história contada por um idiota, cheia de estrépito e de frenesi, e sem significado algum». Mas, como Macbeth, só chegam a esta desesperada conclusão, quando os seus crimes impenitentes os fazem temer o juízo do após-vida. O ateísmo é o que desejavam se cumprisse aqueles que não querem acreditar que alguém, seja embora um Deus Misericordioso, existe «acima deles»: ninguém nega a imortalidade, a não ser que sinta que a sua vida lhe dá razões para a temer. Os clínicos não chegaram às suas presentes crenças, por um caminho premeditado; pecaram e depois adotaram uma justificação, para parecer legítimo o pecado. Primeiro viveram; e, mais tarde, imaginaram um conjunto de crenças, para justificar as suas orações. Os arrazoados vieram depois do mau proceder; não o precederam.

Muitos ateus e agnósticos procuram emprestar à vida algum significado e finalidade, escolhendo um único e temporal valor supremo e fazendo dele a sua meta. Escolhem um «destino» e fazem somente aquilo que parece aproximá-los dele. Assim os

gozadores andam toda a vida à cata de prazeres. Os orgulhosos procuram apenas fazer que os outros os considerem como deuses. Um homem pode, facilmente, descobrir qual é para si o supremo valor: é aquilo, cuja falta mais o contristaria, aquilo que, uma vez alcançado, mais o alegraria.

Hoje em dia, há muitas pessoas que consideram a obtenção de riquezas como a meta da sua vida. Isto é um «destino» inferior, porque rebaixa a dignidade do homem, obrigando-o a servir a alguma coisa que é menor que ele mesmo — visto que os bens materiais são inferiores à pessoa humana. Há outros que correm após honras, publicidade e fama. Estes são também fins indignos e demasiado mesquinhos; quem quer que se exponha a um chuveiro, onde não possa levar os seus recortes de jornais, reconhece que a sua celebridade não o elevou acima dos outros homens. Fazer «do que se diz» uma meta na vida, é andar a mendigar uma depressão nervosa, tornando-se escravo do capricho de qualquer palrador.

Numa verdadeira meta da vida há que ter em conta a natureza do homem: aquilo para que foi feito e o que anseia possuir. As faculdades que o distinguem dos animais, são a inteligência (que naturalmente procura conhecer toda a verdade) e a vontade (que deseja abraçar todo o bem). Mas nós sabemos que a Verdade perfeita e o Bem perfeito só em Deus se podem encontrar; a completa satisfação da nossa natureza é portanto

impossível, exceto Nele. E a felicidade que desfrutamos de procurar a Deus como valor supremo, como meta, não está sujeita aos acidentes da nossa vida sobre a terra; brota do íntimo da própria alma. O homem que tem a Deus como fim, conhece uma paz que o mundo não pode dar, nem destruir.

Quando Deus é escolhido como valor supremo, teremos uma medida para aferir as ações e para saber o grau da sua bondade ou da sua malícia. «Faz bem» o homem, contanto que dirija o seu rumo para Deus; faz mal, quando d'Ele se desvia. A viagem para Deus nesta vida é uma preparação para a Luz da glória, para a posse beatífica de Deus na Eternidade. Romper por todos os obstáculos até chegar a este êxtase perene é o verdadeiro fim para que os homens nasceram; quando rumamos em direção a ele, somos «bons», isto é, estamos a servir à finalidade para que fomos criados. Um lápis é «bom», se escrever bem; um cavalo de corrida é «bom», se correr bem; um homem é «bom» se cumprir bem o seu fim, que é conhecer, amar e servir a Deus, como preparação da Eternidade.

Por isso, apenas a vida centrada em Deus pode dar-nos um meio adequado para medir o valor desta ação em relação com aquela. Fazendo do prazer o seu destino, o materialista pode pensar que viverá alegremente; mas engana-se, porque os prazeres egoístas, pela repetição, tornam-se insípidos e perdem o seu travo. O orgulhoso pode imaginar que o poder e o prestígio satisfarão o seu coração esfomeado; mas também se ilude, porque tais alvos fazem-nos cruéis e desleais, e deixam-nos olímpicamente

isolados da nossa raça. Depressa a vida perde gosto e significado para aqueles que, para regular os seus dias, não encontram meta mais elevada que eles mesmos.

Mas quando a verdadeira meta é Deus, tudo é ordenado pela lei do amor. Então a paixão dominante é manter laços de amizade, em primeiro lugar com Deus e depois, como consequência, com a família, com os amigos, com os companheiros e até com os inimigos, por amor de Deus. O mundo já não será povoado de pessoas e coisas sobre as quais projetamos os reflexos da nossa vontade egoísta, mas será povoado de criaturas, que são preciosas e deleitáveis, porque todas podem, de algum modo, fazer-nos avançar na viagem para a nossa meta, que é Deus.

Capítulo XXXII

Riqueza e Poder

Em tempos passados, os homens falavam menos em «viver a sua vida» e mais em salvar a sua alma. Não ligavam tanta importância como nós a assuntos políticos e econômicos, mas tinham muito maior interesse pelas coisas morais e religiosas. Agora, já que a atração do Céu se relaxou para muitos homens, o seu apego à terra tornou-se mais intenso. À procura de Deus sucedeu a procura da riqueza e do poder. Não é o santo o ídolo do nosso século, mas o homem que atingiu o vértice da escala social.

Duas atitudes extremas tem de enfrentar o espírito moderno, quando se propõe a questão da importância que deve ligar ao êxito mundano. Deve ser adorado, procurado como o maior bem da vida? Ou, pelo contrário, deve ser condenado como imoral em si mesmo? Os homens ambiciosos do nosso tempo perfilam a primeira atitude extrema. A segunda é perfilada por duas espécies de revolucionários: os anarquistas, que condenam todo o poder, e os comunistas, que reprovam toda a riqueza.

No entretanto, há só um padrão genuíno pelo qual podemos aferir estes pontos de vista, que é a vida de Nosso Senhor. Os fatos narrados nos Evangelhos demonstram que o poder e a riqueza são ambições e ideais legítimos, embora com certas reservas, que o mundo moderno, habitualmente, ignora. A vida oculta de Nosso Senhor em Nazaré, revela-nos estas reservas, que são duas: ninguém tem o direito ao poder, enquanto não aprender a obedecer, como Cristo obedeceu a Seus Pais. E ninguém pode possuir, sem perigo, a riqueza, enquanto não aprender a defender-se dela, como Nosso Senhor, que escolheu como Seu primeiro mestre o de pobre carpinteiro de aldeia.

Eis, pois, um Poder que se tornou fraqueza, um Patrão que se tornou criado, um Senhor que se fez servo dos outros. A submissão a seu Pai foi o prelúdio de toda a manifestação posterior de milagre ou de autoridade; e assim deve ser conosco. Todos os poderes... políticos, industriais, sociais e econômicos... devem sujeitar-se ao Poder que está acima deles e ajustar-se aos desígnios de Deus, antes de poderem, com razão,

exigir dos outros a sujeição. Não é de baixo que o poder há de ser refreado, isto é, pela insubordinação do anarquista, ou pelo recurso à força armada do revolucionário, mas é de cima que lhe hão de vir os limites. O poder terreno só tem direito de exigir obediência, quando obedecer ao Poder que está acima dele; só pode exigir respeito pela autoridade, quando satisfizer aos desejos do seu Autor; só pode exigir reverência, quando ele mesmo se curvou para reverenciar a Deus.

Coisa parecida acontece com a riqueza. Ensina-nos Nosso Senhor que ninguém tem direito à riqueza, se não tiver aprendido a defender-se dela. A vida de Nazaré não intentou glorificar a pobreza aos nossos olhos, nem ensinar-nos a resignação fatalista perante condições de vida abjetas, nem pregar o sofrimento estoico da fadiga e da fome por si mesmas. Nosso Senhor foi pobre. Trabalhava duramente para satisfazer as necessidades elementares da vida. Era um carpinteiro indigente. Apesar disto, era um Deus Rico, que possuía o Universo, um Deus Poderoso que se fizera impotente.

Riqueza e poder não são, em si, um mal, porque ambos pertencem a Deus.

Assim os comunistas, que clamam raivosamente contra os ricos por serem ricos, não encontram apoio no Cristianismo. Ninguém tem o direito de desprezar os ricos, enquanto não tiver demonstrado, com Nosso Senhor, que está isento da paixão de possuir... e, então, não terá vontade de desprezar ninguém. A pobreza de Nazaré não era a condenação da riqueza, nem a glorificação da pobreza. Foi a ilustração da bela doutrina do desprendimento. Os discípulos de Cristo também foram capazes de se desprenderem dos seus bens para maior glória de Deus, embora eles se limitassem a alguns barcos de pesca, a redes emaranhadas e ao dom maior da sua vontade livre.

Nosso Senhor nunca procurou induzir o pobre a aceitar a pobreza como um bem, nem a miséria como uma coisa que deve ser ambicionada por si mesma. Não glorificou o pobre, nem o rico. Mas a quem, na verdade, exaltou, foi ao pobre, que, tendo sido rico, se fez voluntariamente pobre, ao pobre que, despreendendo-se de tudo, se tornou senhor de tudo, que não querendo nada, obteve tudo. Nosso Senhor não canoniza a renúncia à riqueza em favor do vácuo; o que Ele quer é que se deixe a opulência em troca das riquezas muito superiores do Céu. Não disse «Bem-aventurados os pobres» ou «Bem-aventurados os ricos», mas disse «Bem-aventurados os pobres em espírito».

A Vida oculta de Nazaré não prega um mero «truísmo» sobre a «beleza da pobreza» ou sobre a «santidade da fraqueza»: estas coisas não são, em si, virtudes cristãs. A lição de Nazaré é um paradoxo muito mais fecundo, mostrando-nos a riqueza do que, pelo desprendimento, se tornam pobres em espírito, e o poder daqueles que se fazem fracos para servir. O Nosso Sacratíssimo Senhor é, portanto, o único que jamais passou sobre a terra a quem ricos e pobres, patrões e servos, poderosos e fracos podem reivindicar por seu, e d'Ele dizer com toda a verdade: «Ele veio da nossa classe, é um dos nossos»

Capítulo XXXIII

Em Deus está a nossa Conservação

Se a nossa vontade se puser do lado de Deus, nunca poderemos desanimar, porque o lado que escolhemos, está sempre vitorioso e nunca é ludibriado. Em Deus está a conservação, no mal a ruína. A realidade das coisas encontra-se sempre do lado de Deus.

O mal é, necessariamente, instável, porque vai contra a natureza das coisas segundo foram criadas. Todas as leis da natureza humana nos impulsionam para o nosso destino específico tanto de santidade como de saúde. Se cuidarmos, devidamente, do nosso corpo, obedecendo às regras da saúde, seremos saudáveis; se violarmos essas leis, a nossa revolta trará a doença, e poucos tomariam o devido cuidado consigo, se a violação das leis da saúde não trouxesse algum castigo, como aviso. Neste e em muitos outros campos, nós somos livres de infringir as leis que Deus estabeleceu, mas não somos livres de escapar ao castigo que a infração das leis provoca. Saltar de uma janela não destrói a lei da gravidade, mas pode destruir a nossa vida. A natureza está sempre do lado de Deus; ela pode atrair os nossos desejos, mas nunca as Suas ordens. E isto é tão verdadeiro na esfera moral como na esfera física.

Quando os homens pecam, não é preciso a intervenção de Deus para serem punidos; a nossa natureza está feita de tal maneira que não podemos opor-nos a Ele, sem estarmos em oposição conosco. Se violarmos a lei da temperança, sentiremos a seguir uma dor de cabeça. Deus não nos mandou essa dor de cabeça por um ato especial; fez-nos já de maneira tal que das nossas ações más resultassem efeitos maus. O poeta Thompson descreve como até as coisas se revoltam contra nós, quando não as usamos segundo a vontade de Deus. Ele chama às criaturas «servos»: «Tentei todos os Seus servos, mas encontrei a minha própria traição na sua constância, sendo a Ele sempre fiéis e para comigo volúveis: eis a lealdade traiçoeira, a fraude leal»

Quando Pedro negou a Nosso Senhor, o galo cantou e fê-lo sofrer grande dor. Toda a capoeira se revoltou contra Pedro, porque a Natureza pertence a Deus.

Quando rejeitamos a lei moral, sofreremos, não porque intentássemos o mal, mas porque desafiamos uma força mais forte que nós: a realidade das coisas. Ao pecar, produzimos um efeito que não intentávamos; isto, porém, nunca acontece como resultado de ações boas. Se usar um lápis para escrever, não se estragará; se com ele tentar abrir uma lata, parti-lo-ei. É que usei o lápis para um fim contrário ao seu e por isso inutilizei-o.

Se viver a vida conforme ao seu destino supremo, que é a obtenção da Verdade e do Amor, aperfeiçoá-la-ei. Se a viver segundo os meus impulsos animais, darei cabo de mim certamente, como daria cabo duma navalha de barba, usando-a para talhar pedra.

O mal é sempre uma mutilação de nós mesmos. Se viver como devo viver, torno-me um homem; se viver segundo os ditames dos meus caprichos, torno-me bruto e um bruto infeliz. Esse não é um resultado que tivesse alguma vez entrado nos meus planos, mas é, no entanto, inevitável. O homem que gosta de beber de mais, não quer arruinar a saúde, mas, na realidade, arruína-a. O homem que come de mais, não conta com a indigestão, mas tem-na. O homem que gosta de roubar, não pretende a cadeia, mas é lá que vai ter.

Quando um viajante não atende às placas de viação que lhe mostram o caminho que deve tomar, pode, mesmo assim, alcançar a sua meta, desde que reconheça o seu erro ao fim de cada atalho por onde erradamente enveredou. A desordem é um mestre severo, certamente lento, mas seguro. Os Espanhóis têm este provérbio: «Quem cospe no Céu, cospe na própria cara»

Pode triunfar o mal por algum tempo. Pode ganhar a primeira batalha, mas perde os despojos e a recompensa.

Para conduzir através do mundo as estrepitosas águias de Roma em triunfo militar, César abriu estradas; por esses caminhos, porém, Pedro e Paulo levaram o Evangelho. Também o fim deste mesmo século há de ver cientistas e filósofos andarem a apanhar, do cesto dos papéis velhos das universidades, todas as Verdades sagradas e divinas que os séculos dezoito e dezenove deitaram fora.

Porque no bem está a vida, no mal, a morte.

PAZ INTERIOR

Capítulo XXXIV O Pecado Impune

Por detrás de toda a tentativa de «se escapar», feito o dano, está a esperança de que nunca se será descoberto. Se há apenas uma inspeção aos livros, pode estar-se razoavelmente certo de que não se descobrirá o roubo; mas se há uma segunda inspeção por um guarda-livros superior, ser-se-á menos tentado a cometer o crime. Nada leva tanto ao mal como a crença de que este mundo é tudo, e de que, para além dele, não há um julgamento ulterior sobre o modo como vivemos e pensamos. Se este mundo é tudo, por que não tirar então dele o maior proveito possível, custe o que custar, contanto que se fique impune? Contrária a esta filosofia é a de Nosso Senhor que disse: «O que está oculto será revelado, e o que está escondido será reconhecido» (Lc 12, 2)

Em tudo há a propensão para sair da treva para a luz, para aqui se apresentar a um juízo equitativo. As sementes, que foram enterradas, procuram furar a terra que as cobre; as árvores de uma floresta densa curvam-se para melhor absorverem a luz; as conchas do mar profundo encaminham-se Tateando para a praia. Também a vida do

homem, por mais profundamente que este enterre os seus crimes, se lançará, um dia, para a Luz do Juízo, onde «cada homem será julgado segundo as suas obras».

A psicologia moderna baseia-se no pressuposto de que, mesmo neste mundo, o homem nunca sai impune. Os seus ódios secretos, os seus pecados ocultos, os seus petulantes atropelos das leis de moralidade — tudo isto deixa traços na sua mente, no seu coração e na sua subconsciência. Como o rapaz da antiga fábula, que escondeu na blusa uma raposa, que tinha roubado, e, enquanto negava a sua culpa, a raposa comeu-lhe as entranhas, também milhares de pessoas estendidas nos leitos de clínicas psiquiátricas podem negar a moralidade e a culpabilidade; mas, mesmo quando o negam, um verdadeiro psicólogo pode ver as suas consciências a serem devoradas. Nada há oculto que não venha a ser revelado.

Dentro de cada coração há paixões e desejos, esperanças e receios, ódios e concupiscências, maus propósitos e delitos ocultos; um dia todos estes habitantes sombrios desse mundo abissal da mente romperão caminho para a confissão da culpa, ou então para se manifestarem em sinais mentais e físicos da negação dessa culpa.

Ninguém há que não seja livre em negar a moralidade, mas não é livre em se furtar aos efeitos da sua violação. O pecado está escrito no rosto, no cérebro, vê-se nos olhares fugidios e nos secretos temores da noite.

Se um homem sabe que os seus furtos virão a ser descobertos um dia, fará o possível por os ressarcir, antes disso acontecer. Se se sabe que tudo o que se fez, um dia será não só revelado a Deus, mas também aos outros homens, procurar-se-á purificar-se dos seus delitos, de modo que o que era dívida se transforme em crédito. Para tal alma nada há mais néscio que tentar ficar impune.

A psiquiatria é mais uma necessidade moderna do que uma descoberta moderna. Desde há séculos que o teu método é conhecido, mas nunca houve ocasião de aplicar, porque, noutros tempos, os homens sabiam que não podiam ficar impunes. As suas purificações, reparações e expiações faziam-se de joelhos em oração, e não de costas num leito de clínica. Mas neste tempo em que se negou a Divindade e a moral, a sociedade viu-se a braços com o tratamento dos efeitos mentais suscitados por essa negação. Os crimes não são novos, porque a lei moral é postergada talvez não mais que nos dias de grande fé.

Mas nesses dias, quando faziam o mal, sabiam que era mal. Perdiam o caminho, mas nunca deitavam fora o mapa. Hoje, porém, quando os homens fazem o mal, chamam-lhe bem. Isto cria, além do problema moral que se nega, um problema mental. E, é aqui sobretudo que a psiquiatria intervém. Não há nada de novo na descoberta de que fica a jazer no subconsciente a realidade que recusamos encarar. O que é novo é a necessidade de submeter a tratamento os que violam a lei e a negam; os que vivem licenciosamente e recusam aceitar as suas consequências. Toda a alma que viola uma

lei de Deus, mais tarde ou mais cedo volta contra si mesma o seu errado modo de pensar, e a língua comprida do malfezer não guardará silêncio. Negue muito embora o Juiz Divino; as suas ansiedades e receios revelam que há já um juiz sentado na sua própria consciência, condenando mesmo quando a sociedade aprova e reprovando quando ele próprio negasse. A maldade não se pode manter em segredo. O temor de Deus pode ter desaparecido da civilização moderna, mas o temor do homem ocupou o seu lugar e trouxe-nos, portanto, a infelicidade. Temer a Deus é recear ferir alguém que se ama, como um filho perante um pai dedicado. Temer o homem é encolher-se diante de ameaças e crueldade. Um dia um grande Livro será aberto, e dele constarão todas as palavras ociosas que tivermos proferido. Tudo o que é dito nas trevas se apresentará à luz, porque no exame final ninguém, em nada, ficará impune.

Capítulo XXXV

Concentração

Todo este capítulo anda à volta de duas palavras: escape e inscape que o Autor dá um sentido peculiar. Não encontramos na nossa língua termos correspondentes com o mesmo conteúdo semântico. Traduziu-se escape por «evasão», dando a esta palavra o significado de afastamento das inquietações que nascem dos problemas da vida fundadas em Deus, e recurso a tudo o que os faça esquecer; e inscape por «concentração» com o sentido de regresso a Deus, centrando Nele a nossa vida e a solução de todos os seus problemas. — N. do T.

É necessário introduzir uma nova palavra na nossa língua, e, embora talvez já tenha sido usada na poesia de Gerald Manly Hopkins, não entrou ainda no uso universal. Esta nova palavra deve ser o oposto de evasão («escape»). Evadir-se quer dizer fugir de uma coisa perigosa, na esperança de encontrar segurança. Deriva de duas palavras latinas: «ex» (de) e «cappa» (capa). Significa, pois, escapar-se de uma prisão, tornar-se livre. Mas estar livre de «uma capa» não é ser realmente livre. O homem quer ser livre «de» alguma coisa, a fim de estar livre «para» alguma coisa; de outro modo a liberdade não tem sentido. O mundo moderno está demasiadamente interessado na liberdade negativa ou na libertação de limitações, e não suficientemente interessado na liberdade positiva ou na realização do destino por Deus marcado. Um homem rico dirigiu-se a um motorista e perguntou-lhe: «Está livre?» O motorista respondeu: «Estou». O rico partiu, gritando: «Viva a liberdade». O motorista teve a compreensão, pela primeira vez na vida, que a isenção de limitações, ou seja a liberdade, somente tem sentido, quando há uma meta definida ou um objetivo a atingir.

Da palavra inglesa «escape», isto é, «evasão», derivaram uma outra, «escapism», que hoje se vai tornando vulgar. Este derivado que se poderia traduzir por «evasionismo», significa uma fuga, um ersatz e um substituto para não cumprir um dever ou uma obrigação. Por exemplo, o alcoolismo é uma «evasão» para o homem que acumulou dívidas e procura esquecê-las na irresponsabilidade do sono. Os comprimidos soporíficos servem de meio de se «evadir» às almas, cuja consciência as remorde continuamente, nas longas e temerosas noites. Aqueles que não têm, portanto, ânimo para se emendar dos maus hábitos, pretendem muitas vezes consolar-se da sua maldade chamando aos que amam a Deus «evasionistas».

A «evasão» é covardia. Não pode haver paz para a alma, enquanto não houver uma «concentração» («inscape»). «Concentração» significa a segurança espiritual, moral e mental que se encontrou ao penetrar no íntimo do significado e da finalidade da vida.

Tennyson escreveu um dia que, se conhecesse a flor que pende de uma parede esburacada, se conhecesse a sua raiz, caule e tudo que há nela, conheceria o que é Deus e o homem. Com isto queria dizer que a flor da parede esburacada era a «concentração» de todo o universo. Se de qualquer modo a conhecêssemos plenamente, vê-la-íamos refletir as inúmeras gerações de flores que a precederam, toda a chuva que caiu do céu, todos os raios do sol que a iluminaram, todos os produtos químicos da terra que escorreram outrora de vulcões primitivos, e, sobretudo, a Mente de Deus, que fez convergir todas as coisas para esta flor da parede fendida. Não só essa florinha, mas todas as pequenas coisas do universo, quer seja a filigrana de neve com os seus desenhos bizarros, ou as aves que, mais cedo que os monges nas celas, cantam matinas às árvores — todas estas coisas revelam a Mente do Criador. São a concretização dos planos do Arquiteto Divino.

Que é, então, a «concentração»? É lei, ordem, ritmo, ideal, finalidade. É a filosofia da vida, a revelação não só de onde venho, mas também do destino para onde vou.

«Concentração» é descobrir a ordem e o significado das coisas; é estar envolvido pelo véu do mistério de Deus; é tornar-se inteligível e dar significado à vida; é encontrar refúgio no Deus do amor. A toda a «evasão» deve corresponder uma «concentração», a toda a fuga da realidade um regresso à realidade, a toda a perda de personalidade uma recuperação de personalidade.

É aqui que um certo tipo erótico de psicanálise (que não se deve identificar com psiquiatria) se dá por vencido. Pode sondar e descobrir a doença, mas não pode saná-la; pode diagnosticar, mas não remediar; pode fazer a análise da psique, mas não a sua síntese; pode dizer que um certo homem tem neuroses de ansiedade, o que realmente não tem significado algum, mas não pode dizer-lhe por que é que há uma ansiedade fundamental na base da vida, visto desconhecer que a razão disto está em que as taças, por onde esse homem bebe, não podem conter o amor por que suspira. O amor sensual

é uma «evasão»; o amor da santidade uma «concentração». O divórcio é uma «evasão»; a fidelidade, a despeito das provações, uma «concentração». O egoísmo é uma «evasão»; a caridade uma «concentração». Porque os prazeres da vida deixam amargo trago e insatisfação, procuramos uma «evasão» do sentimento de cansaço. Porque os prazeres da união com Deus nos satisfazem, sem nos desgostarem, procuramos a bela «concentração» na Sua Verdade e Amor, até a morte se abismar na Vida. O Inferno é «evasão»: o Céu «concentração».

Capítulo XXXVI

O Espírito de Perdão

A alarmante onda de ódio que se espraia pelo mundo moderno é, em grande parte, causada pela culpa: o homem que se odeia a si mesmo, depressa começa a odiar o seu próximo. Os pecados inconfessados e por vezes negados criam dentro da pessoa um profundo mal-estar... o equilíbrio tem de ser, de qualquer modo, restabelecido; o eu tem, de qualquer maneira, de ser apresentado a uma luz mais favorável. O reto caminho para o conseguir é confessar os pecados e fazer penitência por eles. O caminho errado... que muita gente infeliz hoje segue... é dar-se uma aparência melhor, a si e aos seus pecados, aviltando os outros. O indivíduo que ofendeu alguém que ama, muitas vezes descobre que o ato converteu o seu amor em ódio: agora só pode parecer inocente aos próprios olhos, se acusar o outro de graves faltas para justificar a injúria que lhe fez. Passar assim do amor ao ódio é fácil; converter, porém, o ódio em amor é difícil, porque isto somente se pode fazer, se a voluntária ilusão é extirpada, a injúria confessada.

A segunda causa do ódio é o temor. Os homens que deixam de temer o Senhor, depressa começam a temer-se uns aos outros. Sentindo-se fracos, como realmente são, os homens tremem diante dos perigos de um «mundo hostil», que não podem aplacar ou conquistar. O temor de Deus é uma coisa muito diferente: não é um temor servil, semelhante ao que o escravo sente diante do seu tirano, mas um temor reverencial, como o que um filho pode ter para com um pai amoroso. O próprio temor de Deus liberta-nos dos temores temporais: confiamos que Ele nos proteja e ajude através de todos os perigos. Aqueles, porém, a quem falta esta confiança em Deus, dirigem os seus temores para os outros homens e odeiam o seu próximo, como outras tantas ameaças à sua segurança.

É perigoso estimular o ódio. Pode mesmo tornar-se um veneno físico: um jornal médico inglês referiu o caso de uma mãe cujo ódio pelo marido afetou o seu leite e envenenou a criança que amamentava. A cólera e o ódio podem igualmente afetar o aparelho digestivo, causando dispepsia e úlceras.

O ódio é difícil de deter, porque, se se deixar livremente, inicia uma reação em cadeia. A animosidade de um excita a cólera de outro, que, por sua vez, gera a ira em alguns mais. É por isso que Nosso Senhor nos disse que quando fôssemos feridos numa face, apresentássemos a outra: desta maneira, por um esforço interior da vontade, pomos fim à cadeia de cólera. O único meio, que tem o indivíduo, de destruir o ódio é absorvê-lo e convertê-lo em amor, no próprio coração.

Tal procedimento é-nos difícil: nós, homens, temos uma tão pequena reserva de amor em nós, que, se despendemos, depressa ficamos sem nada. Temos, então, de procurar outra fonte de amor, para perdoar... um novo mais abundante fluxo de misericórdia.

Há duas considerações que nos tornam mais fácil pedir a Deus que nos ajude a perdoar aos outros. Podemos lembrar-nos de quantas faltas nossas Ele nos perdoou. E podemos procurar ajudar a Deus no Seu perpétuo esforço de salvar a alma transviada.

A primeira consideração é um assunto que não oferece dúvida alguma: cada um de nós tem feito piores coisas a Deus que qualquer pessoa algum dia nos fez. Eis porque Nosso Senhor nos previne contra o fato de ver o argueiro nos olhos do nosso próximo, e não dar pela trave nos nossos: quando recordamos as ofensas que nos foram perdoadas, compreendemos que não estamos em condições de recusar o perdão ao próximo.

Lembre-se a palavra de Nosso Senhor: «Eu perdoei-te, a teu rogo, todo o débito; não era obrigação tua usar de misericórdia para com o teu companheiro, como Eu suei de misericórdia para contigo?»

A segunda consideração, que nos deve mover ao perdoar pode ser expressa nestes termos concretos: Suponhamos que algum inimigo nos fez uma injúria muito grave; mas que o pai do nosso inimigo vem até nós e que, durante anos, tentou fazer o seu filho amável e bom, mas sem êxito. Não perdeu, todavia, a esperança, suplica-nos que nos unamos também aos seus esforços para salvar o filho. Tal apelo abrandaria o nosso coração.

Deus é, realmente, esse pai. Ele que há tanto tempo sofre com os Seus filhos rebeldes, suplica-nos para também sermos pacientes com eles e partilharmos do Seu empenho em os trazer para a região do amor. Esta ideia é posta em evidência no que se refere de Abraão quando estava no deserto: Certa noite um desconhecido aproximou-se da sua tenda e implorou a sua hospitalidade. Abraão deu-lhe o melhor alimento, cedeu-lhe o seu próprio leito, serviu-o... mas o desconhecido queixou-se, censurou-o, afrontou-o.

Encolerizado pela sua ingratidão, ia Abraão expulsá-lo quando Deus lhe falou, dizendo: «Abraão, tolerei este homem durante quarenta anos. Não podes tu suportá-lo por uma noite?»

O poder de perdoar aos outros as suas ofensas vem-nos somente de Deus, mas Ele não no-lo recusará se Lho pedirmos. As Suas próprias palavras nos dizem: «Sede misericordiosos, como o vosso Pai Celeste é misericordioso. Não julgueis ninguém, e não sereis julgados; não condeneis ninguém, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados. A medida com que medirdes, é a medida com que sereis medidos»

Capítulo XXXVII

Vida Interior

Quanto mais buscamos a felicidade no mundo exterior, mais arriscamos a nossa paz interior. Só quem confia em si mesmo se mantém sereno, pois esse, e mais ninguém, fixou as condições de paz que estão debaixo do seu próprio domínio. Os outros são vítimas das circunstâncias, escravos de coisas que, em qualquer momento, lhes podem ser recusadas. O bêbado é um obcecado do álcool; os aventos são obcecados do dinheiro; os frívolos são obcecados da moda... o universo de qualquer um deles pode ser abalado pela vontade de outrem. Nenhum de nós pode dirigir o modo como os outros procederão para conosco; mas podemos dirigir sempre a nossa reação para com eles. As nossas relações com as coisas exteriores estão todas expressas em termos de ter ou não ter. A vida interior do espírito centra-se, pelo contrário, no ser, naquilo que se é. Demasiadas vezes a vida é danificada pela ambição de ter, quando o nosso principal interesse devia ser orientado para o ser. Uma vez que nada no universo material é maior do que o espírito — a personalidade dentro de cada um de nós —, toda a fraqueza perante um desejo ou necessidade material constitui um dano. Qualquer coisa que se tenha cria problemas; quanto mais chaves um homem traz na sua argola de chaves, mais numerosos serão os seus problemas. E não ter as coisas de que julgamos precisar também pode causar decepção. O homem, porém, que nada deseja é livre; tudo aquilo que lhe acontecer aceita-o de bom grado, e tudo aquilo que lhe é negado cede-o sem mágoa.

Desistir de atribuir às coisas exteriores, o valor de um fim, é o caminho para a serena confiança. Ser plenamente íntegro e ditosamente simples, como devemos, exige que fuçamos do caótico, do turbulento e discordante que nos rodeiam, porque, se permitimos que estas coisas nos encham a alma, elas não deixarão lugar para o Divino que lá deve habitar. O homem que confia nas satisfações exteriores, está num estado constante de guerra civil; é, por assim dizer, uma casa dividida contra si mesma e que não pode manter-se de pé.

Nesta época muitas coisas nos solicitam a procurar a felicidade entre as satisfações baratas e materiais, que não requerem esforço íntimo, nem emprego da inteligência ou da vontade. Até as nossas revistas tendem agora cada vez mais a usar gravuras em vez de texto: nem mesmo temos de ler ou pensar para estarmos ao corrente do que se

passa. Os estímulos do palco e da tela e os cartazes impelem-nos para direções diferentes, geram em nós uma série constante de emoções, fazem-nos viver num rodopio de experiências superficiais. Esta maneira de viver pode tornar-nos vítimas de nossas próprias sensações, que são tiranos cruéis; os homens que perdem o domínio interior caminham para um colapso nervoso.

Para restituir a paz ao homem dos nossos dias, desiludido e nervoso, importa somente que ele coloque uma barreira de silêncio entre si próprio e o mundo exterior... que comece a dar mais importância ao que é do que ao que tem ou ao que sente. Se libertarmos a nossa atenção do «eu» e das suas necessidades egoístas, já temos um passo em frente. O que há depois a fazer é tentar cumprir, até ao último pormenor, a Santa Vontade de Deus — pois, com isto, contribuímos para a nossa própria perfeição e a nossa paz. A saúde clínica e a saúde moral são geralmente idênticas. A violação da lei moral perturba sempre a mente e o corpo, mas a submissão à Vontade de Deus traz inevitavelmente uma melhor saúde ao corpo e uma profunda paz à alma.

Por algum tempo, o sacrifício dos nossos caprichos egoístas exigirá esforço; mas para o homem, que uma vez colocou os desejos de Deus acima dos seus, não há mais sacrifício algum. As primeiras fases da vida espiritual são como a aprendizagem de um músico: tem de se resolver a dar-se a um estudo aturado, ou a exercícios de dedos e a faltar a divertimentos, para praticar. Mas mais tarde, aceita estas coisas de boa vontade, pois o músico experiente considera-as o caminho para a sua alegria. O homem que ama a Deus com toda a sua mente e com todo o seu coração, vê na obediência a Deus o caminho para a beleza e para o êxtase. Assim como o raio cai sobre a vara metálica, que está já carregada de eletricidade, de preferência à vara de madeira, assim a paz de Deus se derrama sobre as criaturas que já estão melhor preparadas para ela, pelo amor para com Ele.

Somente pode conquistar-se esta paz interior, fazendo de Deus o senhor de tudo quanto obramos. Muitas pessoas que creem em Deus, recusam-se a ir tão longe. Apenas Lhe reservam um acanhado compartimento do seu espírito. Os seus planos são concebidos sem O consultarem; as suas provações e sofrimentos são suportados sem se reconsiderar no fato de que o Amor pode magoar para curar; e os dias passam-se na solidão e no desgosto, embora cada hora pudesse ser inebriante de doçura.

Para tais corações um simples momento de graça pode provocar a mudança. Tornam-se subitamente cônscios de que «o Senhor está em casa». Ou antes: o Senhor está em nossos corações. Estes deixam de ser egoístas, pois se deram a Deus. Os acontecimentos exteriores da vida não mais podem perturbar a sua paz. O que eles têm tornou-se irrelevante; a única coisa que interessa é o que são, e o que são como Filhos Seus.

Finalmente podem ouvir as Suas Palavras: «A minha paz vos dou, e a paz que Eu vos dou, não vo-la dou como o mundo a dá. Não deixeis que os vossos corações se perturbem»

Capítulo XXXVIII

Uma rápida Psicanálise

A psicanálise significa, etimologicamente, exame da alma; esta espécie de psicanálise, levada a efeito pelo próprio indivíduo, é valiosa. Ao examinar a sua própria alma, qualquer um de nós pode aprender cinco verdades gerais acerca de todos os seres humanos.

Há uma dualidade em todos nós; temos consciência de uma tensão entre os nossos ideais elevados e a sua tênue realização, do conflito entre o que devemos fazer e o modo como agimos, de uma luta entre o nosso eu, com o seu anseio pela supremacia, e as restrições impostas à nossa vontade pelas outras pessoas, com os seus desejos opostos aos nossos. Há conflito entre o nosso desejo de sermos isentos de toda a restrição e a escravidão dos maus hábitos a que nos teremos de sujeitar se nos libertarmos de restrições; entre o anseio de sermos nós próprios, e o fato de que os nossos melhores prazeres constantemente nos alheiam de nós próprios. Este estado de tensão é endêmico no homem.

Este conflito é reservado ao homem: os animais não conhecem tais agonias de indecisão entre os dois bens aparentes, solicitando-os, simultaneamente, em diferentes direções. Esta diferença indica-nos a causa de todas as nossas tensões: é que o homem tem uma alma imortal, e os animais não têm. Nós, homens, estamos atormentados por conflitos, porque estamos suspensos entre o finito e o infinito; somos como escaladores de montanhas a meio da ascensão, que aspiram atingir o cume e estremecem com medo de cair no abismo.

Sendo todos nós um composto de corpo e alma, cada um tem de fazer escolha entre as duas direções, em que se pode mover: pode subir acima de si próprio ou descer abaixo do seu estado atual. Pode superar o nível humano, buscando a Deus com todo o ardor apaixonado da sua alma; ou pode deixar-se cair no desespero, na desilusão, na melancolia dos que cessarem de procurar a Bondade. Na verdade, as fronteiras da natureza humana podem ser transpostas numa ou noutra direção: para cima pela fé, ou para baixo para a loucura. Todos os homens, em todas as horas, se movem para um ou outro estado; não é normal ficar-se no nível meramente humano, pois os nossos próprios «egos» são demasiado estreitos e abjetos para servirem de residência adequada à nossa alma imortal.

Os homens e as mulheres que, negligenciando todos os esforços para tornar melhor a sua alma, afirmam que mesmo assim são felizes, estão simplesmente mentindo a nós e a eles: o seu desespero pode ser ainda invisível, mas é latente e real. Que uma crise sobrevenha a essas pessoas, e a angústia, que esconderam, torna-se assaz evidente. Os suicídios entre os que perdem o seu dinheiro ou que são contrariados nos seus amores, revelam que apenas um tênue e ilusório substituto do amor que lhe devia encher a vida os salvou, até agora, do seu profundo desespero da bondade do universo.

Mas se a única alternativa para nós está entre a busca de Deus Infinito para quem fomos criados e a agonia do desespero, por que haveremos jamais de voltar as costas ao Eterno?

Há duas barreiras que separam os homens de um destino feliz, e qualquer delas pode levar os pusilânimes a recuar e a cair no desespero. Alguns homens não querem fazer o esforço intelectual de procurar a verdade pela verdade, de tentar descobrir o que é a vida no seu total significado, de reprimir de tal modo o orgulho que estejam prontos a admitir que Deus possa ser outro diferente da sua presente concepção a respeito d'Ele, e que, para chegar até Ele, têm ainda muitas outras coisas a aprender e a crer. Essa recusa impede o orgulhoso de atingir a felicidade. Mas há um outro obstáculo para crer: a recusa de aceitar Deus por causa das exigências que essa crença nos faria, e porque não nos atrevemos a enfrentar a vida sem os hábitos de sensualidade, avareza e egoísmo que a Fé nos pediria para abandonar.

O homem que, na verdade, «entra em si mesmo», nunca fica contente com o que lá encontra: a vacuidade interior pode conduzi-lo ao desespero. Mas há duas espécies de vacuidade: o grande vácuo de um desfiladeiro que nunca se encherá e o vácuo expectante de um ninho, com a concavidade bastante profunda para receber os novos passarinhos. Também há duas espécies de desespero: o desespero satânico, que recusa dar entrada à graça de Deus, e o desespero criador daqueles que permitem que a sua miséria seja ressarcida por Deus. O primeiro modo de desespero foi o de Judas, que se foi enforcar. O segundo foi o de David, que exclamou: «Tem misericórdia de mim, ó Deus; tem misericórdia de mim»

Uma vez que tal misericórdia é oferecida a todos os que desesperam da sua própria confusão e conflitos e imperfeição, segue-se que o pecado nunca é a pior coisa que pode acontecer ao homem. A pior coisa é a obstinação em não reconhecer os seus pecados. Pois, se somos pecadores, há um Salvador. Se há um Salvador, há uma Cruz. Se há uma Cruz, há uma maneira de a ajustar à nossa vida, e a nossa vida a ela. Quando se fez isto, o desespero é banido e gozamos da «paz que o mundo não pode dar».

Capítulo XXXIX

Autodisciplina

A filosofia da liberdade de expressão é de tal modo tida por verdadeira, hoje em dia, que poucas pessoas há que lhe analisem o significado. A liberdade de expressão é justificada, quando significa agir de acordo com a razão e a natureza superior; não o é, quando significa agir de acordo com os instintos e a natureza inferior. Aqueles que identificam liberdade de expressão com licença, ou com o direito de fazer tudo quanto lhes apetece, pensam que autodisciplina equivale a destruírem-se a si mesmos; mas, de fato, é apenas domar o inferior por causa do que é superior. O violinista não parte a corda, quando a afina no tom do concerto; o escultor não destrói o mármore, quando o cinzela para plasmar a imagem.

Quando a depuração do eu vem de fora, é um efeito paternal da Providência; quando vem de dentro, por um ato de vontade própria, é autodisciplina. Em qualquer caso, o seu fim é a formação de um caráter mais verdadeiro e melhor. Deus nunca permite uma aflição, senão para nos purificar. A Escritura vai ao ponto de dizer «que o Senhor castiga aqueles que ama ternamente». Um rapaz que ama uma rapariga quer vê-la vestida da maneira mais decente; também ela escolhe a cor do vestido e o estilo do penteado segundo o gosto dele. Todos os desejos egoístas são banidos, por causa do amado. Também Deus, às vezes, sacode todas as folhas das árvores, que rodeiam a nossa mesquinha existência, a fim de que possamos ver o Céu.

Por vezes até a morte de um filho é o processo usado por Deus, para fazer com que os pais olhem para além deste mundo. Quando um pastor verifica que a sua ovelhinha já não tem mais pastagens nos campos fundos e se recusa a trepar para pastagens mais verdes, tomará um cordeirinho nos braços para as encostas mais elevadas da montanha, para a ovelhinha o seguir. A águia consegue que os filhos voem, arrancando, aos poucos, bocados do ninho, até que finalmente os filhos têm de deixar a segurança provisória. Também Deus às vezes tem de incomodar o homem na sua segurança econômica, para que ele não pense que isso é a única segurança que há.

Mas além da disciplina passiva vinda do exterior, há a disciplina ativa. Não há tendência perversa do coração tão poderosa que não possa ser dominada pela disciplina. Todos os homens se podem comparar à cebola. O seu eu superficial tem muitas camadas de cascas e no centro de todas está o seu eu real. A renúncia a si mesmo arranca todas as ilusões do mundo exterior e revela finalmente o nosso verdadeiro caráter. Uma das razões por que tão poucos conhecem a Deus, é porque não se conhecem a si próprios. Vivem num mundo de fingimento, onde nada é real, e assim lhes escapa o Fundamento de toda a Realidade.

Nós, os do Mundo Ocidental, começámos a ter a falsa opinião de que o caráter é formado por obras externas, e que pouco importa o que o homem faz ou pensa ou quer interiormente. Mas isto pode ser uma evasão às inquietações, pois o homem pode entregar-se ao trabalho para tentar esquecer-se de si próprio, do mesmo modo que pode entregar-se ao álcool, para o mesmo efeito. Quando qualquer coisa vai mal, o

indisciplinado culpa as coisas – como o jogador de «golf» culpa as clavas quando não atira bem, ou o carpinteiro pouco hábil as ferramentas quando a obra lhe sai inferior.

Mas a verdade é que a culpa está no nosso egoísmo turbulento.

Se alguém dá a sua riqueza, o seu tempo e a sua energia aos outros, mas não se dá a si mesmo, nada deu ainda. Aquele, porém, que, possuindo riqueza e honra, se renunciou a si mesmo, esse é o mais livre. Quando o Nosso Sacratíssimo Senhor disse que o homem se deve odiar a si mesmo, não se queria referir àquelas qualidades que o tornam semelhante a Deus, mas antes às aderências de egoísmo que o não deixam ser tudo aquilo que o amor lhe reservava. O grande segredo de paz interior foi-nos revelado pelas palavras de São João Batista, quando viu Nosso Senhor: «Ele deve crescer: eu, porém, diminuir»

Capítulo XL

Amabilidade

Muitas pessoas, amabilíssimas nos seus lares e escritórios, podem tornar-se grosseiras e egoístas, ao volante de um automóvel. Isto é talvez devido a que nos seus lares elas são conhecidas; no automóvel, à sombra do anonimato, podem ser quase brutais sem receio de serem conhecidas. Sermos amáveis pelo receio de que os outros pensem que somos grosseiros, não é amabilidade real, mas antes uma forma dissimulada de egoísmo.

A palavra inglesa «kindness» (amabilidade) é derivada de «kindred» ou «kin» (parentes), e portanto implica uma afeição que dedicamos naturalmente àqueles que são a nossa carne e o nosso sangue. A amabilidade original e típica é a de um pai para com o filho ou a de um filho para com o pai, ideia que é sugerida na língua alemã em que «Kind» significa criança. Gradualmente a palavra adquire maior amplitude até atingir todos os que desejamos tratar como parentes. A falta de amabilidade é portanto desumanidade.

Porque a amabilidade está relacionada com o amor, segue-se que a pessoa amável ama outra não pelo prazer que a outra pessoa lhe dá, ou porque possa retribuir-lhe a amabilidade, mas porque a outra pessoa é digna de ser amada em si mesma. A razão básica porque todas as pessoas são dignas de amor, é porque Deus as criou. Se tivéssemos evoluído dos brutos, nenhum de nós mereceria por título algum ser amado.

Já que Deus nos acha dignos de amor, porque pôs em nós algo do Seu Amor, assim também nós podemos achar os outros dignos de amor, porque somos neles algo do nosso amor. Mas fazer isto implica uma amabilidade básica, que está sempre disposta a ser agradável às outras pessoas. Se partirmos da hipótese de que a maior parte das pessoas do mundo são vigaristas, é incrível o número de vigaristas com que deparamos.

Mas, se vamos para o mundo com o pressuposto de que todas as pessoas são boas, estamos constantemente a encontrar dessas pessoas. Em grande parte, o mundo é o que nós imaginamos dele. Colhemos o que semeamos. Se semearmos ódio, colheremos ódio. Se espalharmos amor e delicadeza, colheremos amor e felicidade. As outras pessoas são como um espelho, que nos deixa ver a espécie de imagem que projetamos. Quem é amável suporta as fraquezas dos outros, nunca exagera meras insignificâncias e evita o espírito de crítica maldosa. Sabe que o mal da maior parte das pessoas do mundo é não serem amadas. Ninguém se importa com elas ou porque são feias, ou sujas, ou importunas, ou maçadoras. Em grande parte, o seu caráter é a consequência do ressentimento que sentem para com outros que não são amáveis. Uma das maiores alegrias da vida advém de se amarem aqueles que ninguém mais ama.

Imitamos assim o nosso Pai Celeste que certamente não pode encontrar em nós, criaturas, coisas muito atrativas. É curioso que muitíssima gente é mais amável para os cegos que para os surdos. Aristóteles comentou este fato, dizendo que a vista é o mais espiritual de todos os sentidos e o ouvido o mais material. Por essa razão, somos impelidos por compaixão para aqueles que padecem do modo mais espiritual. Contudo, esta explicação psicológica não justifica, de modo algum, a falta de amabilidade para quem quer que seja.

A amabilidade para com os que sofrem torna-se compaixão, que significa sofrer com outrem, partilhar da mágoa e das dores de outrem, como se fossem nossas. A amabilidade estimula o interesse do coração para além de todo o interesse pessoal, e impele-nos a dar, ou o que temos na forma de esmola, ou o nosso talento, como o médico que trata um doente pobre, ou o nosso tempo, que às vezes é a coisa mais difícil de dar. O homem verdadeiramente compassivo e amável, que dá o seu tempo aos outros, consegue encontrar sempre tempo. Como o pão, milagrosamente multiplicado, ele dá, e ainda colhe para si mesmo mais do que deu.

Muitos psiquiatras sabem hoje muito bem que tudo o que têm a fazer, para ajudar certos espíritos angustiados, é ouvir-lhes as suas histórias. Convençam o coração oprimido de que conhecem a sua dor e ele já está meio curado. E se pudermos convencer o inimigo de que não temos azedume algum no nosso coração contra ele, o seu braço cairá impotente a seu lado. Todas as anomalias mentais têm as suas raízes no egoísmo, toda a felicidade tem as suas raízes na amabilidade. Mas para sermos realmente amáveis, devemos ver em todos uma alma imortal, que há de ser amada pelo amor de Deus. Então, não haverá quem não seja para nós de grande apreço.

Capítulo XLI

O Medo e a Ética

A maior parte das neuroses são baluartes contra o medo. Muitos psicólogos e médicos passaram a adotar esta tese, dado que o medo, na verdade, provoca uma espécie de autodefesa. Não é, decerto, o medo que é temido; o inimigo é a tensão entre a consciência e o que aconteceu. O medo é como o dinamômetro numa caldeira a vapor. Registra simplesmente a pressão.

O modo mais simples, mas o pior, para repelir do espírito o medo é reprimi-lo, isto é, relegá-lo para o inconsciente.

Quando visitas inesperadas chegam, a dona de casa apanha a roupa velha e as camisas sujas, que se encontram espalhadas pela sala de entrada, e tira -as para a cave. O espírito faz a mesma coisa: defende-se das sensações importunas, lançando-as para o inconsciente.

Os efeitos da repressão do medo são múltiplos. Primeiro, sob o aspecto físico, podem originar palpitações, enxaquecas, câibras, convulsões, etc. Sob o aspecto mental, o medo reprimido manifesta-se em ira, abatimento e mau gênio. Um psicólogo conta a história de um rapaz que chorava copiosamente, todas as vezes que ouvia dobrar os sinos para um funeral. Desejara muitas vezes que os seus pais morressem, mas reprimiu o desejo. Tinha medo como resultado do desejo, e furtava-se a ele, chorando. O seu medo era consequência da culpa de desejar a morte aos pais, e ele sublinhava-o chorando.

Lady Macbeth induziu o marido ambicioso a assassinar o Rei, seu hóspede, enquanto este dormia, e depois a usurpar a coroa. Quando o marido se agita de pavor pelo que fez, ela lembra-lhe: «Não é assim que devemos pensar destes feitos; isso nos faria endoidecer»

Esta é uma descrição excelente dos efeitos patológicos do esforço do assassino para fugir ao medo. Ele procura afogar a consciência, dizendo que não devemos pensar se o ato é justo ou injusto. Não obstante, ao mesmo tempo que ela a reprime, está a originar a sua própria loucura. Diz ao marido para lavar as mãos e manchar, depois, os criados com sangue. Visto que ele tem receio de o fazer, ela própria mata os criados e tinge, então, os seus corpos com sangue. Depois exclama: «As minhas mãos são da tua cor, mas envergonho-me de ter um coração tão branco... Um pouco de água limpa-nos deste ato»

Então, novamente se esforça por se convencer a si e ao marido de que não se deve procurar ter um coração limpo; de que não há juiz dentro do peito humano e de que tudo o que se tem a fazer, é pôr-se a salvo das consequências externas.

A consciência, porém, produz os seus efeitos; ela que tentou desconhecê-la, tem agora uma neurose de coação, que se manifesta no constante lavar de mãos.

«Quem teria pensado que o ancião tinha tanto sangue?... Não ficarão, jamais, limpas estas mãos?»

Primeiro, pensava que o crime de assassinato se podia purificar com a lavagem do sangue; agora, tem de se expurgar do medo da culpa, pois confessa com o marido que todas as águas dos sete mares não são suficientes para lavar o sangue das suas mãos.

Há algumas pessoas que lavam as mãos depois de tocar nos puxadores das portas, e que repetem este gesto muitíssimas vezes, antes de saírem de casa. Isto significa uma necessidade de purificação, e pensa-se que as lavagens externas serão um substituto da lavagem moral e interna, cuja obrigação não se quer reconhecer por a culpa ter sido reprimida. Isto não quer dizer que todos os que sofrem por se sentirem culpados tenham violado algum princípio moral; mas significa que aqueles que o fizeram, nunca podem esperar fazer desaparecer o medo pelo simples tratamento dos sintomas externos.

A medicina, ao tratar do remédio que se há de aplicar ao medo, nunca devia menosprezar os princípios morais que podem possivelmente estar por detrás do medo e das suas manifestações no corpo e no espírito. Mesmo Freud admitiu que, do ponto de vista médico, o método falho de escrúpulos de satisfazer todos os instintos pode fazer mal ao doente. A ética está na essência do tratamento médico sadio.

Capítulo XLII

Repouso e Meditação

O homem moderno seria muito mais feliz se reservasse um pouco de tempo para meditação. Como o profeta do Antigo Testamento dizia: «Paz, paz e não há paz, pois ninguém se concentra no seu coração», o Evangelho diz-nos que o nosso Divino Senhor se afastara das multidões para se dirigir ao deserto, onde orava. A Marta, que estava demasiado preocupada com os seus afazeres, disse o Mestre que apenas uma coisa era necessária. Uma vida de fé e de paz de alma apenas pode ser cultivada por meio de isolamento periódico dos cuidados do mundo.

Há várias espécies de cansaço; cansaço do corpo, que pode ser remediado à sombra de uma árvore ou até tendo por travesseiro uma pedra; cansaço do cérebro, que precisa da incubação do repouso, a fim de que novos pensamentos surjam; mas, de todos eles, o mais difícil de remediar é o cansaço do coração, que pode ser curado apenas pela comunhão com Deus.

O silêncio alimenta o discurso; o retiro facilita o pensamento. Um contemporâneo de Abraão Lincoln diz-nos ter passado três semanas com este, logo após a batalha de Buli Run: «Eu não podia dormir. Estava a repetir o papel que tinha de desempenhar num espetáculo público. Passava da meia-noite, ou melhor, aproximava-se a manhã quando ouviu sons graves que vinham do quarto, onde o presidente dormia. A porta estava

entreaberta. Entrei instintivamente, e o que vi lá não mais poderei esquecer. Aí estava o presidente, ajoelhado diante de uma Bíblia aberta. A luz do quarto era muito discreta.

Ele tinha as costas voltadas para mim. Por um momento fiquei silencioso, olhando maravilhado. Lincoln exclamava em tom suplicante e magoado: Senhor que ouviste Salomão na noite em que pediu inteligência e sabedoria, ouvi-me: eu não posso conduzir este povo, não posso dirigir os negócios desta nação sem o Vosso auxílio. Sou pobre, fraco e pecador. Senhor, que ouvistes a Salomão, quando ele clamou para Vós, ouvi-me e salvai esta Nação»

Gostaríamos de saber quantos funcionários públicos, sob a grande responsabilidade que lhes é imposta, alguma vez clamam a Deus, pedindo auxílio. Quando as Nações Unidas realizaram a sua primeira reunião em São Francisco, pelo receio de se ofenderem os ateus foi decidido guardar um minuto de silêncio, em vez de orar corajosamente a Deus, para iluminar e guiar as nações. No momento do insucesso de Pedro na pesca, Nosso Senhor disse-lhe: «Faz-te ao largo»

É na altura dos nossos insucessos que a alma se deve afastar da costa.

O que o Salvador promete no retiro é «descanso para as vossas almas». Descanso é uma dádiva; não é a recompensa do trabalho, pagamento pela realização duma tarefa: é dom da graça. A cobiça, a inveja, a riqueza e a avareza põem o repouso ao nível das boas coisas do mundo; o verdadeiro repouso é a quietação das paixões, o domínio das ambições que se digladiam, a alegria de uma consciência em paz. Não há repouso sem que a vida se torne inteligível. Quase toda a intranquilidade da alma, nos nossos dias, resulta de se desconhecer por que se está aqui, ou para onde se vai, e não se reserva tempo para a solução deste problema. Não faz mesmo muito sentido a vida, sem que se saiba por que se vive.

A força para seguir viagem está sempre associada ao repouso interior; de outro modo, a energia constitui perigo de explosão e ação imprudente. Aqueles que servem a Deus, renovarão as suas forças. A renovação das forças é menos física do que espiritual. Uma alma cansada torna o corpo cansado, muito mais vezes do que um corpo cansado torna a alma cansada. O repouso que o Cristianismo ordena é menos cessação de trabalho do que libertação das ansiedades que resultam da culpa e da avareza. O restabelecimento espiritual por meio da oração, retiro, meditação, são os meios poderosos para restituir a harmonia a milhares de doentes nervosos. A vida, tal como a música, deve ter o seu ritmo de silêncio, bem como de som.

O repouso que o isolamento e a contemplação dão não é, apenas um repouso após a fadiga; é, exatamente, repouso na fadiga. A paz de Cristo não é uma planta de estufa; ergue-se para as tempestades; é paz para a batalha e alegria de consciência para aqueles que assaltam a sua própria consciência. O mundo não pode dá-lo, nem pode

tirá-lo. Não é dado por circunstâncias exteriores; reina no coração; é um estado interior. Ter apreço pelos valores espirituais é ter repouso.

DAR

Capítulo XLIII É melhor Dar que Receber

A grande maioria das pessoas que vivem em países de civilização ocidental está ocupada na tarefa de ganhar. Por mais estranho que isso pareça, a moral cristã está fundada no princípio oposto, de que é melhor dar que receber. Não só a oportunidade, como o encargo de dar cumprimento a este Mandato Divino recai, principalmente, sobre aqueles de nós que vivem numa civilização que tem sido abundantemente abençoada por Deus. O rendimento dos Estados Unidos, por cabeça, é de 1.500 dólares, aproximadamente, por ano, e contudo o rendimento por cabeça de um terço da população do mundo é inferior a 50 dólares por ano, enquanto dois terços da população do mundo vivem com menos de 200 dólares por ano. Nos Estados Unidos é pago ao governo em impostos 28 dólares por cada 100 dólares. Pagamos mais de impostos do que a maior parte das pessoas ganha para se manter.

Somos, sem dúvida, uma nação que auxilia os deserdados da fortuna; temos, mesmo, dado o exemplo de amar os nossos inimigos de guerra, auxiliando a sua restauração econômica. Mas agora quero referir-me menos ao espírito nacional que ao espírito pessoal de dar. A razão por que é melhor dar que receber está em que ajuda a

desprender a alma do material e temporal a fim de lhe unir o espírito de altruísmo e caridade, que é a essência da religião. Cícero disse, outrora, que «os homens em nada se parecem tanto com os deuses como quando fazem bem aos seus semelhantes». Por sua vez, Aristóteles diz que, pela mesquinhez e egoísmo, pela inveja e má vontade, os homens degeneram em brutos e tornam-se lobos e tigres uns para com os outros; mas que, pela bondade e amor, pela mútua compaixão e auxílio, se tornam deuses uns para com os outros.

A história dos judeus revela como os seus bens temporais foram consagrados ao serviço de Deus e a auxiliar os pobres. Nos melhores dias da sua história, os seus dízimos e oblatas, as suas ofertas de ação de graças e as suas ofertas espontâneas faziam-se numa escala de esplêndida munificência; não perderam nada com isso, pois estavam constantemente a agradecer a Deus as Suas abundantes bênçãos. Mesmo hoje, igual espírito de generosidade tem caracterizado este povo, não só para com os seus próprios irmãos de raça, mas também para com os protestantes e católicos.

Em mais pequena escala, verificar-se-á que a unidade de uma comunidade depende, em larga medida, dos serviços e amabilidades de um indivíduo para com o outro. A população do campo de qualquer nação do mundo é um perfeito exemplo desse altruísmo. No tempo das colheitas, os lavradores ajudam-se alternadamente uns aos outros; e, quando há uma morte na família, encontram-se sempre mãos de voluntários para apanhar os cereais e cortar o trigo.

Não há sempre o mesmo espírito nas grandes cidades, em parte devido ao anonimato das massas, e, em parte, à concorrência. Quando a maior parte das pessoas, que encontramos, são desconhecidas, há uma tendência para cada qual se isolar egoistamente do mundo exterior. Nota-se isto, particularmente, na condução de um automóvel. Há homens muito delicados em casa e amáveis para os amigos que se tornam como feras raivosas, resmungando por causa de estupidez dos outros condutores, uma vez que se encontrem atrás do volante, onde o anonimato os protege.

Dar é, realmente, um, caminho divinamente indicado para reconhecer as graças de Deus. De fato, nada temos a oferecer, seja o que for, que não tenhamos recebido; e, não obstante, Deus tem prazer em aceitar as nossas ofertas, como sinal da nossa gratidão. O egoísmo torna o próprio indivíduo o centro; o altruísmo e a caridade colocam o centro no próximo. Só pelo princípio de dar, podem ser reajustadas as desigualdades da raça humana, pode o forte auxiliar o fraco, e a paz social reinar entre os homens. Não poucos homens, quando eram pobres, tinham o coração aberto a todo o apelo à compaixão; mas, quando os bens aumentaram, prenderam mais o coração a eles. O aumento da fortuna tem um efeito peculiar na alma: intensifica o desejo de adquirir. O que é, muitas vezes, a concupiscência na juventude, é a avareza na velhice. Pudessem eles experimentar a grande alegria de dar, e corresponderem às exigências da misericórdia,

e sentiriam uma viva emoção na benevolência. Se grande é o prazer de receber, maior é o prazer de dar.

Há uma história antiga acerca de um escocês, Lorde Braco, que era muito rico e avarento, e que tinha grandes depósitos de ouro e prata no seu subterrâneo. Um dia, um lavrador disse-lhe: «Dar-lhe-ei um xelim se você me deixar ver todo o seu ouro e prata» Braco consentiu. O lavrador deu-lhe o xelim, dizendo: «Agora sou tão rico como você. Eu olhei para o seu ouro e prata, que é para o que eles lhe servem»

Há mais felicidade em regozijar-se com o bem dos outros, do que com o nosso próprio bem. O que recebe regozija-se com o próprio bem: o que dá, com a alegria dos outros. E sobre este desce a paz, que nada do mundo pode dar.

Capítulo XLIV

O Problema de Dar

«Ter» é o contrário de «dar» e, todavia, cada uma destas coisas é boa no seu devido lugar. Ter é estender a nossa personalidade: não contemos, dentro de nós próprios, todas as coisas essenciais à vida humana, e, portanto, o nosso «ser» deve ser completado também pelo «ter». A existência implica o direito de ter o necessário alimento e vestuário e um lugar para viver; não implica, contudo, o direito de ter um iate de passeio. O direito de possuir vai diminuindo à medida que os objetos se distanciam mais das nossas necessidades pessoais. A virtude de dar está dependente da de ter... pois, a não ser que possuamos alguma coisa, não a poderemos dar. (Isto também se aplica com o nosso tempo). Mas o ter, para a maior parte das pessoas, não se considera oportunidade de dar. Reputam o dar um prejuízo, porque, para eles, é o ter, em si mesmo, de mui grande valia. Isto é curteza de vistas; se se der metade de um pão, fica-se com a outra metade, e ter-se-á, também, a felicidade de dar.

Muitas pessoas, especialmente entre os ricos, julgam do valor da sua personalidade em função da posse crescente de coisas supérfluas. Não querem reduzir o seu capital, antes o aumentam cada ano, a ponto de lhes parecer o desdobramento da sua pessoa, sem o qual não estariam completas. Parcelar uma parte deste capital para esmolas, seria como cortar-lhes um braço ou uma perna.

Houve uma mulher que ficou na história, porque não teve receio de cercear o seu capital. O fato é-nos relatado pelo Evangelho: «Estando Jesus sentado defronte da arca do tesouro, observava a maneira como a multidão lançava ali o dinheiro; e muitos ricos deitavam com abundância. Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam dez centavos. E, chamando os Seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais que todos os outros que lançaram no

gazofilácio. Porque todos esses deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento»

Nosso Senhor estudava interessadamente os que davam esmolas, e foi mais a qualidade das suas dádivas que Lhe chamou a atenção, do que a quantidade. Ele disse um dia que, onde estiver o nosso tesouro, aí estará, também, o nosso coração. Agora diz-nos que aonde vai o coração, segue-o o tesouro. Poucos de nós adotam o Seu modo de ver no que diz respeito à esmola: não nos damos ao trabalho de ler a lista dos benfeitores, em tipo miúdo, sob o título «Quantias inferiores a...». Mas essa seria, provavelmente, para Ele a seção mais importante da lista; no Templo, Ele imortalizou a dádiva de duas das mais pequenas moedas do mundo antigo.

Provavelmente, a pobre mulher do Templo não viu o seu Juiz, nem sabia que Lhe tinha agradado, nem imaginava que, na balança da Justiça Divina, «deitou mais do que todos os outros deitavam na arca do tesouro». Eles deram do supérfluo; ela deu tudo o que tinha, «todo o seu sustento». Ela era pobre, e, não obstante, deu aos pobres. Exauriu-se para encher o vácuo dos outros. O tinido das suas duas pequenas moedas, ao cair, foi um brado que refutou toda a vil filosofia do materialismo, que ensina os homens a adquirir o mais que possam, como se este mundo fosse a nossa única morada.

Mas a pequena dádiva da viúva tem outro significado: lembra-nos que Nosso Senhor quer tudo de nós. Ele foi o primeiro «totalitarista» do espírito: pede que não Lhe subtraiam os nada. Ele exige amor total: «com todo o entendimento, com todo o coração, com todo o espírito e com todas as forças». Só aqueles que deram todo o seu coração a Deus, Lhe podem dar, também, todo o seu capital.

Nada do que se dá com tal espírito de generosidade, se perde jamais. No cálculo do materialista, aquilo a que se renuncia é perdido para sempre. No domínio do espírito, isto não é verdade, porque aquilo que damos a Deus, é não só lançado a nosso crédito como merecimento eterno, mas até nesta vida encontra já a recompensa. Um dos meios mais práticos de assegurar que nunca nos falte o bastante, é dar e não cessar de dar, em Nome do Senhor. Igualmente é sendo totalmente generosos para com o nosso próximo que mais depressa cresceremos no amor de Deus.

«Dai e dar-se-vos-á; uma boa medida, vê calcada, cheia e acogulada será lançada no vosso regaço; porque, com a mesma medida com que medirdes, será medida para vós»

O uso que damos ao que possuímos, está intimamente relacionado com o que somos, com o nosso «ser» e com o que viremos a ser. Aquele que guarda para si tudo quanto tem, tudo há de perder, quando vier a morte; mas o que tudo deu, reavê-lo-á na moeda da imortalidade e da alegria.

Capítulo XLV

O Espírito de Servir

O desejo de distinção é uma das tendências mais enraizadas na nossa natureza; embora esse desejo tenha sido crucificado e sepultado, num momento inesperado revive e ressuscita de novo, com todo o seu poder. Esta paixão sutil é mais forte no período médio da vida. Manifesta-se entre o amor do prazer que prevalece na mocidade, e o amor do lucro que se faz mais sentir na idade avançada. Em oposição a todo o egoísmo e ambição, está o ideal de utilidade e serviço. Só é grande de coração aquele que abraça o mundo com um grande afeto; só é grande de espírito aquele que agita o mundo com pensamentos puros. Nosso Senhor deu-nos a chave de toda a grandeza, quando disse que veio para servir e não para ser servido. O serviço do próximo tal qual Ele o inspirou, tem de fluir do amor, pois só da fonte do amor podem brotar esses atos contínuos e surpreendentes de auxílio. Amar e servir são inseparáveis. E esse serviço é abnegado e humilde. Continuar a ajudar, dia após dia, apesar das censuras, da oposição e repúdio, significa que se é regido por uma lei mais nobre do que o desejo de aplauso dos homens.

Tal serviço não pode ser comprado, porque não há ouro que o compre, nem precisa de ser comprado, porque é prestado gratuitamente.

Se não se está disposto a ajudar o próximo em espírito de amor, nunca se conseguirá vencer as tendências viciosas da natureza, que constantemente tentam degradar-nos. Há mais de 2.000 anos, Aristóteles observou que todas as nossas tendências degradantes se agrupam à volta de dois chefes: o feio e o desejo — o mau feio e o desejo desregrado. Quando um não está presente, está o outro: e ora um, ora outro, aparecem em diferentes períodos da vida do mesmo homem. Tanto quanto o serviço for dar-se voluntariamente ao trabalho em obediência a uma Vontade superior, ele será o corretivo destas tendências.

E corretivo, primeiro que tudo, do temperamento na sua forma ordinária de arrogância e vaidade. Aquele que serve, por impulso interior, não se pode entregar ao egoísmo.

Domina-se a si mesmo, a fim de tornar o seu serviço o mais amável possível. Cada cinco minutos de serviço consciencioso tem o efeito de manter o eu disciplinado e de lhe impor submissão a uma Vontade superior e mais justa. Os presunçosos e arrogantes procuram sempre fazer sentir aos inferiores o peso total da sua miserável importância, e assim mais cedo ou mais tarde o orgulho presunçoso degenera em tirania. A vontade de servir, porém, obriga o eu a rebaixar-se, para que o próximo seja exaltado.

O desejo desordenado é também debelado pelo serviço amigo. O desejo é desordenado quando torna a própria pessoa não só o centro de todas as coisas, mas também a lei à qual todos os outros têm de se submeter. Este mal só se pode curar radicalmente, tornando Deus o objeto do desejo. E é então que se sacrificam comodidades e prazeres, para ir em auxílio dos necessitados e menos afortunados.

Procedendo desta forma, o caráter, por sua vez, nobilita-se, enquanto nos afastamos da lassidão sensual e efeminada, que leva à perversão.

Até nas obras materiais Deus gravou a lei de serviço compassivo.

Nas nuvens do céu está escrito que não de morrer ao serviço da chuva. As pequenas correntes deslizam, sumindo-se, mas satisfeitas por se lançarem na vastidão do oceano.

Até as montanhas não de servir. São como mãos gigantescas levantadas para captar e redistribuir a umidade, espalhando-a sobre as planícies em torrentes sadias e vivificantes. Nem uma gota de água leva a vida egoísta, nem tão pouco uma rajada de vento está sem a sua missão.

O que Deus impôs à natureza pelas Suas leis, quis que nós o impuséssemos a nós próprios por nosso livre arbítrio. As águas, as nuvens, as montanhas e mesmo a própria terra, que se consome para dar vida à semente — todas estas coisas condenam o homem que se recusa a viver para o próximo.

Fazendo o bem, tudo no Universo de Deus recolhe o bem. Um favor que se preste aos outros é o mais útil favor a si mesmo, e a melhor maneira de se crescer em graça é esmerar-se no auxílio dos outros.

A roda do moinho deixará de girar, quando as águas da corrente impetuosa forem estancadas; o comboio em movimento para, quando o calor abrasante arrefecer dentro da fornalha escondida; e a caridade neste mundo degenerará em frios regulamentos profissionais e médias estatísticas sem inspiração, sem eficácia e sem amor, à medida que os homens se esquecerem da palavra inspiradora d'Aquele que disse: «Não há maior prova de amor do que dar a vida pelo seu amigo»

Capítulo XLVI

Como se há de Dar

«Granjeai amigos com a *mammona* da iniquidade», é uma das misteriosas palavras de Nosso Senhor para aqueles que não compreendem o seu significado. «*Mammona*» é uma palavra síria que significa dinheiro, e chama-se «*Mammona* da iniquidade», porque aqueles a quem Nosso Senhor falou, muitas vezes o usaram para fins de injustiça e de iniquidade. Uma nota de dólar que se traz na carteira, se pudesse falar, poderia escandalizar-nos dizendo-nos as coisas em que foi gasta, as transações que ajudou, e os prazeres pecaminosos que comprou. Nosso Senhor diz-nos que há uma ocasião em que o dinheiro deixa de nos servir, pois o homem que o tem, é apenas um mordomo. A morte diz a todos os homens: «Presta contas da tua administração, pois não podes ser

mordomo por mais tempo» O dinheiro é que não pode ser transferido para o mundo do além.

Vem agora a propósito ver-se qual a finalidade do dinheiro, segundo o pensamento do Salvador. Gastai o vosso dinheiro nos diz Ele — com os que estão na indigência, pois, mitigando as suas necessidades, fá-los-eis bons amigos, e eles intercederão pela salvação da vossa alma. O dinheiro não comprará o Céu, mas dar-nos-á amigos que nos auxiliem, quando falecermos.

«Todas as vezes que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes»

Aqueles que foram auxiliados pela nossa caridade, levar-nos-ão diante do trono, dizendo: «Este é aquele de quem falámos e que tanto fez por nós na vida terrena»

O viajante, num país estrangeiro, cambia o seu dinheiro pelo da outra terra. De igual modo os bens que possuímos aqui, podem ser trocados pelos bens espirituais do outro mundo, onde «nem a ferrugem nem a traça os consomem, nem os ladrões o desenterram ou roubam».

Qual será a psicologia daqueles que nunca tocam no seu capital para fazer caridade? Não cessam de acumular cada vez maiores reservas, tornando-se cada novo aumento tão sagrado como o anterior. A resposta é que todo o homem foi feito para o Infinito, que é Deus. Mas a sua razão torna-se tão cega pelo preconceito ou pecado que o substitui por outro infinito, que é o dinheiro. Deseja, então, cada vez mais ter em lugar de cada vez mais ser, o que é vida em Deus. Por mais cabelos que se tenha, dói se se arranca um só que seja. Por mais capital que se tenha, custa tocar num só cêntimo que seja. Sabe que «não pode levá-lo consigo» e por isso nega que haja um lugar para onde se vá.

É proceder cristãmente empregar o dinheiro de maneira que aqueles que auxiliamos possam ser nossos intercessores no Céu. Um homem rico disse uma vez à criada para distribuir os frutos do seu jardim pelos vizinhos, para lhes conquistar a simpatia. A riqueza (wealth) torna-se, assim, digna do seu nome, que significa bem-estar (weal).

Entrou, uma vez, uma mulherrica no Céu, onde São Pedro lhe chamou a atenção para a mansão do seu motorista. Então ela observou: «Se essa é a morada do meu motorista, o que não será a minha?» São Pedro apontou-lhe um dos mais humildes aposentos do Céu, dizendo: «Eis aí a sua casa». «Oh», respondeu ela, «mas eu não posso viver ali», São Pedro respondeu: «Tenho muita pena, senhora, mas não pude fazer melhor com os materiais que me mandou»

Muito dinheiro se dá em beneficência, mas pouco é empregado em proveito da alma. Alguns distribuem-no para terem o seu nome glorificado no dístico da porta de um hospital ou universidade. Homens de muita pouca instrução, tornaram-se notáveis por

dotarem bibliotecas, querendo deixar a impressão de serem cultos, sem o serem. Nosso Senhor disse: «Não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita»

Isto constitui o segundo princípio de dar: — a dádiva deve ser oferecida por uma razão divina. Por um copo de água fria receber-se-á uma recompensa cem vezes maior, se for dado em nome de Cristo.

Há anos, foi aberto ao público um convento de religiosas carmelitas na festa de Santa Teresa. Muitos curiosos acorreram aí, para verem aquelas mulheres que levavam uma vida de silêncio, oração e penitência. Um homem que não podia compreender essa vida, chamou a atenção de uma jovem e bela freira para a mais linda residência da cidade que se erguia na encosta fronteira. E disse-lhe: «Irmã, se pudesse possuir aquela casa, com todas as suas riquezas, luxo e prazer que existem lá dentro, teria entrado nas carmelitas?» Ela respondeu: «Aquela, senhor, era a minha casa»

Há tanta dádiva que é desperdiçada, porque não é feita em proveito da alma! O mundo pensa que as coisas mais elevadas hão de ser usadas em favor das mais baixas, por exemplo, a inteligência para criar riquezas supérfluas. O homem de Deus, porém, está persuadido de que o ínfimo há de servir ao supremo, isto é, o dinheiro deve ser empregado para auxiliar a espalhar a Verdade Divina, para consolar os aflitos e curar os enfermos, a fim de que as almas estejam livres para assegurarem a sua salvação. A resposta mais verdadeira à afirmação: «Não podes levá-lo contigo», é esta: «Podes, desde que o repartas». É entesourado, então, como mérito na vida que a esta se segue.

CONVIVÊNCIA

Capítulo XLVII

A Divina Psicologia da Murmuração

É costume atribuir a murmuração às mulheres; mas os homens são muitas vezes culpados da mesma falta. Eles chamam a isto «apreciar».

Nosso Senhor, falando dos murmuradores, disse: «Não julgueis, para que não sejais julgados»

A Sua advertência para não «apreciarmos» os outros requer que não façamos maus juízos, nem procuremos o pior nos outros. Só Deus vê o coração do nosso próximo; nós não vemos senão a face. Na Inglaterra, os juízes usam cabeleiras postiças nos tribunais, para mostrar que é a lei que está fazendo o julgamento, e não os seus pontos de vista pessoais. Isto é feito em reconhecimento da verdade, cuja noção existe mais ou menos clara em todos os homens – que algo de atrevido há em permitir que até os mais prudentes de entre nós se dediquem a marcar a categoria dos nossos amigos ou a catalogar os nossos inimigos.

Quando julgamos os outros, também nos julgamos a nós próprios. Nosso Senhor manda-nos não julgarmos, para não sermos julgados; e às vezes o julgamento que fazemos dos outros é a condenação das nossas próprias faltas. Quando uma mulher chama a outra «manhosa», revela que sabe o que é manha. O ciúme pode ser um tributo pago pela mediocridade ao gênio: o ciumento admite, então, a superioridade do seu rival, mas, porque ele próprio não pode atingir esse nível, tenta fazê-lo descer ao seu.

Outras formas de crítica são igualmente reveladoras daquele que critica.

Nosso Senhor disse-nos que as faltas do murmurador são muitas vezes maiores do que aquelas que ele critica no próximo.

«Como é que podes ver o argueiro que está no olho do teu irmão, e não vês a trave que está no teu? Com que direito dirás ao teu irmão: — Irmão, deixa-me tirar o argueiro do teu olho, se não podes ver a trave que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho e, então, cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão»

O «argueiro» é apenas um bocadinho de palha, uma lasquita de madeira. Mas a trave é um pedaço bastante grande de madeira. Considerarmo-nos dignos de julgar os outros é já termo-nos por seus superiores, sermos culpados do pecado do orgulho, a enorme «trave» que obscurece a nossa visão. Não podemos murmurar sem exagerarmos o nosso valor, ou depreciarmos o dos nossos semelhantes... e, frequentemente, fazemos ambas as coisas. Na verdade, o murmurador tem tendência para projetar sobre as outras pessoas a falta que ele mesmo julga ter. Ninguém se irrita mais quando lhe dizem uma mentira, do que o mentiroso inveterado. O murmurador incurável fica furioso, quando ouve dizer que também a ele o criticaram pelas costas.

Nosso Senhor mandou os murmuradores examinar esse direito que se arrogam de condenar as faltas dos outros.

«Aquele que dentre vós não pecou, atire a primeira pedra»

A ilação é clara: apenas a inocência tem o direito de condenar. Mas a inocência deseja sempre tomar sobre si a culpa dos outros, para reparar as faltas alheias como se fossem suas próprias. O amor reconhece o pecado, mas o amor também morre por ele.

Nós sentimos instintivamente que detrair os nossos irmãos é injusto, e mostramo-lo pelas palavras que usamos, quando estamos prestes a denegrir o nome de alguém. De fato, são palavras com que tentamos desculpar-nos: «Não se deve faltar à caridade, mas...», ou, «que não devemos criticar, mas...», ou, «não gosto de julgar os outros, mas...». Estas palavras pressagiam a navalha... e o efeito sobre o que a brandiu é sempre de escuridão psicológica.

«O que ama o seu irmão habita na luz... Quem o odeia está nas trevas»

Deus ofereceu uma bela recompensa aos que não julgam; eles próprios não serão julgados, quando forem levados perante o tribunal celeste. Contudo, o julgamento de Deus — ao qual escaparão — é, decerto, mais misericordioso do que qualquer que nós façamos. Quando David pecou, perguntaram-lhe se preferia receber o castigo de Deus ou dos homens; e ele escolheu o julgamento de Deus, por nele achar maior misericórdia.

Nós, homens e mulheres, não somos bastante prudentes ou inocentes, para nos julgarmos mutuamente, e a única decisão que podemos, com justiça, tomar acerca dos nossos irmãos que prevaricam, é verificá-lo e dizer: «Deixá-los-emos a Deus»

Capítulo XLVIII

Homens Atômicos

Enquanto o medo trazer o mundo transido, importa, absolutamente, que esta verdade não cesse de se dizer: não são as bombas atômicas que nos hão de meter medo, mas os homens atômicos os homens que formaram uma civilização, em que se usem essas bombas. É sempre o agente humano que é responsável pelos atos de guerra, e não uma arma inânime; um arco e uma seta nas mãos de um arqueiro de profissão não constituem uma ameaça, como no caso de se encontrarem nas mãos de um índio selvagem. As forças da natureza desconhecem a moralidade; são os homens quem usa ou abusa dessas forças. É útil a eletricidade; não assim, porém, se todo o lugar em que nos sentamos, estiver transformado numa cadeira elétrica. O fogo é uma bênção, quando o usamos para cozinhar uma maldição, quando o incendiário o usa para queimar uma casa. Os remédios da farmácia mitigam-nos as dores, quando o farmacêutico é um homem de bem; mas nas mãos de um criminoso seriam terrivelmente perigosos. Assim também a bomba atômica não constitui ameaça para ninguém. São os homens que ameaçam o nosso bem-estar.

Mas por que consomem os homens as suas energias no torpe empenho de destruir a humanidade? Pode encontrar-se a resposta na palavra que se aplica ao nosso tempo: devolução⁽¹⁾. O mundo moderno não se deixa, hoje, fascinar muito pela evolução, que suscitou, outrora, tanto entusiasmo que se acreditou ser o progresso humano automático e infalível. Não estão os homens tão satisfeitos com o seu teor de vida que se orgulhem desmedidamente da sua imaginária origem simiesca. Mas se a evolução perdeu o seu prestígio no espírito do povo, a devolução tem encontrado tristíssimas confirmações. E isto é indicado pelo fato de que, tendo o homem conseguido dominar a natureza. E o homem moderno é vítima das suas próprias invenções.

A devoção do homem passou por três fases, semelhantes àquelas que vemos no caso de um filho que se afasta do pai amado, o qual, por bondade, amor e compaixão, procura fazê-lo obedecer à lei moral.

A primeira fase é de indiferença: o filho afasta-se de seu pai e despreza os seus ensinamentos, que considera como excessivas restrições à sua liberdade de fazer tudo o que lhe apraz. «O velhote é bota-de-elástico», é o estribilho deste período.

Na segunda fase, como o filho aumenta a imoralidade do seu viver, a indiferença converte-se em ódio. Já não considera pai o seu pai, mas recusa mesmo considerá-lo homem, dizendo: «O velhote está mentecapto»

Na terceira fase, o seu ódio ao pai amplia-se mais e mais, até se tornar em ódio de toda a gente; e o jovem rebelde lamenta-se: «Ninguém me compreende»

A sua consciência faz com que lhe seja impossível viver em paz consigo mesmo, e, como consequência, não pode em viver em paz com mais ninguém.

Correspondentes a estas três fases, há outras tantas de devolução, pelo qual o homem renegou o amor do seu Pai Celeste. Na primeira fase, o homem nega a existência de Deus. Verificando que os Mandamentos divinos são um freio incômodo para a sua maneira de viver, justifica as suas irregularidades, dizendo: «Deus é apenas um mito»

Na segunda fase, o homem nega a essência de Deus: considera a Deus como inimigo. Os fariseus disseram que Nosso Senhor era um demônio; interpretaram a essência de Deus como Maldade, e não como Bondade. Do mesmo modo, os comunistas, hoje, não negam a Deus (como pode ser o caso com os burgueses ateus), mas lutam contra Deus com um ateísmo ativo, que, não negando a Sua existência, luta por O destruir.

Na terceira fase, o ódio de Deus toma maior amplitude, e abrange, também, os nossos irmãos. O homem, que tentou matar a Deus vai sempre mais além, e tenta matar o próximo, pois aqueles que romperam o primeiro laço do amor não poderão descansar, enquanto não tiverem quebrado todos os outros. Há entre os espanhóis este provérbio: «Aquele que cospe para o céu, cospe na própria cara»

Uma civilização que expulsa Deus de si, leva necessariamente às relações cruéis e tirânicas entre os seus membros. E o ódio dos nossos irmãos que resulta da negação do amor de Deus, encontra a sua última expressão física na bomba atômica: o homem que não pôde viver com Deus, descobre, agora, que não pode partilhar da terra com os outros homens.

A solução não está na «fiscalização» atômica. Há que ir procurá-la na fiscalização da humanidade.

Quando os rapazes atiram pedras às janelas, não procuramos disciplinar as pedras; é a vigilância dos rapazes que consideramos o nosso problema. As organizações internacionais não podem impedir que uma fúria infernal de extermínio se desencadeie, sem que o homem se converta e comece de novo a amar e a servir a Deus, e isto é um trabalho que cada homem tem de fazer sozinho, um trabalho que as «conferências» não podem realizar.

Há somente um meio de banir o ódio do mundo: não podem os homens aprender a amar o próximo, e muito menos os inimigos, se primeiro não voltam a amar a Deus. Reconhecendo, então, que Ele faz a cada um, e sabendo que todos os seres humanos são amados por Ele, seremos também capazes de amar a todos os homens.

Os homens «práticos» podem objetar que não é assisado procedimento voltar-se meio mundo para Deus, enquanto o outro meio continua a odiá-Lo. Isto é como ter medo do projeto claríssimo de uma criancita para me fazer cair nas escadas, quando o seu pai, que tudo vê, e nunca a perde de vista, está aí para soltar a corda. Nada há que temer da malícia dos corações abertos aos olhos de Deus, como o são todos os corações humanos. Se temos a Deus por nós, que importa quem conspire contra nós?

Referências:

(1) *Esta palavra tem aqui o sentido de regresso a um estado de desespero e de males sem remédio humano, cuja gravidade se acentua cada vez mais à medida que o homem se afasta de Deus. – Nota do Tradutor.*

O HOMEM

Capítulo XLIX O Progresso

O G. K. Chesterton disse: «Há uma coisa no mundo que nunca faz progresso: é a ideia de progresso»

Com isso ele quis dizer que, se não tivermos um conceito certo do que realmente significa o progresso, nunca saberemos se estamos a avançar. Infelizmente há muitos que, em lugar de trabalharem por um ideal, o mudam, e chamam a isto progresso.

Nunca ninguém poderia saber que estava a fazer progresso no caminho de Chicago para São Francisco, se São Francisco fosse identificada com Nova Iorque. Só quando a meta estiver fixada e definida, é que podemos ter um alvo e a energia para disparar à seta. Tudo na geologia e na superfície da terra vai em direção do futuro: o impulso do rio dirige-se avante para o mar; a criança pequenina diz o que quer ser quando for homem; os pensamentos voam para o que há de acontecer amanhã; todos estes impulsos, que nos impulsionam para diante, implicam um futuro sob o poder de Deus. Aqueles que perderam de vista a meta, concentram-se, muitas vezes, apenas no movimento, e nisto procuram encontrar o prazer. Comprazem-se em voltar as páginas do livro, mas jamais acabam a história; empunham os pincéis, mas nunca terminam a pintura; sulcam o mar, mas não conhecem porto algum. O seu deleite não está na realização de um destino, mas antes na circunvolução e na ação, só pelo motivo do movimento.

A perfeição é «ser», não, «fazer»; não é simular uma ação, mas conseguir um caráter. Não há nada que faça a vida mais infeliz que a sua falta de sentido, e a vida não tem sentido, quando lhe faltar uma finalidade. Há inúmeros fins secundários, mas o único grande fim é a perfeição do nosso caráter, do ponto de vista moral. Infinitas como são as variedades de vida, aquele que não descobriu claramente como tudo se há de fazer convergir para a santificação da própria alma, não percebeu o significado da vida.

O filho de Confúcio disse-lhe uma vez: «Aplico-me com diligência a toda a espécie de estudo e nada negligencio que me possa tornar mais engenhoso e mais hábil, mas, apesar disso, não adianto». Confúcio respondeu-lhe: «Abandona algumas das tuas empresas, e isso te correrá melhor»

A vida do homem é errante, mutável, versátil, como a da criança à caça de borboletas, até descobrir a razão por que está aqui e para onde vai. Os rios não se tornam mais baixos à medida que se afastam das suas fontes, e o rio do coração não há de fazer exceção. Ele deve correr, espalhando-se e aprofundando-se, até encontrar o grande oceano do Amor, ao qual é destinado, e se misturar com ele.

A insatisfação pode ser, algumas vezes, o motivo do verdadeiro progresso. Insatisfeito com a pena, o homem inventou a imprensa; insatisfeito com o carro e com a locomotiva, inventou o avião. Existe em cada um de nós um impulso inato que impele o espírito a bater as asas, como a águia encarcerada nas gaiolas da terra, até haver sangue em suas penas. Se somente o coração analisasse este anelo que está dentro dele, que o leva do existente para o possível e o faz cavar no deserto da sua vida à procura de fontes vivas, e subir todas as montanhas para de lá contemplar melhor o céu, então ele poderia sentir que está de novo a regressar a Deus, do qual veio.

Na vida espiritual, deter-se complacientemente onde se está é assemelhar-se a uma árvore que se congratulasse por ser mais alta que os arbustos, ou a uma larva que, exultante com as suas pintas e listas, não se lhe desse de levar a vida gloriosa da borboleta. Não vive o homem que dorme sobre os louros conquistados. Assim como não é feliz aquele que afirma que vive do passado. Os louros de outrora devem ser postos de lado, quando ao homem incumbe avançar para aquela vocação sobrenatural a que foi chamado, esquecendo as coisas que ficam para trás. A ave deve esquecer o seu ninho, a semente a sua vagem, a flor o seu botão, e, se não esquecermos estas coisas, nunca poderemos atingir a meta. Quer a recordação saudosa, quer a jactância satisfeita têm influência semelhante na perda de ânimo, porque a felicidade da vida está na expectativa do sempre melhor e mais santo.

Capítulo L

O Homem Massa

Está a multiplicar-se, no mundo moderno, um novo tipo de homem. Se algum leitor vier a reconhecer aqui o seu próprio retrato, que pare, reflita e mude. O novo homem é o homem-massa, que já não preza a sua personalidade, mas pretende submergir-se na coletividade ou multidão. Este homem-massa pode ser reconhecido pelos traços seguintes:

Não tem originalidade de opinião; nada lê a não ser o que encontra no jornal diário, na revista ilustrada, ou um ou outro romance. Tem apenas um ponto de vista diferente para emitir sobre um assunto comum, mas não um novo princípio ou solução.

Odeia a tranquilidade, a meditação, o silêncio, tudo o que lhe dá ensejo de penetrar nos abismos da sua alma. Tem necessidade do ruído, das multidões, do rádio, quer dê atenção a este quer não.

A evasão ou fuga de si mesmo é indispensável. Álcool, cacharotes, romances policiais, cinema, tomam-se em doses constantes, para encher o vazio do tempo. Como o gênio ama a concentração, assim ele procura a dissipação, particularmente o prazer

sexual, para que a excitação do momento possa desvanecer a consideração do problema da vida.

Prefere ser influenciado a influenciar, é sensível à propaganda, aos incitamentos da publicidade e, geralmente, tem um articulista predileto que pensa por ele.

Crê que todos os instintos devem ser satisfeitos, sem importar que essa satisfação esteja ou não de acordo com a reta razão; não é capaz de compreender a abnegação ou a continência; considera a incontinência da língua como sinônimo de liberdade, e nunca, em questões vitais, é senhor de si mesmo.

O que julga bom ou mau muda como o cata-vento; as posições que assume outra coisa não são que uma série de contradições, os carris mentais que assenta num mês remove-os no mês seguinte. Não vai para nenhures, mas tem a certeza de que está a caminho. Para com o passado não se sente grato, nem responsável para com o futuro. Tudo o que importa é distrair-se, de tal maneira que a vida se converta numa estranha manta de retalhos, nenhum dos quais dá a chave do enigma da sua contextura.

Identifica dinheiro com prazer, procura ter muito dinheiro para ter muito prazer. O dinheiro, porém, há de ser adquirido com o mínimo esforço possível. O eu é o centro de tudo e tudo há de ser referido a ele, tendo o dinheiro por intermediário.

Para quebrar a solidão, recorre a uma comunhão «ersatz» com os outros, nos clubes noturnos, nos saraus e nas distrações coletivas. Mas volta de lá mais solitário que antes, acreditando, finalmente, com Sartre que «o inferno são os outros».

Sendo o homem-massa completamente estandardizado, odeia a superioridade, quer real quer imaginária, dos outros. Dos escândalos é que ele gosta, porque parecem provar que os outros não são melhores do que ele. À religião aborrece-a, porque pensa que, negando-a, pode continuar a viver como vive, sem remorsos de consciência.

Tanto pode dar por um número como por um nome, tão imerso está no espírito gregário. Até a autoridade que invoca é anônima. Repete sempre: «eles», «dizem», ou «eles usam», ou «eles fazem isto». Para não assumir responsabilidade, protege-se com o anonimato. Nas grandes cidades, sente-se mais livre, porque é menos conhecido, mas, ao mesmo tempo, odeia-a, porque ela apaga a sua distinção pessoal. O perfeito símbolo do homem-massa impessoal é o número de seguro, que o torna ainda mais estranho a si mesmo.

São estas as dez características do homem-massa que é a matéria-prima de toda a forma de totalitarismo, desde o fascismo ao comunismo. Psicologicamente, é também o tipo do homem infeliz, roído de desespero, de ansiedade, de medo, de preocupação pela falta de sentido da vida. Apesar disto, a sua situação não é desesperada, se quiser entrar em si mesmo. A única razão por que quer andar perdido no meio da multidão é não poder suportar a sua miséria íntima. Por consequência, deve segregar-se das

massas e agarrar-se a si mesmo. A fuga é covardia e evasão, especialmente a fuga para o anonimato.

É preciso que se seja animoso para se poder olhar para o espelho da própria alma, embora aí tenham de ver-se as deformações causadas pelo mau proceder. Não é asserto banal dizer que os homens devem ser homens, e não átomos duma massa. Uma vez que o homem veja as chagas que a si mesmo infligiu, imediatamente deve apresentá-las ao Médico Divino, para serem curadas. Foi a estes homens cansados, aos homens-massa, que Ele dirigiu o apelo: «Vinde a Mim todos os que trabalhais e estais duramente oprimidos, e encontrareis descanso para as vossas almas»

Capítulo LI

Incitamento à Vida Interior

Um pai deu a seu filho um jogo de paciência, constituído por recortes do mundo, e disse-lhe que os recompusesse. O rapaz acabou por formar o mapa do mundo num espaço de tempo extraordinariamente breve. Quando o pai, admirado, lhe perguntou como é que ele o tinha conseguido, o rapaz respondeu: «Havia a figura de um homem do outro lado; quando reuni devidamente as peças relativas ao homem, aquele saiu perfeito»

É esta a chave para compreender todos os problemas políticos e económicos dos nossos dias. Nada acontece no mundo que não tenha sucedido antes no íntimo do homem. Não são feitas as guerras pela política, mas por políticos com uma certa filosofia da vida.

Nunca nenhuma explicação da guerra foi tão clara como a da Bíblia, em que se declara que as guerras são castigos do homem pelos seus pecados. Isto não quer dizer que Deus mande a guerra como um pai que pune o filho por um ato de desobediência; mas antes que a guerra se segue a uma quebra de moralidade, como o trovão se segue ao relâmpago e a cegueira à amputação dos olhos.

Os homens de meia-idade têm vivido numa época, em que a guerra é mais «normal» que a paz. Cumpriu-se, literalmente, o que Nietzsche profetizou, isto é, que o século XX seria um século de guerras. A guerra é um sintoma de colapso da civilização. Apenas há, entre os combatentes, diferentes graus de culpa. Nem tudo é branco dum lado, nem tudo é negro do outro. Quando o corpo adocece, o gérmen não se localiza só num órgão com exclusão de todos os outros; infecciona todo o fluxo do sangue. Assim o mal do nosso tempo não é o mal de Leste ou de Oeste, mas do mundo. É do mundo, porque os homens, geralmente, afastaram-se do verdadeiro centro da sua vida espiritual.

Tendo deixado de temer a Deus, no sentido de um temor filial, como o filho tem pelo seu pai, começaram a temer o homem com um temor servil, como o escravo tem pelo tirano.

O homem moderno tornou-se passivo perante o mal. Pregou, durante tanto tempo, a doutrina da falsa tolerância; acreditou, por tanto tempo, que o bem e o mal eram apenas pontos de vista diferentes, que, agora, quando o mal se lhe patenteia na prática, ele sente-se impossibilitado de fazer qualquer coisa contra ele. Injustiça política, falcatruas nos altos poderes, crime organizado deixam-no frio. Embora viva muito ocupado e ativo no exterior, no interior está passivo e inerte, porque, raramente, ausculta o próprio coração. O remediar o mal cabe, por conseguinte, a agências e organizações burocráticas externas ao homem. Nenhum governo ou estado pode oprimir a liberdade pessoal, a não ser base de toda a liberdade, isto é, a sua responsabilidade para com Deus.

Tendo perdido a sua unidade interior, o homem é cada vez mais compelido a procurar a unidade fora de si, na unidade da organização. Renunciando a toda a responsabilidade, entrega-se cada vez mais ao Estado. As ovelhas que não querem obedecer ao pastor têm de ser reconduzidas por um cão que ladra atrás delas. Os cidadãos que não querem obedecer às leis morais de Deus, têm de ser organizados por um ditador, que lhes dilacera as almas. O enfraquecimento da vida espiritual interior é a causa basilar da desarmonia e da discórdia que reinam no mundo. A urgente organização do caos, criado pelo entorpecimento do sentido moral, clama sempre por algum ditador que julga a lei pessoal e não reflexo da Eterna Harmonia que nos céus impera.

Um grande encargo impende sobre aqueles homens que se chamam religiosos. Nesta hora fatal, todas as suas energias devem ser despendidas em lembrar ao homem o seu destino espiritual, e convencê-lo a invocar a Deus que o criou. Em vez disso, há quem acuse o seu próximo, que também acredita em Deus, de ser desleal à pátria, ou, ainda, tente impor a sua fé, à força, aos seus concidadãos. Tais mentiras prestam um mau serviço a Deus e à pátria. E a sua suposta fé em Deus pode discutir-se, porque ninguém que ama a Deus odeia o próximo, nem tenta incitar cidadãos contra cidadãos, mediante a calúnia. Que aqueles que se chamam católicos, protestantes ou judeus, se lembrem que a função da sua religião é intensificar a vida espiritual do homem, e não inocular dentro dos corações as redomas de azedume, excitando uns contra os outros. Não é dos políticos, dos economistas e dos reformadores sociais que devemos esperar as primeiras diligências nesta reconquista espiritual; é daquele que se confessa religioso. O que não é religioso pode cooperar, repudiando aqueles que se aproximam dele em nome de Deus ou da América, e dizem que o seu próximo nem ama a um nem a outra.

A Religião não pode ser a capa que encubra a adaga do ódio!

Capítulo LII

Moralidade de Espirro

Entre muitos pensadores superficiais de nossos dias, há tendência para ensinar que todo o ato humano é um reflexo sobre o qual não podemos ter domínio. Desejariam classificar a ação generosa como não digna de mais apreço que o pestanejar, o crime como não mais voluntário que um espirro. Esses falsos pensadores julgam que o homem está «condicionado» a agir desta ou daquela maneira, sem liberdade de eleição nem responsabilidade pelas suas boas ou más ações. Afirmam que o crime e o pecado são causados por falta de campos de jogos, ou por um traumatismo de infância, que transformou a vítima em «criança difícil» e a impediu, para sempre, de se «adaptar» à realidade e às suas exigências. Tal filosofia malbarata, radicalmente, toda a dignidade humana. Confunde comportamento, que é humano, com o simples agir, que é animal. Ignora as faculdades espirituais do homem, que o habilitam a não se subordinar aos seus impulsos e não ceder à tentação do expediente mais fácil, por causa da sua dedicação a um ideal. Esta falsa concepção da natureza humana, contradiz a experiência do próprio senso comum: não se é compelido a ler este capítulo, nem se é compelido a pô-lo de parte. E, assim, nestes três minutos que se seguem, pode ter-se a consciência de gozar de liberdade para seguir um ou outro rumo. Em todos os momentos da nossa vida, atua em nós o poder da escolha.

«Eu não podia deixar de o fazer», é a mais fraca e a mais inverossímil desculpa. É particularmente preferida pelos mentirosos, que dizem: «Ela perguntou-me a opinião sobre o seu chapéu novo, e não podia dizer-lhe a verdade!»

Mas por que não? A verdade nunca ofende, se for dita com caridade e bondade. «Mas eu tinha de...» não é desculpa aceitável para cometer qualquer pecado, e mentir é um pecado.

A ideia de que os homens agem por «forças» mais poderosas que a sua vontade, é grandemente perigosa no palco social. Mesmo o assassinato é justificado por alguns, que dizem que a necessidade econômica torna as guerras inevitáveis. Ninguém, em tempos de fé, falou alguma vez de guerras como uma necessidade. As guerras são feitas por homens, não por economias, e os homens, em épocas mais sensatas, que a nossa, passavam por ser agentes livres, que decidiam do próprio destino.

São Tiago disse-nos: «Donde vêm as guerras e as contendas entre vós? Dir-vos-ei donde elas vêm: das concupiscências que infestam os vossos corpos mortais. Os vossos desejos tornam-se insaciáveis, por isso matais; invejais e não podeis satisfazer o vosso desejo, por isso há litígios e guerras»

Não é a guerra atômica que de si mesma há de vir; os homens é que hão de decidir no seu coração se tal guerra virá ou não. Não é a bomba inerte que gera os problemas do nosso tempo, mas a crueldade dos homens. Um montão de bombas nas mãos de São Francisco de Assis seria tão inofensivo como uma flor. Uma só bomba, porém, nas mãos de um Ditador Soviético (ou de um Presidente que a queira lançar), pode ameaçar Nova Iorque ou provocar uma escandalosa calamidade em Hiroshima.

A tradição cristã atribui o mal a uma escolha pessoal, a um ato da vontade livre que abusa da liberdade que Deus deu ao homem. A liberdade é, hoje, sumamente exaltada nos discursos dos políticos, mas é apenas a liberdade política que eles elogiam; ninguém toma o microfone para lembrar ao ouvinte que cada indivíduo é moralmente livre, que os seus pecados são responsabilidade sua. Tal liberdade é ridicularizada; por vezes, temos de espirrar... Por conseguinte, segundo estes pensadores avariados, temos de pecar e nada é capaz de o impedir. Esta tentativa para negar a liberdade do homem converteria, caso ela triunfasse, as pessoas em outros tantos animais.

A «moralidade de espirro» tem especiais atrativos para aqueles que desejam escapar à voz da consciência. Anseiam por acreditar numa filosofia que lhes permita ser cruéis, mentirosos e orgulhosos, sem sentirem remorsos. A sua própria consciência, a sua razão incorrupta, diz-lhes que aquilo que estão a fazer é mau, e que serão responsáveis por isso. Para se subtraírem a este conhecimento incômodo, tentam alguns subornar a sua consciência, de modo que esta apresente uma versão mais favorável. Criam uma nova moralidade, de tal modo calculada que se ajuste às suas ações e as dê como boas. Como a verdadeira consciência era causa de desassossego, então vão inventar uma falsa consciência que os tranquilize e lisonjeie.

O homem que assim criou uma nova consciência, arvorou-se em rival de Deus, capaz de determinar o bem e o mal. Quando faz algo de bom (como contribuir para uma obra de caridade, com a publicação de seu nome nos jornais), chama a si toda a honra. Quando faz algo de mau, dirá: «é porque nasci assim» ou «a minha infância foi infeliz e por isso não se pode esperar de mim melhor proceder».

As falsas consciências parecem triunfar — mas só nas horas claras do dia. No entanto, nas noites longas, os moralistas de espirro são atormentados pelo remorso e o seu desassossego é a Voz de Deus, intimando-os a sair da escravidão, a que a si mesmos se reduziram, para a gloriosa liberdade de filhos de Deus.

Capítulo LIII

O que nos torna normais

Se não tivermos uma ideia clara do que é ser normal, jamais saberemos quando nos afastamos do padrão de saúde mental e moral. E por isso a compreensão de como um

ser humano «funciona»... ou deve «funcionar» ajudar-nos-á a dominar-nos a tempo, e a aplicar travão às nossas tendências para a anormalidade. Todo e qualquer movimento humano passa por três fases. Primeiro, há um pensamento. A seguir, uma resposta emocional. Finalmente, um ato.

A ideia vem sempre antes da emoção. As lágrimas da filha não são a causa da morte da mãe; mas é a morte que causa as lágrimas. Assim a mente registra a experiência, conforme vai tomando conhecimento dos acontecimentos que no mundo se desenrolam à volta de nós; depois, como o capitão na ponte de comando de um navio, dá sinal do acontecimento ao corpo que está sob a sua direção, mais ordens dirigidas à cabine das máquinas do navio. O corpo responde com a emoção apropriada.

Podemos comparar o nosso corpo (incluindo as nossas emoções) a instrumentos musicais, nos quais o espírito do homem pode tocar todas as melodias que quiser, porque a espécie de pensamentos que admitirmos na nossa mente, determina a espécie de sentimentos que depois teremos. A tristeza pode causar úlceras, e o pensamento de uma coisa que nos causa medo pode atrair o sangue aos músculos e pô-los em tensão.

As emoções conduzem-nos, normalmente, à ação, e, durante ela, vão perdendo o poder emotivo; porque as ações são a terceira e última fase, tendo sido a ideia a primeira.

Mesmo nas mais simples ações, o processo é claro; um espectador, num desafio de futebol, pode desviar o corpo para uma aberta, para melhor ver os jogadores. A ideia da aberta gerou o desejo de a preencher, (a emoção), e a ação do corpo seguiu o desejo e a ideia!

Uma vez que tenhamos este conhecimento, sobretudo acerca de nós mesmos, poderemos usar dos fatos da vida de cada dia. Veremos, imediatamente, o absurdo daqueles que afirmam: «Não tem importância alguma o modo como se pensa; o que interessa é como se vive»

E a razão é que nós vivemos como pensamos. Se as nossas ideias forem más, também as nossas ações o serão. Desejar o mal é preparar-nos para o fazer.

«Aquele que fixou os olhos numa mulher para a desejar, já cometeu adultério em seu coração»

E se o nosso credo for errôneo, também o nosso comportamento estará viciado pelo erro. Se não encontramos respostas verdadeiras para a questão por que estamos neste mundo e para onde vamos, não poderemos sentir ou agir com certeza ou lógica. O homem que não pensa retamente, não poderá sentir-se feliz, nem agir com retidão, porque a ideia é a origem de tudo o que se sente e faz.

As ideias malsãs, por vezes, insinuem-se através das nossas defesas; podem mesmo atingir a segunda fase do atrativo emocional, antes de as podermos deter. Mas, ordinariamente, podemos surpreender a ideia na sua primeira fase, e, se for errônea ou doentia, devemos sempre tentar bani-la imediatamente do espírito. É sempre melhor estar vigilante desde o primeiro momento, antes de aquela gerar uma emoção: O espírito deve ser tão metucioso quanto às ideias de que se alimenta, como o estômago o é quanto ao alimento que absorve. Todavia, muita gente que nunca sonhou em se servir à sua mesa de alimento refugado, dá alegremente ao seu espírito, como prato, o refugo da literatura e do cinema.

As ideias e as emoções não devem ser reprimidas... isto é, não devem ser postas fora da percepção interna por medo do pecado, ou pela repugnância em admitir que «alguém como eu» possa ter tais pensamentos. As ideias que vão contra a lei moral e Ideal Cristã o devem ser repelidas do espírito calmamente, e sem nos perturbarmos mais que, quando rejeitamos um pedaço de alimento indigesto que nos foi oferecido.

Se uma ideia não atinge a fase emocional, ainda a podemos dominar sem a reprimir (o que é perigoso) e sem a exprimir em ações (o que é ordinariamente mau). Podemos, também, aproveitar-nos da energia emotiva, que a ideia gerou em nós, mas em sentido oposto, de tal maneira que se transforme numa força de bem.

Suponhamos, por exemplo, que o empregado de um banco tem uma forte tentação de roubar, e que sente o coração a bater, na previsão dos prazeres que o roubo lhe granjeará. Se se demorar na ideia com temor mórbido, paralisará todas as suas ações normais. Se ceder à tentação, acabará por contrair o hábito, porque «um apetite aumenta com o alimento que se lhe dá». Mas há uma saída: pode canalizar a sua energia para um fim útil. Em vez de deixar a mente arquitetar métodos de defraudar o banco, pode consumir a mesma energia mental para aumentar a sua eficiência no trabalho, e, por fim, ganhar honestamente o dinheiro que começara por cobiçar.

A melhor maneira de destruir os maus pensamentos é multiplicar os bons pensamentos, assim como os amores perversos serão aniquilados por um amor mais intenso do bem. São Paulo diz: «Não vos deixeis vencer pelo mal, mas vencei o mal pelo bem»

O mal não deve ser combatido de frente, contando apenas com a força nua da vontade; o melhor é atacá-lo de flanco, desalojá-lo por uma bondade mais intensa, por um maior amor de Deus. Um espírito repleto de ideias de amor e beleza pouco espaço tem para pensamentos maus.

Capítulo LIV

Como Vencer os Maus Hábitos

«Tenho mau gênio», ou «bebo demais», «estou sempre a criticar» ou «sou preguiçoso», são queixas familiares a quantos acreditam ainda que a nobreza de caráter é um objetivo importante. Não fariam tais afirmações se não tivessem um forte desejo de romper a cadeia dos hábitos maus. E podem realizar este desejo, porque todo o hábito mau pode ser suprimido. Mas para se libertar dele, requerem-se quatro coisas:

A introspecção é necessária para que possamos isolar o hábito e vê-lo claramente como pecado. Quando os outros nos criticam alguma falta, a surpresa que então sentimos demonstra que não hemos praticado a introspecção bastante para nos conhecermos. Há alguns que se furtam a examinar a consciência, com receio do que lá possam encontrar; parecem-se com aqueles outros covardes que não ousam abrir os telegramas, porque receiam más notícias. Mas a introspecção é para a alma o que a diagnose é para o corpo — o primeiro passo necessário para a saúde. O filho pródigo «entrou em si», antes de se resolver confessar ao pai os seus erros. Focando o holofote da atenção sobre nós mesmos, descobrimos o vício ou o mau hábito que exige correção; vemo-nos não como desejávamos ser, mas como realmente somos.

O afastamento da ocasião de pecado é o mais fácil meio de evitar o pecado. O meio de evitar incômodos é fugir das situações que nos trazem incômodos: o homem que se queima sempre que se aproxima do fogão, faz bem em se manter distante dele. O alcoólico deve evitar o primeiro trago da primeira bebida; o libertino deve conservar-se longe de mulheres bonitas; o mal inclinado deve fugir de companheiros que o aviltem. Nosso Senhor disse: «Aquele que ama o perigo, nele perecerá»

É difícil vencer a tentação, no último momento, quando o pecado está ao nosso alcance; é fácil de vencer se agimos com decisão, evitando uma situação em que podíamos ser tentados. Porque todos nós somos influenciados pelo meio ambiente, este pode tornar-nos o pecado repelente ou atraente. Podemos, porém, escolher o ambiente que desejamos, e rejeitar implacavelmente aquele que nos leva à tentação. Disse-nos Nosso Senhor: «Se o teu olho direito for ocasião de pecado, arranca-o e arremessa-o para longe de ti»

Isto quer dizer que, se os livros que lemos, as casas que visitamos, os jogos que jogamos, nos fazem tropeçar moralmente, devemos, então, suprimi-los e atirá-los para longe de nós.

O ato da vontade é vital para qualquer realização. Afirmam os médicos que não há melhor remédio para a cura que a vontade de viver. Portanto, se havemos de suplantar os nossos vícios, importa que contra eles usemos de vontade forte. Contraímos maus hábitos, somente porque nos deixamos vencer pelo consentimento da vontade, até que se tomaram automáticos ou quiçá inconscientes. Para os dominar, devemos inverter o processo, e servirmo-nos da vontade para acabar com esse funcionamento automático. O nosso caráter não depende daquilo que conhecemos, mas daquilo que escolhemos,

e quem escolhe é a vontade. Depois de o Pródigo entrar em si mesmo e deixar o ambiente de pecado, firmou-se imediatamente nesta grande resolução: «Levantar-me-ei e irei ter com meu pai»

Uma filosofia sã da vida é necessária para completar a obra, porque não podemos vencer os maus hábitos somente pela vontade. Exige-se também o amor. Os alcoólicos não se curam, se não encontram alguma coisa de maior valia que as atrações do álcool. Também nenhum outro vício é abandonado, se o pecador não encontra um bem positivo que preze mais que o pecado. Nosso Senhor chamou-nos a atenção para a casa limpa e asseada que foi ocupada por sete demônios piores que o primeiro; este foi o resultado inevitável, quando o mal foi expulso, mas não houve um bem que viesse ocupar-lhe o lugar. Mesmo no mundo moral, a natureza tem horror ao vácuo.

Não rejeitamos os maus hábitos porque nem sempre os odiamos devidamente. Lançamo-los fora, amando qualquer outra coisa. Importa que o novo amor que se apodera de nós seja maior do que nós mesmos, porque é o nosso ser que carece correção. Não podemos, com segurança, ir buscar esse amor, como substituto de outro, a qualquer coisa de terreno; aquele que se cura da dissipação com o orgulho ou a ambição, pode ficar pior, depois da reforma, que no pecado. Não há outro amor bastante grande que suplante todos os outros a não ser o amor do próprio Deus, com tudo o que esse amor nos leva a aspirar fazer. Santo Agostinho compendiou os seus efeitos, quando disse: «Ama a Deus e faz o que quiseres»

Com efeito, se amares a Deus de veras, nunca quererás ofendê-Lo, como não desejarias ofender um amigo.

Não podem combater-se eficazmente os hábitos, se não tivermos uma filosofia que centralize a nossa vida em Deus, para Quem fomos criados, e sem o Qual estamos miseravelmente encadeados à sórdida companhia das nossas crescentes imperfeições.

Capítulo LV

Presteza para o Sacrifício

Nunca como hoje, neste período de tréguas (porque dificilmente podemos chamar aos nossos tempos «pacíficos»), houve tão grande presteza para o sacrifício. Este espírito ainda não se patenteia em toda a sua clareza; permanece oculto, como a água debaixo da terra.

O potencial de sacrifício apresenta-se de duas maneiras: uma mórbida e sádica, outra saudável e esperançosa. O sintoma da primeira espécie de sacrifício é a submissão ao totalitarismo de quase uma quarta parte dos povos do globo. O comunismo oferece uma versão laica da doutrina cristã do sacrifício. Proclama que a

abnegação, os expurgos, as liquidações, a violência da revolução são necessários, antes de o homem poder entrar numa espécie nova de paraíso terrestre. O comunismo encontrou em muitos a adesão, não porque os seus ensinamentos sejam verdadeiros, mas porque os homens se enfastiaram da água chilra do liberalismo, que não considerava mal bastante abominável para ser condenado nem bem tão excelente que valesse a pena morrer por ele. O comunismo está a preencher o vácuo criado pelo abandono do imperativo divino: «Tomai a vossa cruz todos os dias e segui-me»

Há, porém, sinais mais salutares desta ânsia de sacrifício: a exigência, que há na juventude, de algo difícil. Aqueles, de entre os jovens, que encontraram uma «causa», servem-na sem desfalecimento, enquanto creem que ela vai contribuir para a salvação do mundo. Se se objeta que há jovens que se entregam à anarquia social e à licença carnal, responderei que isso nada prova a respeito da fraqueza da juventude, ou da sua rebelião contra a lei e contra a autoridade. Considero-o antes como um protesto contra a fraqueza de gerações passadas, que misturavam verdade com erro, virtude com vício e tiraram à vida o seu caráter de seriedade. O espírito revolucionário da juventude é um protesto contra um fracasso dos seus antepassados, que consistiu em não lhe terem transmitido valores austeros e bem definidos, pelos quais valesse a pena morrer; a sua revolta é um gesto de desprezo pelo passivo barbarismo da sociedade em que nasceram. A sua licença carnal é uma revolta contra o vazio da vida, vivida apenas com fins egoístas; tentam compensar a falta de sentido que nesta não veem, com a intensidade de experiências eróticas. Nas piores incriminações contra a juventude, sempre podemos divisar uma esperança; estas coisas denunciam um esforço para um destino mais amplo e para uma vida de dedicação.

Há um período da História Romana que se parece muito com o nosso; nele escolheram os homens como filosofia o estoicismo, que tinha por ideal esta divisa: «cerra os dentes e suporta». Nos tempos modernos, outra filosofia ainda menos adequada ao espírito do homem que o estoicismo romano nasceu da crise das duas guerras mundiais. Apareceu primeiro na Alemanha, depois da primeira Guerra Mundial, e na França, nos nossos dias; é conhecida com o nome de existencialismo.

O estoicismo preparou o homem para o niilismo social, a decadência da civilização; o existencialismo convida o homem a aceitar um niilismo interior, a decadência da personalidade humana, que abandonou a Deus. Os filósofos existencialistas, ao menos, veem claro, não há dúvida, quando mandam os homens escolherem entre duas supremas alternativas: Deus ou o nada. Uma vez que esta escolha foi feita, não se poderá permanecer ao nível da mediocridade: ou a gente se afundará na loucura e no suicídio ou se erguerá para Deus pelo sacrifício e abnegação.

A grande maioria das pessoas do nosso tempo, especialmente gente moça, está pronta para uma difícil ascensão; o que lhe falta são chefes. Estes, criados num ambiente de estufa, que tentou dar à cruz uma forma aerodinâmica e limar as suas

arestas agudas de tal jeito que não pudessem feri-los, — não estão preparados para satisfazer os mais veementes anseios de uma humanidade que tem fome de cruz. Podem observadores superficiais pensar que o chefe popular é aquele que promete, de graça, todas as regalias alguma vez sonhadas: — anos de férias pagas, reformas para os operários aos trinta anos. Mas o futuro chefe que há de fascinar a imaginação dos americanos, particularmente da juventude, trará uma cruz às costas.

Passaram os dias em que os homens se atraíam com promessas. E chegou o tempo de os seduzir apelando para o heroísmo, para o sacrifício e para a renúncia. Milhões se alistarão sob a bandeira daquele que der ao povo algo mais digno de ser amado do que eles mesmos. O Calvário parecia bem longínquo nos dias em que o progresso contínuo dava a esperança de não mais cessar; mas uma década de reveses aproximou-o de nós e aumentou-lhe a sedução. A nova América aguarda uma oportunidade para sacrificar os interesses egoístas a uma causa digna. Quando surgirem chefes que queiram sacrificar-se como vítimas aos valores mais altos que conhecemos, então advirão tempos melhores para todos.

Capítulo LVI

Poderá a Compaixão subsistir por si só?

À medida que o mundo se amolece, usa cada vez mais a palavra compaixão. Isto seria uma característica digna de apreço, se a compaixão fosse bem entendida. Mas, muitas vezes, por compaixão significasse não incomodar aquele que transgride a lei natural ou divina, ou que traiçoa a sua pátria. Esta compaixão é sentimentalismo, não é virtude, visto que justifica que o filho mate o pai, porque este é «demasiado velho».

Para se furtar à imputabilidade da culpa, chamam eutanásia àquilo que é realmente um assassinato.

Em todas essas argumentações em defesa da compaixão, se esquece o princípio de que a compaixão é a perfeição da justiça. Não vem primeiro a compaixão e depois a justiça; mas sim primeiro a justiça e depois a compaixão. Divorciar a compaixão da justiça é sentimentalismo, assim como tirar da justiça a compaixão é severidade. A compaixão não é amor verdadeiro, uma vez que esteja divorciada da justiça. O que ama alguma coisa, há de resistir a tudo aquilo que destruiria o objeto do seu amor. A faculdade de se indignar retamente não indica falta de compaixão e amor; é, pelo contrário, prova de que os tem. Há crimes; cuja tolerância equivale a concordar com a sua malícia. Os que pedem a libertação dos assassinos, dos traidores e quejandos, com o argumento de que devemos «ser misericordiosos como Jesus foi misericordioso», esquecem-se de que o mesmo Salvador misericordioso também disse que não veio trazer a paz mas a espada. Assim como a mãe prova que ama o seu filho, odiando a

doença física que arruinaria o corpo do filho, assim também Nosso Senhor prova que ama a Bondade, odiando o mal, que arruinaria as almas das suas criaturas. Como seria de categoria inferior o médico que fosse compassivo para com os germes da febre tifoide ou da poliomielite num doente, ou o juiz que tolerasse violações, do mesmo modo Nosso Senhor, se fosse indiferente para com o pecado. Um espírito que nunca é intransigente, nem se indigna com o mal, ou não ama, ou, então, é incapaz de distinguir o bem do mal.

O amor pode ter de ser severo, imperioso, e até violento, como era o amor do Salvador. Faz de cordas um azorrague e expulsa do templo os compradores e os vendilhões; recusa-se a fazer a cortesia de falar a pervertidos como Herodes, porque isso aumentar-lhes-ia a perversidade. Encara severamente o Procurador romano, que exaltava a lei totalitária, e lembra-lhe que nenhum poder teria, se não lhe fosse dado por Deus.

Quando uma insinuação delicada feita a uma mulher junto de um poço, não deu resultado algum, Ele foi direito à questão sem contemporizações, e lembrou-lhe que já se tinha divorciado cinco vezes. Quando os que se diziam justos queriam hostilizá-Lo, Ele desafiou-lhes a máscara da hipocrisia e chamou-lhes «raça de víboras». Quando ouviu falar que tinha corrido sangue dos Galileus, foi com formidável austeridade que disse: «Todos vós perecereis como eles, se não vos arrependerdes»

De igual severidade usou para com aqueles que escandalizassem as crianças com uma educação que fosse progressiva no mal: «Se alguém escandalizar a consciência de um destes pequeninos que acreditem em mim, seria melhor para ele ser lançado ao mar, com uma mó de moinho atada ao pescoço»

Disse aos homens que arrancassem os olhos e decepassem as mãos e os pés, de preferência a permitirem que estes membros se tornassem ocasião de pecado e de perda das suas almas imortais. Quando um dos seus discípulos pediu dispensa do labor apostólico para enterrar o seu pai, Nosso Senhor disse: «Segue-Me, e deixa os mortos enterrar os mortos»

Enquanto Marta O servia à mesa, mostrou que uma outra coisa era mais necessária do que esse serviço. Quando os seus discípulos adormeceram, acordou-os sem delongas e censurou-os por não rezarem: e, apesar da confissão plena de São Tomé, repreendeu-o pela sua falta de fé. O seu olhar penetrava tão profundamente às almas, revelando a fraqueza e miséria que nelas se escondiam, que um discípulo se comoveu até às lágrimas.

Se compaixão significasse o esquecimento de todas as faltas sem quaisquer sanções e sem justiça, acabaria por ser a causa da multiplicação dos pecados. A compaixão deve-se àqueles que não abusarão dela, e dela não abusará homem algum que já começou a expiar o mal, fazendo o bem, como a justiça exige. O que alguns

atualmente chamam compaixão, de maneira alguma é compaixão, mas uma espécie de colchão de penas para os que caem das alturas celestes da retidão; e assim multiplicam a culpa e o mal, fornecendo tais colchões. Tornar-se objeto de compaixão não é o mesmo que ficar impune, porque, como diz a palavra divina, «Deus castiga aqueles a quem ama». Homem reto não é o sentimental edulcorado, ou o que reduziu ao silêncio as emoções fortes nascidas de um sentimento apurado de justiça; mas antes aqueles, cuja gentileza e compaixão fazem parte de um mais amplo organismo, cujos olhos são capazes de faiscar com justa indignação, e cujos músculos podem tornar-se como aço, à semelhança de São Miguel, na defesa da Justiça e dos direitos de Deus.

Capítulo LVII

Por que não somos melhores

A razão por que não somos melhores é que não queremos ser melhores; o pecador e o santo diferenciam-se apenas por uma série de pequeninas decisões que se tomam no recôndito do nosso coração.

Em parte alguma se encontram os opostos tão próximos como no reino do espírito; um abismo separa o pobre do rico, o qual só se pode transpor com a ajuda de circunstâncias externas e de boa sorte. A linha que divide a ignorância da erudição é também profunda e extensa: tempo livre para o estudo e um espírito bem dotado são necessários para converter um ignorante num homem culto. Mas a passagem do pecado à virtude, da mediocridade à santidade não precisa de «sorte» nem ajuda das circunstâncias externas. Pode realizar-se por um ato eficaz da vontade, em colaboração com a graça de Deus.

Santo Tomás diz-nos que «não somos santos porque não queremos sê-lo». Não diz, note-se bem, que não desejamos ser santos; muitos, na verdade, têm veleidades disso. Mas a simples veleidade é o desejo de que alguma coisa aconteça, sem que para isso ponhamos da nossa parte o trabalho.

Querer significa que estamos dispostos a pagar as custas necessárias em esforço e em sacrifício.

Por vezes iludimo-nos, imaginando que hemos querido ser melhores, quando, na verdade, fizemos muitas reservas, resolvemos não mudar muitos dos nossos modos de proceder.

Então o desejo é simplesmente uma veleidade. O segredo do progresso espiritual encontra-se no Credo: «Desceu aos infernos; ao terceiro dia ressuscitou»

Cada um de nós também deve descer ao subconsciente, às regiões do nosso espírito que a treva envolve, porque é aqui que se ocultam as secretas reservas. Estas reservas

não são facilmente vistas por nós, mas dão cor a tudo o que vemos; são como essas janelas coloridas que fazem chegar ao nosso intelecto a verdade da realidade externa mudada. A realidade é deformada, se temos reservas tais como preconceitos, hábitos de pecado, orgulho, avareza e inveja; qualquer destas coisas pode tornar-nos impossível um juízo honesto. A verdade é, então, contorcida, para a ajustar às nossas imperfeições; mentimos a nós próprios, para não ter de mudar, nem de abandonar estes hábitos tão estimados de pecado.

Muitos de nós passamos a nossa vida tendo de nós uma falsa ideia, que de modo nenhum queremos ceder; receamos a amargura de nos encontrarmos menos nobres do que gostamos de nos julgar. Coamos a realidade através de um crivo de amor-próprio, pondo de lado toda a verdade que nos incomode. Usar este critério pessoal de verdade é tão errado e vão como seria deixar às nossas preferências decidir qual tecla do piano é o lá médio.

Podíamos fazer de conta que uma tecla mais fácil de tocar fosse esse lá médio, e agir de acordo com essa preferência; mas resultaria daí a desarmonia, não a harmonia. A realidade não pode ser forçada a adaptar-se aos nossos desejos.

Essas reservas a que nos prendemos, estas atitudes que teimamos em não abandonar ou mudar, afetam os nossos juízos e tornam-se falsos. Antes de podermos, algum dia, levantar-nos para alegria da realidade de Deus, temos de descer ao inferno, onde escondemos estas faltas que queremos desconhecer. Isto exige de nós uma análise plena de nós próprios à luz das imutáveis leis de Deus.

Há expressões da gíria, ou ditos populares, que recomendam que não se tenha presunção. Nada, de fato, se opõe tanto ao nosso progresso para Deus como o egoísmo, e o egoísta está sempre cheio de ilusões voluntárias, a respeito de si mesmo, de faltas «sagradas», a que não quer renunciar, que nem mesmo quer confessar que as tem. Eis porque o egoísta, que há em todos nós, tem necessidade urgente de uma inspeção desapiedada a todos os ângulos e cantos escondidos do espírito. Importa sobremaneira ver o que na realidade somos, e não o que julgamos ser. Devemos amar mais a Verdade do que o nosso eu; devemos estar dispostos a renunciar a todas as nossas faltas que ainda não descobrimos, se, enfim, nos queremos tornar aptos para ver a Verdade como ela é.

Nada faz coxear tanto a nossa vida espiritual como estes «parasitas» escondidos no motor da nossa alma. Podem ser uma ou outra das nossas faltas comuns, tais como a ganância, a acrimônia para com os outros, a inveja e o ódio. Aqueles que se esforçam por se aproximar cada vez mais de Deus sem autoanálise, admiram-se de sofrer tão frequentes derrotas: é invariavelmente por causa do Cavalo de Troia que está dentro deles, o defeito dominante ainda não reconhecido. Enquanto não for extirpado e confessado diante de Deus, com o desejo de o destruir, não existirá real progresso

espiritual. Com justeza se exprimia Santo Agostinho, quando dizia: «O Vosso melhor servo, Senhor, não é aquele que procura ouvir de Vós aquilo que ele mesmo quer, mas antes aquele que procura querer o que ouve de Vós»

Capítulo LVIII

A revolução começa pelo Homem

São muitas e variadas as teorias sociais e econômicas que hoje se discutem; mas todos os planos para mudar o mundo podem reduzir-se a dois: uns pretendem reformar as instituições, outros, o homem.

Muitos escritores que apresentam para esta reforma os seus planos, partem do pressuposto de que todos os males da humanidade podem ser imputados a uma instituição, a uma coisa: mudai-a, dizem-nos, e tudo ficará bem. Alguns dos seus programas acusam a propriedade privada como responsável pelo nosso mal-estar, e «reformá-la-iam» convertendo-a em propriedade coletiva. Outros acusam os nossos sistemas parlamentares, e apresentam-se para os «reformar», passando-os a ditadura. Outros acusam a política do ouro, e mandam-nos «reformá-la» estabelecendo a política da prata. Em qualquer caso, porém, a revolução será feita contra alguma coisa exterior ao homem; a culpa dos males é atribuída à propriedade, ao governo, à finança, e a essas mesmas coisas se vai buscar a solução. Os reformadores hodiernos nunca responsabilizam o homem pelas desgraças do mundo, nem procuram reformar o indivíduo.

Esta confiança nas instituições como panaceia universal tornou-se tão grande que muitos reformadores gizam um plano para a paz e prosperidade... e exigem depois que o próprio homem mude a sua natureza para se adaptar ao seu plano. A pessoa humana tornou-se insignificante para eles; o Estado já não se considera como existindo para serviço do homem, mas diz-se que o homem tem a sua razão de ser somente no serviço que pode prestar ao Estado. O homem, em tal sistema, é desumanizado, despersonalizado, vazado num molde ditatorial, de maneira a transformar-se num mero servo de uma nação, raça ou classe.

Este culto obstinado de uma teoria tem tido as mais trágicas consequências em nossos dias. Ao teórico não parece importar que nações inteiras sejam privadas de liberdade, que milhões de homens morram de fome, que milhares sejam liquidados... contanto que a teoria prevaleça. Em vez de fazer com que o chapéu da política dos governos se adapte à cabeça do homem, a tendência moderna é cortar a cabeça, se não lhe serve o chapéu, é reclamar que as instituições, as ideologias políticas e as teorias sociais triunfem, muito embora isso tenha como preço a destruição do próprio homem.

Há, porém, um segundo método de reformar o mundo. Este método é baseado na convicção de que a reforma deve começar pelo homem. Defende que importa, na

verdade, ajustar a sua natureza... mas ajustá-la a um plano muito mais amplo que qualquer teoria temporal, que qualquer governo ou instituição, ou bosquejo para a ordem do mundo. Este segundo método concorda que deve haver uma revolução, mas não uma revolução contra algo exterior ao homem. Urge uma revolta contra o mal interior do homem, contra o seu orgulho, egoísmo, amor-próprio, inveja e avareza.

A segunda espécie de reforma revolucionária não atribui a culpa das nossas desgraças às instituições mas à humanidade... não ao modo como o homem governa a sua propriedade, mas ao modo como se governa a si mesmo. Este método de reforma desperta menos simpatias que o primeiro; todos nós preferimos culpar qualquer outra coisa, que não nós mesmos, pelos nossos males. A criança dá pontapés na porta, em que bateu com a cabeça; o jogador de «golf» quebra a clava, porque não meteu a bola no buraco. Todavia, a culpa de ter falhado é do jogador... e não da clava, nem de Deus contra quem, na sua cólera, talvez blasfeme. O mundo é como o jogador de «golf»: o homem insiste em lançar a culpa da sua infelicidade para longe do único a quem ela cabe, que vem a ser ele mesmo.

Enjeitar a culpa dos nossos males não lhes traz a solução, nem jamais a trará. Com efeito, o mal-estar do mundo é no homem que está. Pouco importa que se transfira o título de propriedade de uns tantos capitalistas para outros tantos comissários, se ambos os grupos são igualmente avaros e fraudulentos. De nada vale dar um novo arranjo às leis ou instituições parlamentares, uma vez que o mal não está nelas, mas no egoísmo dos homens que as aplicam. Se quisermos refazer o mundo, devemos começar por refazer o indivíduo; então, as instituições serão boas, porque se assemelharão aos homens bons que as fizeram.

E esta é a razão por que as instituições e os planos devem ser bastante maleáveis e elásticos, para se adaptarem ao espírito livre e magnânimo dos homens que se nobilitam e ampliam a sua visão, à medida que se aproximam de Deus. Não há objetivo, a não ser o próprio Deus, que seja grande que reclame do homem a transformação da sua natureza; nem há instituição humana que tenha o direito de lhe limitar as aspirações. O homem é a criatura maior da terra; tem mais importância que todas as teorias, todos os governos, todos os planos, porque o mundo e tudo o que ele contém não valem tanto como uma alma imortal. Pereçam as instituições, lancem-se à fogueira os planos, caiam os governos. Tudo isto são meras bagatelas, comparadas com a tremenda pergunta feita a todos nós: «Que interessa ao homem ganhar o mundo inteiro, se afinal vier a perder a sua alma?»

Capítulo LIX

Ainda há Esperança

O mundo de hoje está cheio de profetas da desgraça, e eu seria um deles se não acreditasse em Deus e na Sua Providência. Há trinta anos, a única palavra que andava nos lábios de toda a gente era a palavra «progresso». Agora falar de derrota e da bomba atômica. Esta atitude de pessimismo varia na razão direta e na proporção da frequência com que se seguem os noticiários do mundo. Não se dá isto, apenas, porque as notícias do mundo sejam desanimadoras, mas porque raramente há tempo para contrabalançar as notícias de guerra com outros fatores. Como resultado, a gente leva vida política, não vida espiritual.

Seria interessante ver um locutor tomar conta dos relatórios médicos acerca dos doentes dos hospitais e radiodifundi-los; ou ler os cabeçalhos dos jornais, em que se dá apenas um pormenor da notícia. Poderíamos ler algo parecido com isto: «Perda do apêndice! Vida de que não há esperança!»

Criam-se tremendas desproporções entre a realidade e o estado de espírito pessimista com as parangonas dos jornais e a descrição da notícia, visto que quase sempre o sensacional é identificado com o verdadeiro. Pais que se dedicam amore afeto mútuo, e instilam nos filhos piedade para com Deus, para com o próximo e para com a pátria, não servem para as parangonas. Mas separe-se a «estrela» famosa do marido, após dezoito meses de união biológica, e isso será esplêndido para notícias. É o mais abominável que se aproveita; do bom não se faz caso.

E assim também acontece com a guerra e com a situação do mundo. Os tempos vão maus! Nunca foram piores, porque nunca houve civilização que se voltasse contra a Luz Divina. Estamos, sem dúvida, a presenciar a transferência da herança cristã do Ocidente para o Oriente. Não que o Ocidente a venha a perder, mas porque o Oriente começará a aproveitar-se dela como o Ocidente fez no período da sua florescência. Mas, apesar destes fatos, não chegou a civilização ao seu fim, nem devemos perder a esperança.

Simplesmente atingimos um momento na história, em que Deus permite que sintamos a nossa fraqueza e, miséria, já que confiamos somente em nós mesmos. Não será raro que um pai permita ao filho, que «pensa que sabe tudo», andar às apalpadelas e cometer erros na construção da sua casa-brinquedo, até pedir humildemente ao pai que o ajude.

Longe de ser este um tempo de ruína, é antes uma época de humilhação. Estamos a ser abandonados a nós próprios, aos nossos projetos, às nossas ideias. Estamos a aprender, dia a dia, esta verdade da Escritura: «Ai daqueles que recorrem ao Egito em busca de auxílio, confiando nos cavaleiros porque são em grande número, e nos cavalos porque são fortes, e esqueceram Deus que os ama»

Um lavrador foi com o seu filho a um campo de trigo, para ver se já estava em condições de ser ceifado. O filho apontou para os pés de espiga pendente, e observou: «Os que têm a espiga inclinada não podem ser grande coisa». O pai replicou: «Olha cá, meu idiota, este caule que está tão direito é de espiga chocha, e quase não presta, enquanto estes, que tão modestamente têm a espiga curvada, estão repletos de belos grãos»

Na vida nacional, como na natureza, a humildade, com a cabeça inclinada perante Deus, é o princípio de grandeza.

Os nossos melhores dias ainda não chegaram; entretanto, o homem terá de se submeter à expiação, pela qual aprenderá que, assim como sem o sol não podem sobreviver os seus raios, também ele não poderá alcançar a sua plenitude sem Deus. Esta esperança pode converter-se em vitória por um ou outro destes dois processos: ou acordando para a Verdade o nosso coração pela oração suplicante, ou sendo levados à beira do precipício, até que, dos abismos da nossa insuficiência, levantemos os nossos clamores para a Bondade de Deus.

O mundo, e em especial a nossa pátria, está cheio de milhares de pessoas boas; há uma intensificação de vida espiritual deveras consoladora; cada vez se ora mais pela conversão dos pecadores; a juventude anseia pelo sacrifício espiritual. Não estamos perdidos! Estamos, apenas, a perder o nosso orgulho. Deus nunca cinge com a coroa da vitória uma cabeça orgulhosa.

Assim como as sombras se projetam mais ao longe, quando os raios do sol mais se abaixam, também quanto mais pequenos nos tornamos, maiores somos. O orgulho não compreende a ação de graças. A nossa primeira grande vitória na obtenção da paz será celebrada por um solene ato nacional de ação de graças a Deus. Que tempo levará até então?